

DANIELA BARBETTA GHORAYEB

**SAÚDE MENTAL, QUALIDADE DE VIDA,
RELIGIOSIDADE E IDENTIDADE PSICOSSOCIAL
NAS HOMOSSEXUALIDADES**

CAMPINAS

2007

DANIELA BARBETTA GHORAYEB

**SAÚDE MENTAL, QUALIDADE DE VIDA,
RELIGIOSIDADE E IDENTIDADE PSICOSSOCIAL
NAS HOMOSSEXUALIDADES**

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de Mestre em Ciências
Médicas, área de concentração em Saúde Mental.*

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR PAULO DALGALARRONDO

CAMPINAS

2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

G346s Ghorayeb, Daniela Barbetta
Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade
psicossocial nas homossexualidades / Daniela Barbetta Ghorayeb.
Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Paulo Dalgarrondo
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Homossexualidade. 2. Homossexualismo. 3. Saúde mental.
4. Identidade. 5. Identidade sexual. I. Dalgarrondo, Paulo. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.
III. Título.

Título em inglês : Homosexuality: Mental health and Psychosocial identity

Keywords: • Homosexuality
• Homosexualism
• Mental Health
• Identity
• Sexual identity

Titulação: Mestre em Ciências Médicas
Área de concentração: Saúde Mental

Banca examinadora:

Prof. Dr. Paulo Dalgarrondo
Profa. Dra. Carmita Helena Najar Abdo
Prof. Dr. Cláudio Eduardo Muller Banzato

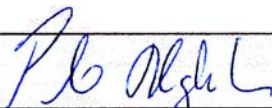
Data da defesa: 23 - 08 - 2007

Banca examinadora da Dissertação de Mestrado

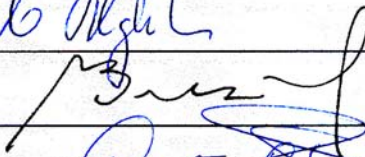
Orientador: Prof Dr. Paulo Dalgalarrrondo

Membros:

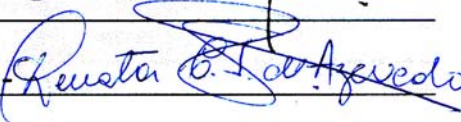
1. Prof. Dr. Paulo Dalgalarrrondo -



2. Prof. Dr. Marco Antônio Alves Brasil -



3. Profa. Dra. Renata Cruz Soares de Azevedo



Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 29/08/2007

DEDICATÓRIA

Para Camilo Francisco Ghorayeb.

Para os sujeitos que participaram dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a presença de Leni Coimbra Massei durante os momentos importantes desse trabalho e ao longo do caminho que o antecedeu;

Aos membros do Laboratório de Saúde Mental e Cultura pelas discussões inspiradoras;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq pelo apoio financeiro, imprescindível para o desenvolvimento dessa pesquisa;

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Dalgalarondo pela precisão das orientações e pela parceria quanto à aposta no estudo do tema.

	PÁG.
RESUMO.....	<i>xix</i>
ABSTRACT.....	<i>xxiii</i>
1- INTRODUÇÃO.....	27
1.1- Algumas questões históricas implicadas nesta linha de estudo.....	29
1.2- Homossexualidade e saúde mental.....	31
1.3- Suporte social, qualidade de vida e discriminação.....	34
1.4- Identidade psicossocial.....	34
1.5- Religiosidade.....	36
1.6- Objetivo geral.....	39
1.7- Objetivos específicos.....	40
1.8- Hipóteses.....	40
2- METODOLOGIA.....	41
2.1- Amostra.....	43
2.2- Instrumentos e procedimentos.....	48
2.3- Considerações acerca da metodologia qualitativa e do objeto de estudo.....	48
2.4- Considerações acerca do estudo piloto, recrutamento dos sujeitos e da observação participante.....	50
2.5- Considerações sobre a coleta de dados através de entrevistas individuais.....	53
2.6- Considerações sobre o processo de análise dos dados.....	55

3- RESULTADOS.....	57
3.1- Apresentação de resultados quantitativos.....	59
3.2- Apresentação de resultados qualitativos.....	65
1- Orgulho e vergonha quanto à orientação sexual.....	65
2- Religiosidade.....	68
3- Preconceito e discriminação.....	69
4- Identidade psicossocial.....	71
4- DISCUSSÃO.....	75
4.1- Prevalência de transtornos mentais, busca por serviços de saúde mental e qualidade de vida.....	77
4.2- Religiosidade.....	79
4.3- Identidade psicossocial.....	80
5- CONCLUSÃO.....	85
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
7- ANEXOS.....	97
Anexo 1- Sobre o título da dissertação: termos, denominações e vocabulários.....	99
Anexo 2- Organização do material qualitativo na íntegra/narrativas temáticas.....	104
Anexo 3- Sequência de instrumentos aplicados.....	177
Anexo 4- Artigo- “Homosexualities: religiosity and psychosocial identity in a Brazilian sócio-cultural context”.....	196
Anexo 5- Artigo- “Homosexualities: Mental Health and Quality of Life in a Brazilian Socio-cultural Context” (artigo já submetido à Revista Brasileira de Psiquiatria em jul/07 como “brief communication”).....	206

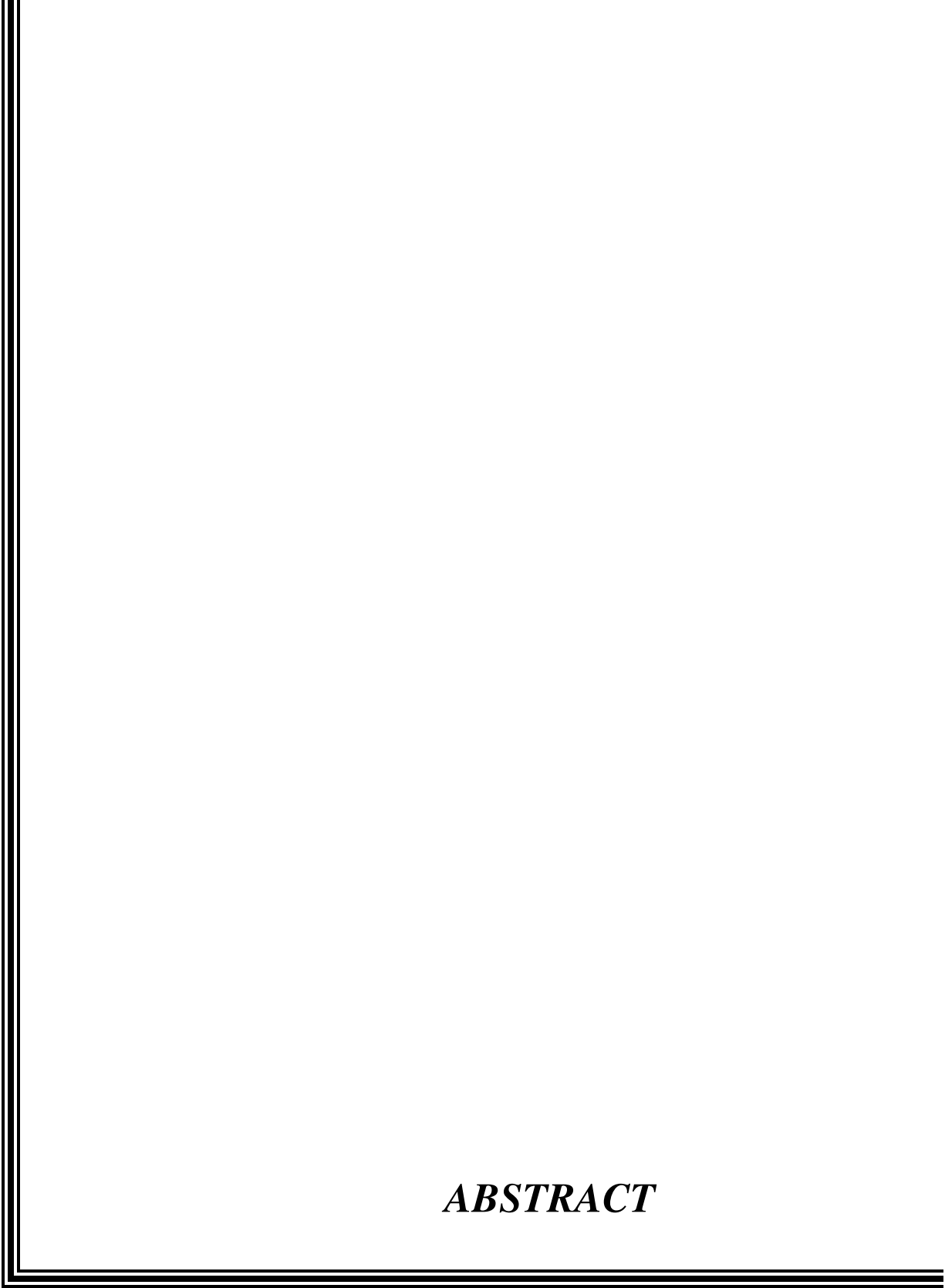
LISTA DE ABREVIATURAS

SOHom	sujeitos de orientação homossexual
SOHet	sujeitos de orientação heterossexual

	PÁG.
Tabela 1- Comparação entre os grupos de SOHom e SOHet relativa à variáveis de saúde mental prevalência de transtornos mentais e de contato prévio com serviços de saúde mental.....	59
Tabela 2- Comparação entre gêneros em cada grupo (SOHom e SOHet) relativa à prevalência de transtornos mentais e contato prévio com serviços de saúde mental.....	60
Tabela 3- Comparação de variáveis de qualidade de vida entre os grupos associação entre variáveis de prevalência de transtornos mentais e qualidade de vida no grupo de SOHom.....	61
Tabela 4- Análise descritiva de variáveis de religiosidade.....	62
Tabela 5- Associação entre variáveis de religiosidade e saúde mental no grupo de SOHom.....	62
Tabela 6- Descrição para o grupo de SOHom de variáveis de identidade psicossocial.....	63
Tabela 7- Associação entre variáveis de identidade psicossocial e religiosidade no grupo de SOHom de acordo com o gênero.....	64

RESUMO

Esse estudo objetivou a produção de conhecimento empírico acerca das homossexualidades no meio sócio-cultural brasileiro. Consideraram-se as dimensões: saúde mental; qualidade de vida; religiosidade e identidade psicossocial. Foram aplicados métodos qualitativos e quantitativos, com pareamento do grupo de estudo (sujeitos de orientação homossexual) com um grupo contraste (sujeitos de orientação heterossexual), a partir do gênero, idade e escolaridade. Para o material qualitativo utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas. Os dados quantitativos obtiveram-se através da aplicação do M.I.N.I. Plus e WHOQOL Bref. Verificou-se maior prevalência de transtornos mentais e busca por serviços de saúde mental no grupo de sujeitos de orientação homossexual comparando-o com o grupo contraste, assim como a associação entre pior saúde mental e pior qualidade de vida no grupo de estudo. A religiosidade deste grupo revela a presença do “individualismo religioso”, fenômeno que participa, assim como o grupo social e as “políticas de identidade” das construções da identidade psicossocial dos sujeitos homossexuais investigados, destacando-se nesse sentido as diferenças marcantes entre os gêneros neste mesmo grupo. A partir do fenômeno de internalização da homofobia aponta-se para a possibilidade de impacto das experiências de discriminação vividas pelos sujeitos sobre a saúde mental dos mesmos.



ABSTRACT

The following study has focused on the production of empirical knowledge regarding homosexualities in the Brazilian social-cultural environment. The following dimensions have been considered: mental health, life quality, religiousness and psychosocial identity. Quantitative and qualitative methods, as well as a comparison between the study group (subjects with homosexual orientation) and the contrast group (subjects with heterosexual orientation), according to gender, age and education have been applied. For the qualitative material, semi-structured interviews have been conducted. The quantitative data has been gathered through the appliance of M.I.N.I Plus and WHOQOL Bref. A higher prevalence of mental disturbances and attendance at mental health services by the group with homosexual orientation have been verified when compared to the contrast group, as well as the association between mental disorder and lower level of quality of life. The religiosity of the study group reveals the presence of “religious individualism”, which takes part in the development of psychosocial identity of these individuals, as well as the integration in social groups. Such development process points to differences between the two genders in the study group. Since the identification of internalized homophobia, a possibility of impact of the experiences of discrimination on the mental health is suggested.

1- INTRODUÇÃO

1.1- Algumas questões históricas implicadas nesta linha de estudo

Abordar o tema das homossexualidades no contexto sócio-cultural brasileiro, objetivando a produção de conhecimento empírico, significa a construção de um percurso científico de desafios e demandas particularizadas a partir da especificidade e complexidades do objeto de estudo.

Inicialmente, constatou-se a exiguidade, em termos do volume da produção científica específica em psiquiatria e psicologia sobre o tema no meio brasileiro. Isto restringe a possibilidade de pautar-se em modelos de estudo assentados, no sentido de uma tradição científica relativamente madura.

Embora seja freqüente a pesquisa das homossexualidades a partir de outras áreas como a sociologia e a antropologia social, o desenvolvimento desse estudo foi pautado nos pressupostos das ciências da saúde (psiquiatria, psicologia e saúde mental), estabelecendo laços possíveis com as ciências anteriormente citadas, mais presentes na produção científica sobre esse tema no Brasil.

Assim, lançou-se mão de conhecimentos produzidos por autores que transitam pela psiquiatria, psicologia, medicina social, sociologia e antropologia social. Foi possível observar alguns pontos de contato (e de conflito) entre saberes diversos estabelecidos, o que acentua a escolha para esse estudo de uma produção de conhecimento que contempla distintas áreas do saber.

Também é pertinente justificar a participação de saberes heterogêneos nesse estudo a partir de quatro fatos mais recentes sobre a homossexualidade: retirada do termo do manual de classificação de doenças psiquiátricas na década de 70 (King e Bartlett, 1990), a visibilidade social crescente, o início e crescimento das chamadas “políticas de identidade” (Woodward, 2000), através dos movimentos políticos vigentes e a atuação do capitalismo de mercado nesse seguimento social, produzindo consumidores soberanos no sistema econômico (Silva, 2000).

Outra questão potencialmente problemática que se apresenta diz respeito à investigação da dimensão “saúde mental”, como foi realizada nesse estudo. Considerando a relação histórica entre a psiquiatria, psicologia e psicanálise e a homossexualidade, é

possível constatar de saída a associação no mínimo polêmica desta última com a doença ou transtorno mental (King e Bartlett, 1990).

Um dos marcos iniciais da moderna “medicalização” do comportamento sexual, surge através da *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing em 1892. Este autor elencou de modo exaustivo as chamadas transgressões sexuais (Faderman, 1985). Em 1920, Hirschfeld afirmava haver predisposições em alguns indivíduos para o “envolvimento físico e psicológico anormal” entre pessoas do mesmo sexo (Porter, 1997).

Nesse sentido, até a era vitoriana as atrações entre o mesmo sexo, até mesmo os possíveis envolvimento sexuais, não possuíam o estatuto de doença definido de forma contundente sobre um indivíduo. Sendo, segundo Foucault (1998) apenas após a apropriação da sexualidade humana pela medicina, que a homossexualidade se torna um “tipo essencial”.

O termo “homossexual” foi utilizado para designar a prática sexual entre mulheres apenas no início do século XX (Faderman, 1985). Porém, após a extensão do termo, a partir de algumas produções científicas, enfatizando-se os trabalhos de Ellis e Symonds (1897), passou-se a sustentar cada vez mais a associação patológica entre a emancipação sócio-econômica feminina, o sexo entre mulheres, a criminalidade e a insanidade (King e Bartlett, 1990).

Já o percurso histórico da relação entre a psicologia, a psicanálise e a homossexualidade apresenta intersecções não menos controversas e notáveis, assim como a influência psicanalítica sobre os saberes psiquiátricos acerca da homossexualidade (King e Bartlett, 1990; Barbero, 2005).

No desenvolvimento da psicanálise por Sigmund Freud, nota-se certa ambivalência quanto à homossexualidade (Barbero, 2005). Em momentos específicos de seu desenvolvimento teórico, têm-se idéias como a natureza bissexual humana, a afirmação da existência de fantasias homossexuais normais ao longo do desenvolvimento psíquico e a afirmação de que a homossexualidade não poderia ser considerada uma doença (Freud, 1905, 1923, 1935).

Entretanto, em 1923, Freud afirma ser a paranóia caracterizada como um mecanismo de defesa contra desejos homossexuais inconscientes latentes. Desta forma, a questão da homossexualidade para o autor mostra-se como um tema tratado ao longo de sua obra, de modo particularizado de acordo com o que estava a desenvolver, não parecendo possível um juízo definitivo sobre a posição final de Freud quanto à homossexualidade (Drescher, 1998).

Em 1932, Melanie Klein afirma sua idéia de que homens homossexuais temeriam, inconscientemente, a vagina, atribuindo a esta um perigo oral (King e Bartlett, 1990). Ainda em decorrência das teorias kleinianas, tem-se a explicação da homossexualidade como uma fixação em um estado primitivo do desenvolvimento psíquico, tornando-se viável a idéia da possibilidade de tratamento (Barbero, 2005).

Posteriormente no campo psicanalítico, outras teses e explicações para a origem da homossexualidade foram desenvolvidas e disseminadas, destacando-se mais contemporaneamente o pensamento de Lacan, que em sua re-leitura de Freud, propõe a orientação sexual relacionada à assunção da posição sexual dos sujeitos, divergindo da idéia freudiana de que a homossexualidade ou a heterossexualidade seriam determinadas pela natureza da escolha objetual (Barbero, 2005).

Portanto, tratar nesse estudo do tema das homossexualidades implica aceitá-lo em sua complexidade e estar atento à determinação dialética entre a própria ciência e o contexto social, isto é, a ciência determina e é determinada pelo contexto social (Rich, 1980).

1.2- Homossexualidade e saúde mental

Um dos aspectos abordados nesta pesquisa quanto às homossexualidades, diz respeito à prevalência de transtornos mentais em sujeitos de orientação homossexual (SOHom). Tal aspecto mostra-se relevante pois esses indivíduos convivem num contexto social hostil à sua orientação sexual, o que hipoteticamente e com base em alguns dados da

literatura (Warner et al. 2004), pode representar um fator deletério para a saúde mental e a qualidade de vida desses sujeitos.

O que parece ser particularmente gerador de sofrimento é o conflito vivido entre os padrões sociais de orientação sexual estabelecidos e a homossexualidade por eles experienciada. Mc Coll (1994) em um artigo de revisão sobre o tema afirma que os estudos realizados na década de 80, sobre a prevalência de transtornos mentais em SOHom, mostraram que a ocorrência de transtornos mentais parecia estar relacionada com eventos de vida, nos quais havia um contexto social hostil à orientação homossexual. Isto atingiu freqüentemente a auto-estima dos indivíduos, o que era acentuado pelo preconceito e estigmatização.

Desse modo, um dos aspectos da investigação mais recentemente proposta delinea o cruzamento dos temas saúde mental e homossexualidade, com uma lógica que tenta superar preconceitos que estavam nas bases das associações formuladas desde o início do século XIX.

Nesse sentido, Paul et al. (2002) realizaram extensa pesquisa revelando os seguintes dados: de 2.881 homens de orientação homossexual entrevistados, 21% já havia feito planos de suicídio; 12% havia tentado o suicídio, sendo que quase metade desses 12% tiveram múltiplas tentativas. A grande maioria que tentou suicídio, o fez antes dos 25 anos. Esses dados levaram os pesquisadores a considerar que tais indivíduos apresentam marcante risco de tentativa de suicídio sendo esse risco maior no período anterior aos 25 anos. Como conclusão, os autores relacionaram o risco com o fato desses indivíduos viverem num contexto social hostil à sua orientação.

Estudos recentes têm sugerido a frequência de certa vulnerabilidade de indivíduos de orientação homossexual de ambos os gêneros a transtornos depressivos, abuso e dependência de substâncias psicoativas, ansiedade generalizada e auto-mutilação, quando comparados a indivíduos de orientação heterossexual (Hershberger e D'Augelli, 1995; Fergusson, 1999; Lock e Streiner, 1999; Cochran, 2001).

Warner et al. (2004) realizaram uma extensa pesquisa na Inglaterra, investigando a saúde mental de 1285 sujeitos de orientação homossexual, obtendo os seguintes resultados: 43% dos sujeitos apresentaram algum transtorno mental, de acordo

com a aplicação do instrumento CIS-R (Revised Clinical Interview Schedule). Dentre esses sujeitos, 31% já tinham tentado o suicídio. Isto foi associado pelos pesquisadores com experiências de discriminação, a partir das entrevistas abertas realizadas durante o estudo.

Outro estudo também realizado no Reino Unido, por King et al. (2003) investigou não apenas a prevalência de transtornos mentais em sujeitos homossexuais, mas a qualidade de vida dos mesmos em comparação com sujeitos heterossexuais. Tal estudo compôs os seguintes grupos comparativos: 656 homens homossexuais, 505 homens heterossexuais, 430 mulheres homossexuais e 588 mulheres heterossexuais. Identificou-se que os homens homossexuais apresentaram tendência maior que os heterossexuais para pontuarem acima da linha de corte no CIS-R, o que sugeriu maiores níveis de sofrimento psíquico. O mesmo foi observado quando da comparação entre as mulheres homossexuais e heterossexuais. Mais além, também verificou-se que homens e mulheres homossexuais apresentaram maior procura por serviços de saúde mental com relação aos sujeitos heterossexuais.

Em consonância a esses estudos, algumas investigações sobre auto-mutilação e homossexualidade têm apresentado evidências de maior frequência de auto-mutilação entre sujeitos de orientação homossexual. Skegg et al. (2003) pesquisaram tal associação contando com um grupo de 946 sujeitos de orientação homossexual.

Outros investigadores têm produzido resultados que apontam para a relação entre os transtornos mentais identificados, assim como o sofrimento emocional, com as experiências de preconceito, discriminação, estigmatização e ausência dos suportes familiar e social para os sujeitos de orientação homossexual pesquisados (Mays e Cochran, 2001; Meyer, 2003; Mc Andrew e Warne, 2004).

O que é possível identificar na literatura revisada é a ênfase na dimensão social como fator de impacto sobre a saúde mental dos sujeitos pesquisados, o que inaugura uma abordagem que se pretende mais ampliada sobre o tema das homossexualidades, na medida em que agrega à pesquisa e à produção de conhecimento a perspectiva das relações dos sujeitos pesquisados com o “campo social”, incluindo seus possíveis desdobramentos (Bourdieu, 1984).

1.3- Suporte social, qualidade de vida e discriminação

Partindo-se da constatação de um contexto social hostil à orientação homossexual e o aumento do risco de suicídio para esses sujeitos, é possível supor que a qualidade de vida dos mesmos também esteja relacionada ao suporte social que tais sujeitos recebem (Paul et al. 2002; Rutter e Soucar, 2002).

Kaplan (2002) em pesquisa original abordou as dificuldades específicas enfrentadas por SOHom idosos submetidos a tratamento ou internação por motivos de saúde. Ressalta as conseqüências da homofobia existente entre aqueles que são incumbidos dos cuidados com a saúde de tais sujeitos.

Assim, a homofobia possivelmente ameaça a auto-estima e o auto-conceito dos sujeitos, reforça o isolamento social e os coloca sob grande risco de auto-negligência, possivelmente afetando a qualidade de vida dos mesmos. King et al. (2003) apresentou um estudo comparativo que investigou a qualidade de vida de sujeitos homossexuais em comparação com sujeitos heterossexuais na Inglaterra. Os homens homossexuais obtiveram pontuações que indicaram pior qualidade de vida em relação aos heterossexuais, a partir da aplicação do instrumento GHQ12 (General Health Questionnaire).

Desse modo, esse estudo evidenciou não apenas uma pior qualidade de vida nos homens homossexuais com relação aos heterossexuais, mas também encontrou uma associação de pior qualidade de vida com pior saúde mental e com vivências de discriminação.

1.4- Identidade psicossocial

Ao tratarmos do tema das homossexualidades torna-se relevante alguma explanação quanto ao conceito de identidade sexual e as categorias que o compõe (Shivey e De Cecco, 1997).

A identidade de gênero é compreendida como a convicção e a sensação íntima, pessoal de um indivíduo de ser homem ou mulher, o que pode ou não estar de acordo com o sexo biológico. O papel social refere-se a comportamentos e funções exercidas pelo indivíduo associadas a conceitos e representações sociais de masculinidade ou feminilidade. Já a orientação sexual refere-se à preferência sexual, física, estética, sócio-cultural ou afetiva, cuja compreensão impõe facetas como atração sexual, comportamentos, fantasias e preferências emocionais ou sociais (Shivey e De Cecco, 1997).

Desse modo, uma considerável diversidade parece esconder-se por trás do termo homossexual. Geralmente, aquele que tem seus interesses voltados para um indivíduo do mesmo sexo é considerado homossexual, sem que a maior parte dos aspectos afetivos das homossexualidades seja levada em conta, assim como as facetas identitárias que participam da orientação sexual que se apresenta (Hartmann, 1990).

Tal diversidade pode ser exemplificada ao considerar-se um possível contínuum existente entre a homossexualidade e a heterossexualidade, uma vez que um indivíduo pode manter relações afetivas e sexuais com outro indivíduo do sexo oposto, embora tenha fantasias e desejos pelo mesmo sexo (Kinsey et al. 1948; Krajeski, 1990).

Além disso, a orientação sexual, apesar de para muitos ser vitalícia, pode mudar para alguns sujeitos ao longo do tempo. Por exemplo, não parece ser incomum relatos de indivíduos que afirmam que passaram a vivenciar uma orientação sexual homossexual após atingirem uma certa idade (Kinsey et al. 1953; Krajeski, 1990).

Portanto, compreender e reconhecer que a orientação sexual deve ser vista como dinâmica e complexa, assim como a identidade sexual humana, parece ser crucial. Isto é fundamental para que a diversidade existente nas homossexualidades não fique obscurecida ou reduzida por produções do imaginário social, tais quais os estereótipos sociais mais comuns (Kertzner, 1990).

Deve-se ressaltar que termos e nomenclaturas como gay, lésbica, homossexual entre outros, descrevem apenas uma dimensão do indivíduo e de sua identidade. A homossexualidade é, portanto, apenas uma parte da identidade sexual individual, a qual é descrita por Shivley e De Cecco (1997) como sendo composta pelas várias categorias descritas anteriormente.

1.5- Religiosidade

A relação entre religiosidade, orientação homossexual e identidade psicossocial foi um dos aspectos importantes investigado nesta pesquisa.

Desta forma, parece existir um dilema atualmente posto aos SOHom, o qual suscita um conflito entre os padrões, valores e dogmas religiosos e a orientação sexual desses sujeitos.

Há indicativos na literatura de que homens de orientação homossexual têm uma religiosidade mais pronunciada (Sherkat, 2002), o que criaria uma situação psicossocial de conflito interno e de valores pelo menos em potencial (Loseke, 2001).

No trabalho “Orientação Religiosa e Atitudes Relacionadas à Homossexualidade”, Griffiths et al. (2001) relatam os dados de avaliação de 158 sujeitos de diferentes denominações religiosas sobre as atitudes dos mesmos em relação a indivíduos de orientação homossexual. Verificou-se uma atitude de condenação relacionada à homossexualidade, principalmente quando essa orientação era supostamente assumida pelo líder religioso.

Em relação à questão do dilema vivido por indivíduos de orientação homossexual quanto à sua própria religiosidade, é importante compreender as formas ou tentativas de resolução do conflito vivido por esses sujeitos. Wilcox (2002) investigou detalhadamente o que tem sido denominado “individualismo religioso” entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais cristãos.

Tal investigação consistiu em entrevistas realizadas com 34 mulheres (sendo 32 lésbicas e 2 transexuais) e 38 homens (sendo 34 gays e 4 bissexuais). Esses sujeitos faziam parte da UFMCC (*Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches*), uma denominação cristã que trabalha basicamente com gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. O objetivo desse estudo foi conhecer e compreender as formas de religiosidade desses sujeitos, pressupondo certa incompatibilidade existente entre a orientação sexual e os dogmas e valores cristãos.

O estudo formula o “individualismo religioso” como uma religiosidade seletiva, na qual estão contidos valores religiosos não conflitantes com as questões individuais dos sujeitos, funcionando como uma estratégia de integração entre as identidades sexual e religiosa. Parece importante destacar que quando um SOHom assume sua orientação (“sai do armário”), o que tende a ser questionado com relação à religião é a validade da identidade cristã desse indivíduo, fato que expressa a impossibilidade de ser gay, lésbica, bissexual ou transexual e cristão concomitantemente (England, 1998).

Desta forma, tal situação parece impor uma relação de exclusão necessária entre as identidades sexual e religiosa, o que pode configurar-se como um dilema existencial e sério conflito psicológico e social para alguns.

Assim, “o individualismo religioso” aponta para uma possibilidade de acordo ou negociação entre essas duas facetas identitárias. Entretanto, tal acordo exige a elaboração pessoal de um diálogo flexível e criativo entre as tradições religiosas introjetadas e os significados individuais atribuídos às mesmas. Isto pode resultar em processo de subjetivação e consequente elaboração de novos significados, que conduzam o indivíduo a um novo processo de introjeção desses significados, agora mais aceitáveis para o sujeito que os anteriores (Marty, 1998).

Lynn Dufour (2000) usou em seus estudos o termo “*sifting*” (“peneirar”, “joeirar”) para descrever um processo de “identificação religiosa seletiva”, quando explorou a construção da identidade de feministas judias. Identificou três tipos de identidades resultantes desse processo: inclusionista (em que o indivíduo apenas inclui os preceitos religiosos em seu modo de conceber o mundo e a si mesmo), transformadora (em que o indivíduo é capaz de transformar o discurso religioso, de modo a opor-se aos preceitos, mesmo mantendo-se em contato com a religião) e reinterpretativa (em que o indivíduo atribui significados pessoais, muitos compartilhados pelo grupo minoritário aos preceitos religiosos, como consequência de um processo subjetivo interpretativo). Esses tipos de identidade resultantes de processos de integração entre identidade sexual e religiosa também foram incorporados pela pesquisa de Melissa Wilcox (2002).

Ainda como uma estratégia de integração entre identidades, Wilcox (2003) identificou uma concepção essencialista apresentada pelos sujeitos entrevistados. Tal concepção configura-se como uma crença de que a orientação homossexual é algo pré-determinado mesmo antes do nascimento, o que acaba por ser apoiado por certa visão cientificista de que a genética pode explicar a orientação sexual de um indivíduo.

Por outro lado, o essencialismo dos SOHom estudados também se apóia em certa idéia de um Deus criador, que como responsável pela criação do homem especificamente determinado, pode criá-lo heterossexual, gay, lésbica, bissexual, ou mesmo transexual (Wilcox, 2003).

Desta forma, nesse estudo as crenças essencialistas sobre a homossexualidade parecem livrar os sujeitos do sentimento de culpa por viverem um suposto pecado perante seu grupo religioso (Wilcox, 2003). Mais que isso, parece possível formular que a concepção essencialista, em última análise, livra os sujeitos dos desdobramentos em termos subjetivos das posições sexuais assumidas.

Da mesma maneira que a visão essencialista pode arrefecer a culpa (Loseke, 2001), também pode ser eventualmente fortalecedora da reivindicação política de indivíduos de orientação homossexual por direitos civis iguais aos de outros cidadãos. Assim, para alguns parece ser mais fácil que a sociedade aceite esses indivíduos através de uma concepção essencialista.

Assim, alguns movimentos sociais minoritários, inseridos nas políticas de identidade, acabam por promover, principalmente no caso dos homossexuais, não apenas a visibilidade social, mas a identificação dos mesmos com uma essência homossexual, que é legitimada também pela perspectiva essencialista, genética anteriormente descrita (Costa, 1992). Paralelamente nasce então, um segmento de mercado que se estabelece e em consequência, produtos de consumo que diferenciem ainda mais um segmento (grupo identitário) do outro. No caso dos homossexuais, alimentando um sistema social que já se fazia segregador, e que através do capitalismo de mercado segrega ainda mais, com a participação ativa dos membros do grupo segregado, que passam a ter produtos, serviços e

entretenimento totalmente voltados para aquilo que foi identificado como as suas necessidades e desejos.

Nesse sentido, Viss e Burn (1991) destacam a questão da diversidade de identidades dentro de grupos específicos, no caso, indivíduos homossexuais. Segundo estes autores, as pessoas tendem a superestimar as diferenças entre grupos e a similaridade entre indivíduos de um mesmo grupo.

Considerando então as diversas dimensões identitárias apresentadas anteriormente, privilegia-se como um dos aspectos do presente estudo, a investigação da identidade psicossocial dos sujeitos de orientação homossexual.

Assim, tomando-se conceitos de identidade centrados no indivíduo, que dizem da consciência de si e de um sentimento de integração e continuidade no tempo e espaço (Erikson, 1970) e também considerando a inserção desse mesmo indivíduo no campo social, marcado pela história e cultura, baseadas nos recursos simbólicos que permitirão e modularão a constituição do laço social (Bourdieu, 1984), considera-se fundamental nesse estudo o movimento reflexivo que não perca a perspectiva da identidade psicossocial como contingente, ou seja, como desdobramento de diversos discursos e práticas sociais, as quais não se restringem às histórias pessoais, mas decorrem também de contextos históricos, culturais (Woodward, 2000).

Portanto, de modo geral, buscou-se a produção de conhecimento empírico. Tal conhecimento foi delimitado nas dimensões investigadas à qualidade de vida, saúde mental, religiosidade e identidade psicossocial de SOHom.

1.6- Objetivo geral

Identificar a prevalência de transtornos mentais e a qualidade de vida em SOHom e compara-las com as de SOHet de mesma faixa etária, nível sócio-econômico e educacional.

1.7- Objetivos específicos

- Avaliar a religiosidade em SOHom e comparar com a de SOHet.;
- Avaliar dimensões da identidade psicossocial em SOHom;
- Avaliar as relações entre qualidade de vida, prevalência de transtornos mentais, religiosidade e identidade psicossocial em SOHom.

1.8- Hipóteses

- Os SOHom apresentam pior saúde mental e qualidade de vida quando comparados aos SOHet de mesma faixa etária e níveis educacional e sócio-econômico;
- A religiosidade entre os dois grupos apresenta-se diversa, tendo os homens homossexuais uma religiosidade mais acentuada que homens heterossexuais de mesma faixa etária e níveis educacional e sócio-econômico. Homens e mulheres homossexuais lançam mão de estratégias como o “individualismo religioso” para as experiências sociais relativas à religiosidade.
- As experiências de preconceito e discriminação social têm impacto sobre a saúde mental, qualidade de vida e religiosidade dos SOHom.

2- METODOLOGIA

2.1- Amostra

Entre março e outubro de 2005 foi conduzido um estudo de campo, o qual estruturou-se a partir de entrevistas individuais de 120 sujeitos (60 que se identificaram como sendo de orientação homossexual) e (60 que se identificaram como sendo de orientação heterossexual).

Nesse sentido, torna-se fundamental enfatizar o fato de que os sujeitos participantes do estudo, tanto aqueles do grupo de estudo, quanto aqueles do grupo contraste, foram incluídos a partir da auto-identificação quanto à orientação sexual, não sendo tais inclusões baseadas no comportamento sexual dos mesmos.

Desta forma, trabalhou-se com um grupo contraste, pareado de acordo com a idade (+ ou – 2 anos), gênero e escolaridade. O recrutamento dos sujeitos ocorreu pelo método “bola de neve”, no qual cada sujeito entrevistado indica outros para a continuidade do estudo.

Os primeiros sujeitos tanto do grupo de estudo, quanto do grupo contraste foram contatados diretamente, ou seja, eram sujeitos que tinham alguma relação com a pesquisadora, sendo os demais contatos, obtidos por indicações. Como critérios de inclusão para ambos os grupos estabeleceu-se a idade mínima de 18 anos e a auto-identificação dos sujeitos como sendo de orientação homossexual ou heterossexual, há pelo menos 12 meses.

Vale mencionar que apesar dos primeiros sujeitos que participaram do estudo terem sido contatados de forma direta, o que implica em terem alguma relação com a pesquisadora, tanto durante a coleta de dados a partir desses sujeitos, quanto posteriormente, quando da análise desses dados especificamente, avaliou-se a possibilidade de aproveitamento de tais dados, dedicando-se atenção necessária no sentido do quanto o fato dos entrevistados conhecerem previamente a entrevistadora poderia influenciar negativamente nos dados colhidos.

Consequentemente, três das entrevistas realizadas no início do estudo, com sujeitos de orientação homossexual foram descartadas, pois a partir da análise qualitativa dos dados obtidos observou-se que os mesmos demonstravam algum constrangimento, ou

mesmo omissão de informações, de modo a indicar que a relação com a pesquisadora não promovera as condições favoráveis para a validade das informações obtidas. Assim, foi possível substituir tais sujeitos por outros que foram contatados através do método “bola de neve”.

Levando-se em conta o processo de amostragem e coleta de dados como um todo, seria relevante considerar as dificuldades presentes neste. O contato com os sujeitos do grupo de estudo se mostrou menos complexo do ponto de vista do acesso aos mesmos, do que em termos da abordagem destes sujeitos ao longo do processo da coleta de dados em si, isto é, das entrevistas.

Os primeiros acessos, de modo geral, cumpriram sua função de dar início à aplicação do método “bola de neve” em uma sequência não dificultada pelo fato da especificidade do objeto de estudo. Parece clara a influência positiva do relacionamento prévio à pesquisa, o qual já se dava entre a pesquisadora e os primeiros sujeitos entrevistados.

Tal afirmativa se dá considerando o modo como os sujeitos que foram indicados sequencialmente receberam o contato e convite da pesquisadora para a participação no estudo. Assim, os primeiros sujeitos contatados já através do método “bola de neve”, não só se colocaram bem acessíveis, mas salientaram o fato de já estarem sabendo do possível convite, através dos sujeitos anteriormente entrevistados, muitos afirmando saberem da relação anterior ao estudo mantida pelos sujeitos e a pesquisadora.

Parece ter sido atribuído um valor positivo ao estudo, além da confiabilidade no trabalho da pesquisadora, não apenas do ponto de vista da ética, mas, sobretudo do ponto de vista pessoal, ou seja, os sujeitos que foram indicados por aqueles que já conheciam a pesquisadora se relacionaram com ela de modo bem parecido com os primeiros, lhe oferecendo crédito prévio ao posterior contato e realização das entrevistas.

Desta forma, identificou-se a vantagem e facilitação da abordagem dos sujeitos, quando ao fim das entrevistas com um sujeito pedia-se para que outros sujeitos fossem indicados, mas que estes fossem primeiramente consultados por aquele sujeito que os indicava.

Consequentemente, tal estratégia foi adotada ao longo de todo o processo de amostragem e coleta de dados, o que não se restringiu ao grupo de estudo, mas também ao grupo contraste, tornando os primeiros contatos, geralmente telefônicos, entre a pesquisadora e os sujeitos mais efetivos e produtivos, uma vez que tais sujeitos se mostravam, na maioria de fato dispostos à participação no estudo.

A amostragem tornou-se a partir desta estratégia, menos problemática no tocante ao acesso dos sujeitos. Porém, durante essa fase do estudo houve grande atenção quanto ao risco de homogeneização da amostra do grupo de estudo, fazendo com que a tentativa de diversificar fosse constante.

As chamadas “ondas” que surgem através do método “bola de neve” tendem a serem constituídas de sujeitos com muitas características em comum, o que pode restringir os dados colhidos, em termos de alguma possível extrapolação, ou mesmo caracterização, interpretação sobre o que se pretende estudar a partir de um grupo específico.

Priorizou-se a diversificação da amostra, de modo a interromper-se uma “onda” quando a quantidade de sujeitos com uma mesma característica mais marcante estivesse se tornando grande com relação ao número de sujeitos, que se objetivava para a formação do grupo de estudo.

Um exemplo possível de ilustração pode ser tomado como uma “onda”, na qual os sujeitos fazem parte como militantes, de movimento social GLTB (Gays, Lésbicas, Travestis, Transgêneros e Bissexuais), ou ainda ter-se uma “onda” de sujeitos contaminados pelo vírus HIV. Considerou-se prejudicial aos objetivos do estudo a prevalência significativa de grupos muito específicos dentro da amostra total, também considerando-se o “n” desta pesquisa.

Quanto à coleta dos dados, o que inclui a realização das entrevistas e a observação participante em contextos específicos, como bares, boates, festas e reuniões de grupos militantes do movimento social, outras realidades puderam ser observadas e vivenciadas no contato entre a pesquisadora e os sujeitos, não apenas que compuseram o grupo de estudo, mas de orientação homossexual de modo geral.

Primeiramente, as observações de campo nos contextos descritos não se constituíram como modo de coleta de dados restrita no sentido de serem tomadas como conclusivas, levando-se em conta que tais contextos incluem o viés do que poderia se chamar do gueto.

Tais contextos eram majoritariamente compostos por sujeitos homossexuais, enquanto muitos dos sujeitos entrevistados relataram não freqüentar, ou freqüentar raramente esses contextos. Assim, seria inconsistente tomar os dados da observação participante como conclusivas acerca do grupo de estudo. Contudo, a presença da pesquisadora neste campo possibilitou algumas observações quanto ao modo de organização, ou mesmo de relação entre os sujeitos presentes.

A presença de mulheres em tais locais se mostrou muito inferior, ou mesmo inexistente com relação à presença de homens, havendo espaços muito específicos onde houve presença maior de mulheres. Enquanto as festas privadas parecem ser mais freqüentes entre as mulheres, havendo nessas uma restrita presença de homens.

Nos ambientes como as boates, onde há concentração de muitas pessoas, além da presença masculina ser majoritária, é possível perceber certa divisão dos sujeitos em subgrupos como os mais efeminados e os mais másculos, que ainda se mostram separados daqueles que se “montam”, ou seja, que se produzem de forma exuberante e excêntrica, sejam ou não formas femininas de se vestir.

Quanto à presença da pesquisadora nesses contextos de entretenimento, não foi identificada qualquer reação que pudesse ser atribuída ao fato da função de pesquisa, uma vez que o propósito da presença apenas havia sido comunicado aos sujeitos que já conheciam a pesquisadora, não sendo do conhecimento dos demais sujeitos.

Já nos ambientes de entretenimento masculino, onde a pesquisadora não conhecia nenhum dos sujeitos, identificou-se uma reação de curiosidade e algum incômodo, uma vez que as mulheres são pouco freqüentes nestes locais. Também foi observado o caráter exclusivo da homossexualidade masculina em certos locais, como um critério da possibilidade de contato e troca, ainda que sejam esses locais de lazer.

Quanto às reuniões militantes, identificou-se grande diferença na receptividade da presença da pesquisadora nas reuniões femininas e masculinas, tendo havido maior facilidade de alguma interação nas reuniões femininas. Seguindo a mesma observação, também nos ambientes de entretenimento feminino, a presença da pesquisadora mostrou-se mais acessível.

Considerando a coleta de dados através das entrevistas realizadas, identificam-se algumas dificuldades, que por serem da ordem da reação entre entrevistador e entrevistado não poderiam ser previstas a priori. A princípio, vale destacar que as dificuldades presentes nesta fase do estudo podem ser circunscritas, em sua maioria, em relação à coleta de dados realizada a partir dos homens do grupo de estudo.

Durante algumas entrevistas, embora na grande parte dos casos o contato telefônico tivesse sido de disponibilidade, surgiram momentos em que reações hostis se apresentaram, mais especificamente voltadas à figura da pesquisadora, o que teve de ser manejado de forma articulada pela pesquisadora, no sentido da continuidade do processo.

Algumas das reações de incômodo, desdobrando-se em hostilidade desembocaram em perguntas diretas dos sujeitos à pesquisadora, solicitando que esta explicitasse o que queria saber, em outros momentos que se posicionasse a favor ou contra a homossexualidade, que dissesse algo sobre sua própria sexualidade, entre outras questões.

Tais questões pareciam não apenas serem formuladas de modo reativo a algum incômodo ou mobilização por conta das perguntas feitas, mas talvez pudessem funcionar como possibilidade de transformar a entrevista em algo menos formal, onde fosse possível um espaço de escuta, onde supunham um saber na figura da pesquisadora. Faz-se relevante comentar que alguns dos sujeitos entrevistados, após algum tempo do contato com a pesquisadora a procuraram para um pedido de atendimento em análise.

De modo complementar, é relevante considerar que os sujeitos do estudo, na sua maioria sabiam da profissão da pesquisadora, pois em grande parte formularam perguntas a respeito de sua formação antes do início das entrevistas, momento em que a pesquisa era explicada aos sujeitos, eram dadas as orientações e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido.

2.2-Instrumentos e procedimentos

Cada participante foi entrevistado individualmente, tendo sido investigadas as dimensões: perfil sócio-demográfico, qualidade de vida, religiosidade, saúde mental e identidade psicossocial. A investigação da última dimensão mencionada ateu-se apenas ao grupo de estudo. A aplicação dos instrumentos foi realizada na ordem exposta anteriormente, de modo a propiciar, gradativamente ao entrevistado e entrevistador, uma atmosfera favorável à abordagem dos temas específicos de cada dimensão da entrevista.

Para a obtenção dos dados relativos à saúde mental, aplicou-se o M.I.N.I (Mini International Neuropsychiatric Interview). 5.0 Plus Versão Brasileira. Tal instrumento consiste em uma entrevista diagnóstica estruturada, a qual investiga os transtornos mentais do eixo I do DSM-IV e CID-10, tendo sido validada com relação à Structure Clinical Interview for DSM Diagnoses (SCID-P) e Composite International Diagnostic Interview for CID-10 (CIDI).

A investigação sobre qualidade de vida deu-se através da aplicação do WHOQOL Abreviado. Sendo este um instrumento derivado do WHOQOL 100, desenvolvido para pesquisas sobre qualidade geral de vida e saúde. Ainda foram investigados dados sócio-demográficos gerais, religiosidade e identidade psicossocial, através da aplicação de questionários semi-abertos, desenvolvidos para a obtenção de dados específicos.

2.3- Considerações acerca da metodologia qualitativa e do objeto de estudo

Quanto ao aspecto qualitativo desse estudo, ressalta-se, primeiramente, a necessidade com a qual nos deparamos, de desenvolver instrumentos específicos, os quais possibilitassem a investigação e certa apreensão de dimensões particulares na pesquisa.

Nesse sentido, mostrou-se fundamental o exercício reflexivo quanto às questões pertencentes à metodologia qualitativa de investigação científica em saúde. Considerando os conceitos desenvolvidos por Minayo (2000) e Turato (2003) formula-se a metodologia

qualitativa como o percurso, considerando seu instrumental, que visa abordar a realidade, de forma a também fazer parte de tal percurso, as concepções teóricas eleitas pelo pesquisador, assim como seu potencial criativo.

Através da afirmação anterior, pretende-se explicitar o fato da pesquisa qualitativa em saúde apropriar-se de um objeto histórico, em constante transformação e influenciado por concepções de mundo mutáveis, fluidas e portanto, provisórias. Tal realidade impõe à sua investigação a impossibilidade de resultados e formulações permanentes, caracterizando o processo investigatório como sempre inacabado, disponível para que outras aproximações da realidade sejam realizadas.

De acordo com os passos delineados para a realização desse estudo, num primeiro momento, pensar as homossexualidades no contexto sócio-cultural brasileiro, inspirou questionamentos relevantes, uma vez que diziam respeito a certo pré conhecimento sobre o objeto, considerando mesmo tal conhecimento já como uma interpretação inicial. Ao refletir-se ainda sobre o próprio objeto do estudo, este último surge como um elemento participante notável da realidade pós-moderna, tendo se tornado uma questão da vida cotidiana e prática.

É desta forma que a homossexualidade investigada nesta pesquisa encontra-se intimamente condicionada historicamente, sendo tanto os pré conhecimentos sobre esta, quanto os conhecimentos que possam ser produzidos através de sua abordagem científica, marcados por posições intelectuais, subjetivas, históricas, sociais e culturais.

Portanto, partiu-se do paradigma da psiquiatria cultural para a construção do olhar sobre o objeto de estudo. Isto significa conceber tal objeto levando-se em conta a cultura na qual este se insere, de forma a privilegiar aspectos do objeto que se apresentam imbricados em sua construção histórica e em sua presença na atualidade.

Assim, a investigação das dimensões saúde mental e qualidade de vida se justifica a partir da idéia, não apenas presente na literatura específica, mas hipotetizada nesse estudo, de que estar à margem do que é concebido, através de representações sociais, como naturalmente esperado, e mais além, perceber-se marcado pelo estereótipo por conta

da orientação sexual, poderia deixar alguma marca nos sujeitos que compõe este objeto de estudo.

Também baseando-se na historicidade da homossexualidade, pensa-la na atualidade com relação à saúde mental, levando em conta tal relação como algo marcado pela experiência do social, apresenta um novo olhar sobre o objeto, abrindo possibilidades de compreender o binômio homossexualidade e saúde mental não mais em busca da doença, mas privilegiando os elementos, significados da cultura que possam auxiliar na compreensão da condição da saúde mental e conseqüente qualidade de vida desses sujeitos.

Desta forma, tratando-se do aspecto qualitativo desse estudo, salienta-se que as chamadas hipóteses numa pesquisa, em nosso caso, constituem-se como pressupostos, isto é, ao invés de terem caráter comprobatório, são utilizadas como parâmetro no encontro com a(s) realidade(s) do objeto de estudo a partir da pesquisa empírica. De acordo com tal concepção, o caráter provisório do olhar sobre o objeto no início da pesquisa acaba por justificar as possíveis, e muitas vezes férteis transformações desse olhar.

2.4- Considerações acerca do estudo piloto, recrutamento dos sujeitos e da observação participante

Tratando-se dos instrumentos qualitativos desse estudo, estes foram construídos contando com a especificidade do objeto, com os aspectos focados para a investigação, com o corpo teórico eleito e com os pressupostos construídos a partir de revisão bibliográfica e articulação desta com informações do campo.

Previamente à elaboração de tais instrumentos foram realizadas observações de campo, utilizando-se o método da observação participante, de modo a assumir a posição do “participante como observador”, ou seja, deixando claro para o grupo as finalidades de sua presença no campo. Essa modalidade pareceu a mais adequada, uma vez que mesmo consciente de que o campo é modificado e modifica o observador, a clareza sobre a presença do pesquisador, pareceu minimizar as questões confundidoras provenientes do envolvimento possível com os sujeitos da pesquisa.

Também pareceu mais confortável e razoável para as relações posteriores, as quais se estabeleceram durante as entrevistas, que os sujeitos observados soubessem desde o início dos objetivos da presença da pesquisadora em seus meios sociais.

A coleta de dados ocorreu em encontros sociais como festas privadas, idas à boates e bares GLS, às paradas do orgulho gay de junho de 2004 e 2005 em São Paulo e à reuniões de grupos gays e lésbicos organizadas por grupos militantes de Campinas. A escolha dos contextos para a realização da observação participante teve como objetivo coletar dados numa variedade de meios sócio-econômicos, etários e o contato com grupos e sujeitos que estivessem reunidos por motivações diversas como: entretenimento, discussões militantes fechadas e movimentos militantes públicos.

O material coletado forneceu algumas impressões sobre as regras de convivência, sobre o modo como as relações se estabelecem nos diferentes contextos, os preconceitos e reservas que permeiam de modo implícito a aceitação ou rejeição de sujeitos nos grupos mais fechados e naqueles onde as relações possam parecer mais flexíveis.

Questão relevante se constitui quanto ao tipo de relacionamentos afetivos e sexuais que se estabelecem em grupos distintos a partir do gênero, assim como também pareceu marcante a diferença entre os grupos, suas “culturas” particulares, diferenciadas por conta do gênero. Nesse sentido, a presença de uma observadora do gênero feminino teve impactos diferentes em cada contexto observado.

Segundo Schultz (1979), ainda que a opção pelo método da observação participante seja mais criteriosa possível, é relevante ressaltar o fato de que estar no campo mobiliza aspectos subjetivos, conscientes e inconscientes tanto nos sujeitos observados, quanto no observador, o que transforma o campo num palco de intersubjetividades, onde ora o pesquisador se aproxima dos atores sociais de seu objeto, deixando-se mobilizar por ele, ora toma distância, construindo assim algo inédito, que não é a apreensão pura do objeto, nem suas crenças sobre ele, mas a narrativa possível, resultante da própria pesquisa qualitativa.

De acordo com o material colhido em observação participante e revisão bibliográfica foram desenvolvidos os instrumentos que investigaram dados sócio-demográficos, religiosidade e identidade psicossocial. Vale citar que apenas os sujeitos de orientação homossexual responderam às questões sobre identidade psicossocial.

Foram realizadas seis entrevistas piloto com sujeitos de orientação homossexual, provenientes de contatos particulares da pesquisadora, com o intuito de avaliar a adequação das questões, a eficácia de suas formulações e mesmo a ordem em que cada questionário seria utilizado. Posteriormente, algumas alterações foram realizadas, de forma a tornar as entrevistas mais adequadas para os objetivos do estudo.

Quanto ao método utilizado para recrutamento dos sujeitos da pesquisa, denominado “bola de neve”, é possível afirmar que este possibilitou o acesso a sujeitos de orientação homossexual de forma a facilitar a realização das entrevistas, uma vez que cada sujeito entrevistado só indicava novos sujeitos para a pesquisa, após consultá-los sobre o interesse em serem entrevistados. Desta forma, algumas das resistências manifestas quanto a procedimentos de investigação científica sobre temas polêmicos como a homossexualidade, puderam ser minimizadas a partir do prévio interesse dos sujeitos em participarem do estudo.

Além desta vantagem, o método permitiu a formação de uma amostra diversificada em termos de idade, gênero, religiosidade e posição política quanto ao próprio movimento GLS. Entretanto, parece nítido que um método que conta com a indicação de novos sujeitos pelos próprios sujeitos participantes da pesquisa, constrói certa homogeneidade, o que ocorreu com o presente estudo. Após breve análise dos dados sócio-demográficos nota-se que ambos os grupos, de estudo e contraste, pertencem à mesma classe social.

De acordo com tal constatação foi necessário considerar os dados obtidos e ainda mais, a própria interpretação e análise desses dados, de certa forma marcadas pelas características dos grupos, uma vez que a relevância de categorias como classe social e escolaridade não poderiam ser minimizadas. Portanto, enfatiza-se a relação entre a particularidade dos grupos estudados e consequentemente, os possíveis resultados desse estudo.

2.5- Considerações sobre a coleta de dados através de entrevistas individuais

Levando-se em conta as especificidades do processo de coleta dos dados, têm-se as questões pertencentes à situação da entrevista. Nesse estudo buscou-se dedicar grande atenção às particularidades que surgiram no decorrer das entrevistas, objetivando primeiramente, a compreensão das implicações tanto do pesquisador, quanto dos sujeitos durante as interações ocorrentes na entrevista, para posteriormente pensa-las em conjunto com a análise dos dados.

Um outro fator considerado quanto à atenção às entrevistas diz respeito à concepção, difundida dentro dos estudos em pesquisa qualitativa, que assinala, segundo Minayo (2000), que a entrevista não se reduz à mera coleta de dados, mas que inclui uma situação de interação, a qual é sempre afetada pela natureza das relações entre entrevistador e entrevistado.

Pode-se desse modo destacar como vantagem do contato pessoal entre entrevistador e entrevistado, a possibilidade de obtenção de melhor quantidade e qualidade de informações, a partir do manejo da situação de entrevista, do contato empático entre entrevistador e entrevistado e principalmente, dos direcionamentos das questões formuladas de acordo com as percepções das reações positivas e negativas expressadas pelo sujeito em investigação.

Como desvantagem pode-se considerar que o mesmo contato intersubjetivo, possível gerador de uma abertura maior para obtenção de dados pode constituir-se como fator de inibição, desconforto e conseqüente retraimento do entrevistado, de modo a comprometer a realização da entrevista e mais além, os próprios dados obtidos.

Nesse sentido, foi de grande relevância a constante reflexão sobre o material colhido nesta fase, incluindo como dado não apenas o verbal, mas as impressões do campo por parte da pesquisadora, a qual buscou, dentre das limitações impostas, aproximar-se e distanciar-se tanto daquilo que lhe era dito, quanto daquilo que as falas lhe causavam. Outro elemento também privilegiado relaciona-se às manifestações não verbais durante a entrevista, as pausas, interrupções, entre outros dados que participaram da interação.

Pensando as vicissitudes das interações ocorrentes durante a entrevista, valeu-se das reflexões apresentadas por Goffman (1954) e Berreman (1975), as quais apresentam detalhes da relação entre entrevistador e entrevistado, destacando as idéias de “regiões exterior e interior”, referindo-se aquilo que é exposto, ou não pelos atores sociais participantes da entrevista. Assim, iluminam-se não apenas as questões dos sujeitos da pesquisa, as quais são trazidas à cena, mas também aquelas do próprio pesquisador, que também participam da interação. As referências à região exterior e interior trazem a idéia de que as informações cedidas por ambos os atores na entrevista são sempre controladas, ressaltando os “segredos” presentes numa situação que se pretende reveladora.

Então, o que Goffman (1954) denomina “controle de impressões” pôde ampliar a compreensão dos processos presentes na entrevista, tomando também a afirmação de Berrman (1975) de que em algum momento, ambos os atores da entrevista julgam as motivações de um e de outro para a participação no processo, o que faz com que cada um defina, em certa medida, aquilo que será ou não revelado.

Nesse estudo, o campo em geral apresentou-se em diversos momentos como um constante exercício de reformulação, revisão e reafirmação dos pilares que podem sustentar a posição do pesquisador na interação com os sujeitos que compõe seu objeto de estudo.

As demandas presentes em tal interação não são e nem foram completamente previsíveis, assim como não há manejo que se possa ensaiar. Talvez seja essa uma regra de ouro da pesquisa qualitativa. Quanto à posição da neutralidade, a interlocução e orientação constantes puderam auxiliar, propiciando o distanciamento que só se faz possível a partir do ponto de vista do outro, que olha de outro ângulo para a própria pesquisa. As entrevistas ocorreram nos locais propostos pelos sujeitos, em comum acordo com a pesquisadora, que também flexibilizou a escolha do melhor horário de forma a contemplar não apenas suas necessidades, mas também as dos sujeitos.

Consequentemente houve a realização de entrevistas em diversos locais, desde residências, parques, locais de trabalho, entre outros. A duração prevista a partir do processo de aplicação piloto dos instrumentos foi de uma hora e vinte minutos. Entretanto, em alguns casos houve variações não muito significativas, enquanto que em outros casos

mais extremas, tendo havido entrevistas de aproximadamente quarenta minutos, ou mesmo duas horas. Tais ocorrências foram consideradas na decisão de incluir, ou não esses materiais.

Assim, no total foram excluídas cinco entrevistas, pois os dados obtidos mostravam-se fortemente influenciados ou por grande inibição em expressar-se por parte do entrevistado, ou por não ter sido possível manter o enquadre da entrevista, uma vez que o entrevistado apresentava questões relacionadas à angústias existenciais, as quais foram mobilizadas pela situação de entrevista.

2.6- Considerações sobre o processo de análise dos dados

Segundo Bardin (1979), a proposta da análise do material produzido num estudo deve estar voltada para três objetivos principais. O primeiro relaciona-se com a “ultrapassagem da incerteza”, isto significa obter, através da análise, a constatação afirmativa ou negativa da validade dos resultados, não apenas em termos de sua abrangência, mas além, a constatação da força da interpretação dos dados, sua possível congruência com o que de fato se apresenta nas narrativas.

O segundo objetivo centra-se no “enriquecimento da leitura”, o que trata do aprofundamento da compreensão do material, de modo a captar conteúdos mais latentes, os quais não se revelam no olhar, ou escuta imediatos. Posteriormente, o autor apresenta como terceiro objetivo, a “integração das descobertas”, salientando não apenas as descobertas contidas no conteúdo analisado, mas no discurso presente no próprio contexto social que marca o material analisado.

Para a análise do material considerou-se a proposta acima, compreendendo os processos de tratamento do material como o caminho pelo qual é possível apreender o objeto de estudo através dos dados empíricos, confirmar ou negar pressupostos, também levantar outros ainda e finalmente, promover a ampliação dos resultados, considerando-os marcados sócio-histórico e culturalmente.

Considerando o tratamento do material qualitativo, elegeu-se a análise de conteúdo (Minayo, 2000), levando-se em conta seu objetivo de propiciar, através de seus procedimentos, a superação do que se apresenta como manifesto no material, enfatizando a relação entre este último e os fatores que determinam sua construção, isto é, o contexto em que é produzido.

A análise temática (Minayo, 2000) foi utilizada para tratar o material desse estudo, seguindo seus procedimentos na seguinte ordem: “pré-análise”, abrangendo a seleção do material e retomada de pressupostos e objetivos frente ao material. Ainda dentro desta fase, tem-se a “leitura flutuante”, a qual objetiva amplo contato com as narrativas, de modo a deixar-se tocar pelos seus conteúdos indiscriminadamente. Sequencialmente, realiza-se a constituição do “corpus”, ou seja, a organização do material de acordo com todos os sub-temas presentes nos roteiros de entrevista, através da “exaustividade” do contato com as narrativas, produzindo “representatividade” desses sub-temas, “homogeneidade” e “pertinência” dos mesmos com os objetivos da pesquisa.

Ainda como tarefa dentro da “pré-análise” tem-se a “formulação de hipóteses e objetivos”, que diz respeito à retomada dos pressupostos e fins do estudo, agora diante da pré-análise dos dados e seus efeitos, momento que possibilita a revisão das expectativas e pré-conhecimentos sobre o tema e desenvolvimento da pesquisa.

Como segunda parte da análise temática, realiza-se a chamada “exploração do material”, organizando-o em recortes significativos das narrativas, separando o texto geral em núcleos de significados, ressaltando palavras, frases que sejam demonstrativas dos sub-temas estabelecidos. Em seguida, tem-se o “tratamento dos resultados obtidos e interpretação”, fase em que é possível trabalhar com frequências, provenientes de análises quantitativas operadas sobre o “corpus”, ou realizar interpretações do material, contemplando o aporte teórico do pesquisador, que propõe inferências, e possibilita novos questionamentos dentro do tema e sub-temas. Em nosso caso, optou-se pelo processo interpretativo.

3- RESULTADOS

3.1- Apresentação de resultados quantitativos

A seguir são apresentadas as tabelas correspondentes aos resultados das análises estatísticas, realizadas a partir dos dados quantitativos colhidos. Esses dados foram provenientes da investigação das dimensões de saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial sobre as homossexualidades.

Porém, de acordo com o desenho metodológico do presente estudo, principalmente com relação aos resultados quantitativos, apresentam-se também resultados quanto à investigação realizada junto ao grupo contraste, no sentido das comparações pretendidas a partir dos objetivos dessa pesquisa.

(O nível de significância adotado para os testes estatísticos foi de 5%)

Tabela 1- Comparação entre os grupos de SOHom e SOHet relativo à variáveis de saúde mental; prevalência de transtornos mentais e de contato prévio com serviços de saúde mental.

Prevalência de transtornos mentais	Grupo controle		Grupo estudo		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
Casos positivos	14	23,3	25	41,7	39	32,5	0,034
Transtorno depressivo maior	11	18,3	20	33,3	31	25,8	0,060
Risco de suicídio	1	1,7	10	16,8	11	9,2	_____
Busca prévia por serviços de saúde mental	16	26,7	34	56,7	50	41,6	0,001
Uso prévio de medicação psiquiátrica	12	20,0	23	38,3	35	29,1	0,022
Psicoterapia prévia	12	20,0	32	53,3	44	36,6	0,000

Foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) para a prevalência de pelo menos um transtorno mental (“casos positivos”), para busca por serviços de saúde mental, uso prévio de medicação psiquiátrica e psicoterapia. Para risco de suicídio, embora a diferença tenha sido marcante, não foi possível fazer o teste estatístico, pois o número de casos no grupo controle é muito pequeno.

Tabela 2- Comparação entre gêneros em cada grupo (SOHom e SOHet) relativa à prevalência de transtornos mentais e contato prévio com serviços de saúde mental.

Prevalência de transtornos mentais	grupo controle				p	grupo de estudo				p
	fem		mas			fem		mas		
	n	%	n	%		n	%	n	%	
positivo	11	35,5	3	10,5	0,021	16	51,6	9	31,0	0,106
negativo	20	64,5	26	89,7		15	48,4	20	69,1	
Total	31	51,7	29	48,3		31	51,7	29	48,3	
Busca Prévia por serviços de saúde mental	grupo controle				p	grupo controle				p
	fem		mas			fem		mas		
	n	%	n	%		n	%	n	%	
positivo	11	35,5	5	17,2	0,110	21	67,7	13	44,8	0,074
negativo	20	64,5	24	82,8		10	32,3	16	55,2	
Total	31	51,7	29	48,3		31	51,7	29	48,3	
Psicoterapia prévia	grupo controle				p	grupo controle				p
	fem		mas			fem		mas		
	n	%	n	%		n	%	n	%	
positivo	9	29,0	3	10,3	0,071	19	61,3	13	44,8	0,202
negativo	22	71,1	26	89,7		12	38,7	16	55,2	
Total	31	51,7	29	48,3		31	51,7	29	48,3	
Uso prévio de medicação psiquiátrica	grupo controle				p	grupo controle				p
	fem		mas			fem		mas		
	n	%	n	%		n	%	n	%	
positivo	9	29,1	3	10,3	0,071	15	48,4	8	27,6	0,098
negativo	22	71,1	26	89,7		16	51,6	21	72,4	
Total	31	51,7	29	48,3		31	51,7	29	48,3	

- o valor de p refere-se à diferença entre os gêneros.

Embora para quase todas as variáveis de contato prévio com serviços de saúde mental tenham sido observadas tendências, no sentido das mulheres terem mais contato com tais serviços que os homens, apenas para a prevalência de transtornos mentais em SOHet verificou-se diferença estatisticamente significativa.

Tabela 3- Comparação de variáveis de qualidade de vida entre os grupos associação entre variáveis de prevalência de transtornos mentais e qualidade de vida no grupo de SOHom

Grupos	Bem estar físico		p	Bem estar psicológico		p	Bem estar social		p	Bem estar ambiental		p
n	média	dp		média	dp		média	dp		média	dp	
grupo controle	88,3	3,1		77,2	5,9		82,8	6,8		82,4	4,7	
grupo de estudo	87,6	6,5	0,752	78,1	8,7	0,425	80,0	3,1	0,498	80,3	8,1	0,096
Prevalência de Transtornos Mentais	Bem Estar Físico		p	Bem Estar Psicol.		p	Bem Estar Social		p	Bem Estar Ambiental		p
	n	%		n	%		n	%		n	%	
casos negativos	35	88,8		35	81,0		35	83,1		35	81,7	
casos positivos	25	86,0	0,104	25	74,2	0,003	25	5,7	0,004	25	78,4	0,075
Prevalência Transtorno Depressivo Maior	Bem Estar Físico		p	Bem Estar Psicol.		p	Bem Estar Social		p	Bem Estar Ambiental		p
	n	%		n	%		n	%		n	%	
casos positivos	20	86,8		20	75,0		20	77,5		20	79,5	
casos negativos	40	88,0	0,384	40	79,7	0,048	40	81,2	0,029	40	80,7	0,310
Prevalência Risco de Suicídio	Bem Estar Físico		p	Bem Estar Psicol.		p	Bem Estar Social		p	Bem Estar Ambiental		p
	n	%		n	%		n	%		n	%	
casos positivos	10	84,3		10	70,8		10	73,3		10	76,3	
casos negativos	50	88,3	0,108	50	79,6	0,004	50	81,3	0,003	50	81,1	0,069
Uso prévio de medicação psiquiátrica	Bem Estar Físico		p	Bem Estar Psicol.		p	Bem Estar Social		p	Bem Estar Ambiental		p
	n	%		n	%		n	%		n	%	
casos positivos	23	86,5		23	75,4		23	78,3		23	80,0	
casos negativos	37	88,3	0,313	37	79,8	0,082	37	81,1	0,138	37	80,5	0,962

Apenas para qualidade de vida psicológica e social são verificadas associações significativas em relação à prevalência de transtornos mentais em geral, depressão e risco de suicídio.

Quanto à denominação religiosa investigada em ambos os grupos, têm-se os seguintes resultados: adeptos ao catolicismo são 19 os SOHet, ou seja 31,7%, enquanto há apenas 10 católicos no grupo de SOHom, o que representa 16,7%. Correspondentemente, são 6 os espiritualistas do primeiro grupo (10,0%), contra 14 do segundo grupo (23,3%). Como evangélicos, 9 SOHet se identificaram, sendo isto 15,0%, em contraste com 4 dos SOHom, ou seja, 6,7%. Identificaram-se como sem religião 26 sujeitos do primeiro grupo, isto é 43.3%, comparados com 32 sujeitos do segundo grupo, o que representa 53.3%.

Tabela 4- Análise descritiva de variáveis de religiosidade

Se o grupo religioso sabe da orientação homossexual	Frequência		Percentual		Frequência cumulativa	
	n		%			
negativo	58		96,7		58	
positivo	2		3,3		60	

Se possui religião	Gênero feminino		Gênero masculino		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
negativo	13	21,7	13	21,7	26	43,3	
positivo	16	47,1	18	52,9	34	56,7	0,371
Total	60	48,3	60	51,7	60	100	

Tabela 5- Associação entre variáveis de religiosidade e saúde mental no grupo de SOHom (variável de frequência à igrejas, busca por serviços gerais de saúde mental e psicoterapia prévia)

Frequência à igrejas	Busca prévia por serviços gerais de saúde mental				Total		p
	positivo		negativo				
	n	%	n	%	n	%	
não frequenta	30	62,5	4	33,3	34	56,7	0,068
frequenta	18	37,5	8	66,7	26	43,3	
Total	48	80,0	12	20,0	60	100	

Frequência à igrejas	Psicoterapia prévia				Total		p
	positivo		negativo				
	n	%	n	%	n	%	
não frequenta	29	60,4	3	25,0	32	55,3	0,068
frequenta	19	39,6	9	75,0	28	46,7	
Total	48	80,0	12	20,0	60	100	

Observa-se uma tendência à associação entre a menor frequência à igrejas e menor busca por serviços de saúde mental e mais especificamente, psicoterapia.

Tabela 6- Descrição para o grupo de SOHom de variáveis de identidade psicossocial

Sentimento de orgulho da orientação sexual	Frequência	Percentual
	n	%
negativo	39	65,0
positivo	21	35,0
Sentimento de vergonha da orientação sexual	Frequência	Percentual
	n	%
negativo	23	38,3
positivo	37	61,7
Discriminação pela orientação sexual	Frequência	Percentual
	n	%
negativo	8	13,3
positivo	52	86,7

Nota-se que a grande maioria dos sujeitos (87%) relatam já terem sido discriminados por conta da orientação homossexual. Também verifica-se que a maioria já teve sentimentos de vergonha com relação à orientação sexual e uma minoria deles (35%) relata já ter tido orgulho da orientação sexual.

Tabela 7- Associação entre variáveis de identidade psicossocial e religiosidade no grupo de SOHom de acordo com o gênero

(gênero masculino) Sentimento de orgulho da orientação sexual	Não possui religião		Possui religião		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
negativo	6	37,5	10	62,5	16	55,2	0,089
positivo	9	69,2	4	30,77	13	44,8	
Total	15	51,7	14	48,3	29	100	
Sentimento de vergonha da orientação sexual	Não possui religião		Possui religião		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
negativo	6	85,7	1	14,3	7	24,1	0,080
positivo	9	40,9	13	59,1	22	75,9	
Total	15	51,7	14	48,3	29	100	
Sentimento de orgulho da orientação sexual	não freqüenta		freqüenta		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
negativo	6	37,5	1	7,7	7	24,1	0,093
positivo	10	62,5	12	92,3	22	75,9	
Total	16	55,2	13	44,8	29	100	
(gênero feminino) Discriminação pela orientação sexual	não freqüenta		freqüenta		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
negativo	3	50,0	3	50,0	6	19,4	0.038
positivo	23	92,0	2	8,0	25	80,7	
Total	26	83,9	5	16,1	31	100	

Verifica-se uma associação significativa entre ter sido discriminado pela orientação sexual e não frequentar atividades religiosas. Também são notadas tendências no sentido de que quanto maior o orgulho da orientação, menos frequentemente os sujeitos têm religião, ou mesmo frequentam atividades religiosas. Verifica-se a tendência de indivíduos com mais vergonha da orientação sexual possuir mais religião.

3.2- Apresentação de resultados qualitativos

Quanto aos resultados qualitativos obtidos, através da aplicação de análise temática de conteúdo, foram selecionadas narrativas que trataram de sub-temas específicos a partir das dimensões investigadas, sobre as quais, algumas considerações já são apresentadas nesse momento, com intuito de facilitar a correspondência, durante a leitura do material, entre os resultados e a discussão dos mesmos.

O corpo narrativo a seguir foi agrupado a partir dos seguintes temas:

- 1- Os sentimentos de orgulho e vergonha quanto à orientação sexual;
- 2- Religiosidade;
- 3- Preconceito e discriminação;
- 4- Identidade psicossocial

1- Orgulho e Vergonha quanto à orientação sexual: Considerações acerca dos sentimentos de orgulho da orientação homossexual do grupo de homens estudados. Partindo das falas apresentadas sobre o tema, destacaram-se algumas tônicas. Para alguns sujeitos deste grupo, o orgulho da orientação sexual parece constituir-se como meio de auto-afirmação e aceitação:

Questão: Você já sentiu ou sente orgulho de sua orientação?

- *“Sim, um pouco porque os gays que saíram do armário, deram sua cara pra bater são motivo de orgulho, tiveram coragem de reivindicar direitos iguais.”*

- *“Sim, muito porque mesmo com todo mundo contra eu me assumo.”*

- *“Sim, um pouco, hoje em dia porque admiro a luta homossexual por direitos civis.”*

- *“Sim, muito porque mesmo com todo mundo contra eu me assumo.”*

- *“Eu vejo até importante o orgulho gay, porque o gay é tão pisoteado, só se aparece em novela que é legal, se for na vida real, com a cabeça que a maioria tem, só leva chumbo.”*

Tomando-se as falas das mulheres homossexuais entrevistadas, tem-se a presença de certa crítica ao próprio movimento homossexual e questionamento do orgulho com relação à orientação sexual.

-“Acho que nunca senti orgulho porque não acho ser gay um atributo, uma qualidade é só uma coisa diferente da maioria.”

-“Acho que orgulho só com a coisa do movimento gay, sou uma pessoa comum, não tem porque ter orgulho.”

-“Não acho que é pra ter orgulho de ser gay, nem de ser ator, nem de ser médico, de ser marginal, pra mim não faz sentido, mesmo considerando a luta pelos direitos.”

-“Como pra mim a coisa da orientação não está no centro da minha vida, orgulho eu não senti, mas já senti uma sensação de harmonia comigo mesma.”

-“Orgulho eu nunca tive, já me senti bem por assumir meu relacionamento pra algumas pessoas, mas a sensação foi mais de liberdade que de orgulho, não acho que ser gay é um motivo de orgulho, senão também seria o fato de eu ser mulher, empresária.”

Quanto ao sentimento de vergonha da orientação sexual, o grupo de homens homossexuais apresentou duas ênfases: a vergonha relacionada à família, juntamente com a idéia de decepção dos pais e a possibilidade de amenizar a vergonha, em alguns casos supera-la, quando da inserção do sujeito em grupos sociais da mesma orientação sexual.

Questão: Você já sentiu ou sente vergonha de sua orientação?

-“Sim, um pouco, pois sabia que não era isso que esperavam de mim, mas isso faz muito tempo, eu ainda dependia do olhar da família.”

-“Só tive vergonha quando meu avô, que ajudou minha mãe a me criar, começou a desconfiar, sei que ele queria outra coisa de mim, uma coisa mais macho mesmo.”

-“Já senti vergonha, achava que eu era estranho, que tinha algum problema, mas isso passou quando entrei no mundo gay e fiz amigos, vi que eu não era um louco.”

Quanto ao sentimento de vergonha da orientação sexual, o grupo de homens homossexuais apresentou duas ênfases: a vergonha relacionada à família, juntamente com a idéia de decepção dos pais e a possibilidade de amenizar a vergonha, em alguns casos supera-la, quando da inserção do sujeito em grupos sociais da mesma orientação sexual.

Questão: Você já sentiu ou sente vergonha de sua orientação?

-“Sim, um pouco, pois sabia que não era isso que esperavam de mim, mas isso faz muito tempo, eu ainda dependia do olhar da família.”

-“Só tive vergonha quando meu avô, que ajudou minha mãe a me criar, começou a desconfiar, sei que ele queria outra coisa de mim, uma coisa mais macho mesmo.”

-“Já senti vergonha, achava que eu era estranho, que tinha algum problema, mas isso passou quando entrei no mundo gay e fiz amigos, vi que eu não era um louco.”

Já nas falas do grupo de mulheres homossexuais, estão contidas menções ao sentimento de vergonha associadas às idéias de doença e pecado.

-“Sim, muito. Quando me descobri achava que era doente e quando minha mãe descobriu, dizia isso pra mim todos os dias.”

-“Demorou muito pra eu poder ficar como eu estou agora, tive que vencer muita coisa e não acabar comigo por causa do sofrimento, hoje me amo porque sei que toda forma de amor é saudável, acreditei que eu não sou doente.”

-“Acho que tive mais vergonha de mim mesma, porque eu sentia que eu era diferente, não sabia que outras pessoas eram como eu e aí eu achava que era pecado, que eu nunca poderia falar disso com ninguém, foi duro.”

- *“A vergonha eu tive quando minha mãe descobriu, porque ela queria que eu me tratasse, demorou uns dois anos pra ela voltar ao normal comigo, o resto da família não sei se sabe ou finge que não sabe.”*

2- Religiosidade: As narrativas relacionadas à religiosidade apresentam-se de acordo com as temáticas e subgrupos não apenas envolvendo os sujeitos da pesquisa, mas também os sujeitos do grupo contraste. As perguntas formuladas referiam-se à definição de Deus e a razão pela qual os sujeitos rezam.

Questões: O que é Deus para você? Por que você reza?

O subgrupo de homens homossexuais apresenta falas sugestivas da experiência do que pode ser identificado como individualismo religioso (Wilcox, 2000).

- *“Acho que Deus é uma coisa pra cada pessoa, mesmo que as pessoas sejam da mesma religião.”*

- *“Posso pensar que Deus é como dizem na minha religião, ou posso ter minha própria idéia, que me faz sentir melhor com esse Deus, é o que eu faço.”*

- *“Rezo do meu jeito como se eu fizesse contato com essa energia.”*

- *“Eu não diria que rezo assim como todo mundo entende, acho que tento ficar em equilíbrio com uma coisa que tá em qualquer ser vivo, um tipo de energia de vida.*

- *rezo mais pra agradecer a vida, mesmo as dificuldades.”*

- *“Normal, eu tenho minha forma de encarar Deus, é bem pessoal mesmo.”*

- *“Sinto que Deus está comigo, mesmo não frequentando uma igreja.”*

Também o grupo de mulheres homossexuais apresentou falas relacionadas ao individualismo religioso:

- *“É minha maneira de encontro interno, de livrar a mente de tudo, na verdade não é uma reza, é uma meditação.”*

- *“Gosto de rezar pra conversar com Deus, é como se fosse uma parte em mim com quem converso.”*

A concepção de Deus como algo transcendental, isto é, não como uma figura personificada e superior, mostrou-se presente nas falas tanto do grupo de homens, quanto do grupo de mulheres homossexuais:

- *“É uma força que impulsiona a evolução espiritual.”*

- *“É uma energia que coordena o mundo.”*

- *“Talvez seja algo que não se pode explicar.”*

- *“Uma força de união.”*

- *“É uma energia transcendental.”*

Diferentemente das falas anteriores, àquelas apresentadas pelos grupos de homens e mulheres heterossexuais sobre a concepção de Deus demonstram as idéias de personificação da figura de Deus, assim como a de criador, superior e salvador:

- *“É o salvador, que ajuda a fazer as decisões que temos na vida.”*

- *“Deus pra mim é a guia da minha vida, me apoio nele em várias horas.”*

- *“Acho que Deus deve ser um exemplo, um guia, uma coisa assim.”*

- *“Deus pra mim é alguém assim superior, de muita força.”*

- *“Para mim é algo supremo, superior que nos leva para a evolução como seres humanos.”*

- *“Deus pra mim é um ser superior que pode guiar nossas vidas se nós deixarmos.”*

3- Preconceito e Discriminação: As perguntas sobre preconceito e discriminação relacionavam-se com a discriminação dentro de grupos religiosos e em geral, assim como com os relacionamentos sociais que os sujeitos do grupo de estudo estabelecem.

Questões: Você já foi discriminado por sua orientação dentro de seu grupo religioso? Você já sofreu discriminação?

A seguir são apresentadas as falas do grupo de homens homossexuais, nas quais faz-se presente a percepção do preconceito religioso quanto à homossexualidade e a possível internalização da homofobia presente na sociedade, operada pelo próprio sujeito homossexual:

-“Acho que eu nem seria de um grupo de religião justamente pelo preconceito.”

-“Não tenho um grupo assim, mas se tivesse acho que seria discriminado.”

-“Não sou de alguns grupos como os religiosos bem porque sei da homofobia de muitas religiões.”

-“Acho complicado juntar gay com religiões cristãs, homofóbicas.”

-“Talvez, às vezes achava que algo dava errado pra mim porque eu era gay, mas no fim pode ter sido minha cabeça, mas nunca ninguém me destratou ou fez algo contra mim diretamente.”

-“O preconceito é tão comum que quando não tem a gente acaba inventando da própria cabeça, já tô tão acostumado que quando não tem fico desconfiando, acho que a pessoa pode estar disfarçando.”

-“Não é fácil segurar quando você fala de um jeito diferente e as pessoas ficam viajando sobre você, às vezes tenho esse problema, já superei muito e sei que tem muito que vem da minha cabeça mesmo, mas é consequência do preconceito, e de mim também.”

As narrativas apresentadas pelas mulheres homossexuais trazem a questão do olhar do outro de maneira marcante, o que convida à reflexão sobre a conexão do olhar do outro com o próprio sentimento de vergonha deste grupo, o qual se relacionava fortemente com as idéias de pecado e doença, associadas à homossexualidade por elas experienciada.

- “Como não? As pessoas do prédio olham meio de lado, como pode duas coroas morando juntas, só podem ser sapatão. Isso não me incomoda mais.”

- “Já, isso é quase impossível de não acontecer, às vezes escapa um carinho em público e logo todos te olham como um ET.”

- “Sim, já me olharam torto em vários lugares, mas nunca dei tanta trela.”

- “Em todo lugar tem aquele olharzinho torto pra você, já fui agredida verbalmente num bar em Ubatuba porque dei um selinho numa garota.”

- “Na faculdade ficavam sempre de olho em mim e nas minhas amigas, uma vez passaram na frente do meu prédio em São Paulo, buzinando e gritando sapatão!”

- “Sabe, não precisa ser um xingo, uma agressão física, só o fato de você saber que as pessoas repudiam, que acham que é doença, sacanagem, isso já faz uma pessoa sofrer preconceito, já é violento.”

- “Olha, já foi tanta situação, apesar de eu ser bem discreta, sempre tem um ou outro que lança um olhar, fica observando, sei lá.”

4- Identidade Psicossocial: As narrativas sobre identidade psicossocial incluem uma questão específica sobre a época da vida em que os homens e as mulheres do grupo de estudo perceberam sua orientação homossexual. É notável a percepção dos homens em fases bem anteriores às mulheres:

Questão: Desde que idade você se percebe como tendo esta orientação?

Grupo dos homens:

- “Desde criança, não sei a idade.”

- “Desde a infância.”

- “Sempre, gostava de brincar com as meninas, não conseguia fazer as coisas que os meninos faziam, eu achava que eles eram muito violentos.”

- *“Desde criança, sempre admirava os meninos mais velhos, os heróis de gibis.”*

- *“Sabe que não sei, acho que já era assim quando criança.”*

- *“Acho que desde a infância, não sei a idade.”*

Grupo das mulheres:

- *“Desde minha adolescência.”*

- *“23 anos mais ou menos.”*

- *“Desde os 37 anos.”*

- *“Desde a adolescência, uns 16 anos.”*

- *“Desde os 24 anos, já tinha tido até um noivo, mas através de uma amiga comecei a freqüentar o mundo gay e me senti bem nele, aí surgiu o primeiro relacionamento.”*

- *“Me descobri com uns 18 anos, depois de ter namorado muitos caras.”*

- *“desde uns 17 anos, quando me apaixonei por uma das minhas professoras da faculdade, mas não rolou nada.”*

- *“Tinha uns 22 anos quando me senti atraída por uma mulher.”*

- *“Eu tava com uns 20 anos quando tive o primeiro relacionamento com uma mulher.”*

- *“Tinha uns 23 anos quando me vi apaixonada por uma amiga.”*

Em demais narrativas, apresentadas por homens e mulheres do grupo de estudo, parece surgir uma tentativa de defesa contra o preconceito social, através da negação da diferença entre sujeitos de orientação homo e heterossexual:

Questão: Em que medida a orientação sexual caracteriza uma pessoa?

- *“A escolha sexual é irrelevante quando falo de qualidade de gente.*

- *“Acho que a preferência sexual não é uma coisa central, mas faz diferença pras pessoas se você é gay.”*

- *“Acho que a preferência não faz alguém ser mais ou menos bom, isso nem tem nada a ver, sei lá às vezes é importante, às vezes não.”*

- *“Isso não tem nada a ver, as pessoas são o que são, independente da orientação.”*

- *“A orientação não caracteriza as pessoas, o importante é o respeito e o que se sente nas relações.”*

Outro conteúdo notável identificado relaciona-se com afirmações de que a relevância da orientação sexual quando se fala em relações sociais, é dada pelo outro aquele dito preconceituoso:

- *“Acho que caracteriza porque o mundo dá muita importância pra sexualidade, no sentido do que pode ser certo e errado, não tem como não notar isso.”*

- *“Acho que isso nem é tão importante, mas por as pessoas darem tanto peso, acaba sendo fundamental a orientação sexual.”*

- *“A preferência só é importante quando as pessoas são preconceituosas, mas pra mim tem sempre que ter respeito entre as pessoas independente da sexualidade de cada um.”*

- *“Acho que a preferência sexual não deve ser um jeito de julgar as pessoas.”*

- *“A orientação sexual não devia, mas é uma das coisas que mais caracteriza as pessoas, assim, falando socialmente.”*

- *“Acho que a preferência sexual não é uma coisa central, mas faz diferença pras pessoas se você é gay.”*

- *“Prefiro olhar pro ser humano e não pra sexualidade.”*

Quando questionados sobre sentirem-se melhor ou pior por conta da orientação sexual, surge no conteúdo narrativo, ênfase na afirmação de que o caráter não é influenciado pela sexualidade:

Questão: Você se sente uma pessoa melhor ou pior de acordo com sua orientação?

- *“Normal, tenho os mesmos valores, o mesmo caráter de quando vivia com um homem.”*

- *“De novo eu digo que ter começado a ficar e ter relacionamentos com mulheres não mudou minha personalidade.”*

- *“Como já disse isso não é requisito pra se ser boa ou má pessoa.”*

- *“Sou a mesma no caráter.”*

- *“Ser lésbica, hétero, bissexual não muda o caráter, é só uma parte da vida das pessoas.”*

- *“Olha a preferência sexual não é tão relevante pra fazer alguém pior, melhor, não mesmo, tem tanto gay quanto hétero bom e mau caráter.”*

4- DISCUSSÃO

4.1- Prevalência de transtornos mentais, busca por serviços de saúde mental e qualidade de vida

Inicialmente deve-se destacar o achado de uma prevalência de transtornos mentais aumentada nos SOHom, em termos gerais. Especificamente, o transtorno depressivo maior e o risco de suicídio foram mais prevalentes no grupo de SOHom em comparação ao grupo de SOHet. Além disso, verificou-se também maior busca por serviços de saúde mental, psicoterapia e uso de medicação psiquiátrica pelo grupo de SOHom.

O estudo de Mc Coll (1994) revisou a produção científica dos anos 80 sobre o tema, demonstrando claramente a prevalência de transtornos mentais aumentada em homossexuais, quando comparados com heterossexuais. Também encontraram resultados semelhantes em seus estudos Hershberger e D'Augelli, (1995); Meyer, (2003); Fergusson, (1999); Lock e Streiner, (1999); Mays e Cochran, (2001); Paul et al. (2002); Cochran (2003); Skegg et al. (2003); Mc Andrew e Warne (2004); King et al. (2003) e Warner et al. (2004).

Assim, verifica-se consonância com estudos de mesma linha presentes na literatura internacional. Os referidos estudos, embora partissem da investigação da prevalência de transtornos mentais em populações homossexuais, apresentaram especificidades relevantes, as quais eventualmente coincidem e eventualmente diferem do presente estudo.

Dos estudos mencionados nenhum investigou diferenças de prevalência especificamente entre os gêneros, sendo ainda mais raro na literatura estudos de prevalência de transtornos mentais focados na homossexualidade feminina. No presente estudo as diferenças de prevalência ocorrem igualmente nos dois gêneros.

Os resultados sobre a experiência de discriminação apontam para a frequência dessas experiências entre os SOHom. O orgulho da orientação sexual foi salientado por parte significativa dos SOHom.

A partir do viés das chamadas “Políticas de Identidade”, como apresentado por Woodward (2000), faz-se compreensível que sujeitos que experimentam a discriminação por conta da orientação sexual também se orgulhem da mesma.

Desse modo, mais do que a participação em uma luta política por direitos civis, o movimento social cria para além da visibilidade homossexual uma viabilidade identitária, como a descrita por Erikson (1970). Uma identidade viável, sustentada por uma luta política não estaria livre de produzir ou mesmo reproduzir estereótipos a respeito da homossexualidade.

Levando-se em conta o sentimento de vergonha com relação à orientação sexual, aponta-se o modo como os SOHom se posicionam com relação ao outro. Isto pode relacionar-se com o fenômeno da “Homofobia Internalizada”, destacada por Kaplan (2002) e King et al. (2003).

Cabe aqui analisar a associação entre a prevalência de transtornos mentais e busca por serviços de saúde mental em mulheres do grupo de SOHom, ressaltando-se o relato freqüente do sentimento de vergonha relacionado à orientação homossexual nas mulheres entrevistadas.

Assim, é possível supor que, de forma geral, o sentimento de vergonha relacionado à homossexualidade feminina constitua-se como desdobramento dos discursos negativos internalizados sobre a homossexualidade. O que a associação entre tal sentimento e a pior saúde mental delas explicita é possivelmente, o impacto da representação social negativa da homossexualidade, presente no “campo social” (Bourdieu, 1984).

Embora os homens do grupo de SOHom relatem a vergonha da orientação, foi no grupo feminino que verificou-se clara associação entre esse sentimento e pior saúde mental. Esse dado conduz à reflexão sobre os modos diferenciais de subjetivação de cada gênero, no sentido das implicações possíveis para o sentimento de vergonha.

Em consequência formulam-se algumas questões: Teria a marcante visibilidade da homossexualidade masculina, na atualidade, alguma implicação em termos do modo como os homens homossexuais lidam com o sentimento de vergonha da orientação? Seria possível supor algum impacto sobre a saúde mental das mulheres homossexuais estudadas, caso a visibilidade da homossexualidade feminina fosse maior? Como pensar o fato da menor adesão das mulheres desse estudo aos movimentos sociais de minoria sexual?

Algumas pistas para tais questões se esboçaram nos resultados qualitativos do presente estudo.

Verificou-se clara semelhança entre o grupo de SOHom e o de SOHet em relação à qualidade de vida, o que parece sugerir que a condição de exclusão social da homossexualidade vivenciada pelo grupo de estudo não consiste, para esse grupo, em fator que possa interferir diretamente na qualidade de vida dos sujeitos. Assim, torna-se possível supor que o fato de pertencerem a uma classe social, a partir da qual lhes é garantido acesso a recursos educacionais diferenciados, a cultura, entretenimento e conseqüente participação no mercado de consumo, minimamente também lhes garante qualidade de vida comparável a sujeitos homossexuais pertencentes à mesma classe social.

Desse modo, pode-se apontar para as semelhanças entre os grupos no sentido de atenuar as diferenças estereotipadas entre homossexuais e heterossexuais presentes no imaginário social. Tais diferenças parecem decorrentes de construções essencialistas sobre a sexualidade humana.

Quanto à associação entre a prevalência de transtornos mentais nos SOHom e a respectiva qualidade de vida, verifica-se que esta última é relacionada diretamente com a dimensão de saúde mental dos sujeitos. Tal resultado está de acordo com os estudos de King et al. (2003).

4.2- Religiosidade

Quanto às denominações religiosas investigadas, identificam-se diferenças entre os grupos. Apenas 16,7% dos SOHom identificam-se como católicos, contra 31,7% dos SOHet, assim como apenas 6,7% dos SOHom se dizem evangélicos, com relação a 15,0% de SOHet. Assim, é possível que tal diferença se explique pela evidente homofobia presente em ambas as denominações.

Já os SOHom que identificam-se como espiritualistas constituem 23,3% do grupo, enquanto os SOHet, apenas 10,0%. Considerando que agruparam-se nesse estudo como espiritualistas os sujeitos que se disseram adeptos do espiritismo, religiões afro e

orientais, sugere-se que a adesão a tais denominações se dê por maior tolerância das mesmas.

Esses resultados confirmam as concepções de Dufour (2000) e Wilcox (2002) sobre a existência de um processo de negociação identitária em relação à religiosidade. Ainda assim, destaca-se que raramente o grupo religioso do sujeito sabe de sua orientação.

Cabe notar que os sujeitos que sentem orgulho da orientação tendem a não ter religião, sendo o oposto verdadeiro, para o sentimento de vergonha. Curiosamente nas mulheres do grupo de SOHom, quanto maior a frequência da discriminação pela orientação sexual, menor é a frequência delas à igrejas.

Embora esse resultado fosse em parte também esperado quanto aos homens do grupo de SOHom, foi a partir do gênero feminino que identificou-se a associação. Assim, parece ser mais intenso o impacto do discurso religioso de condenação da homossexualidade sobre esse gênero.

4.3- Identidade psicossocial

Nas narrativas dos SOHom do gênero masculino, constatou-se evidente sentimento de orgulho da orientação sexual. Tal sentimento pode ser visto como meio de auto-aceitação e afirmação no meio social.

Essa interpretação relaciona-se com a função do grupo social, onde se compartilha a orientação marginalizada, como meio que propicia a construção de um lugar para a homossexualidade no imaginário social. Assim, o sujeito pode identificar-se positivamente com sua orientação sexual. Trata-se da viabilidade das identidades no meio social e da construção dialética de identidades positivas e negativas (Erikson, 1970).

Nesse sentido, ocorre algum engajamento dos sujeitos no próprio movimento de minoria sexual, uma vez que o orgulho da orientação pode ser tomado por alguns como símbolo da luta política, como referido por Woodward (2000). Por outro lado, tal orgulho pode se dar como meio de legitimação do lugar de sofrimento, por conta da exclusão social,

produzindo-se um discurso a partir do qual este lugar do que sempre sofre, torna-se imutável para e pelo o sujeito.

Já as narrativas das mulheres (SOHom) apresenta crítica com relação ao movimento social em defesa das minorias sexuais. Assim, considerando-se a relação entre orgulho e movimento social, apontada por Silva (2000), têm-se o predomínio dos homens quanto ao engajamento e visibilidade social. Isto parece indicar que a crítica feminina tenha a intenção de rejeitar o lugar social conquistado pelo “movimento gay”, havendo uma posição de recusa da apropriação, por essas mulheres, de um discurso apoiado no orgulho da orientação sexual. Isto vem ao encontro das concepções de Butler (2003) sobre os processos subversivos na constituição de identidades relacionadas ao gênero.

Com relação às narrativas das mulheres sobre o orgulho, há predominância da dimensão pessoal, singular e subjetiva, sobre a dimensão social, sugerindo um modo de experiência da homossexualidade feminina que embora não imune ao contexto social, não se deixa tomar por inteiro por este último.

De acordo com as idéias de Theborn (2006) há implicações e heranças da cultura no modo como a homossexualidade é concebida para algumas dessas mulheres, o que aponta para a valorização do âmbito privado, íntimo, em detrimento do âmbito público e social, relacionado à experiência da sexualidade feminina.

Os homens homossexuais relacionaram a vergonha da orientação com a idéia de decepção de suas famílias, apontando que o encontro de grupos sociais, onde a homossexualidade pode ser compartilhada, minimiza a vergonha da orientação sexual.

Mais do que uma trajetória do microcosmo para o macrocosmo social, o encontro com o grupo social dá chance de identificação com o outro, não apenas no sentido de compartilhamento, mas de interpelação por uma identidade viável, isto é, legitimada pelo grupo, como destaca Woodward (2000) ao tratar dos processos identificatórios envolvidos nas “Políticas de Identidade”.

De acordo com o destaque dado a partir dos resultados quantitativos, para o impacto do sentimento de vergonha nas mulheres homossexuais, as narrativas apresentadas pelas mesmas evidenciam a homossexualidade relacionada ao pecado e doença.

Supõe-se que a idéia de doença relacionada à homossexualidade seja possivelmente, ainda hoje, uma consequência da representação da homossexualidade desenvolvida pela medicalização da sexualidade iniciada no século XIX, como referem e Costa (1992) e Cabaj e Stein (1996). Já a relação com o pecado articula-se com a herança cultural da tradição judaico-cristã sobre a sexualidade feminina (Theborn, 2006).

As narrativas dos SOHom sobre a definição de Deus, vão no sentido do “individualismo religioso”, proposto por Wilcox (2002). Compreendendo-se a religião como fenômeno social, é notado um movimento dos sujeitos no sentido de articulação das doutrinas e dogmas presentes nas diversas religiões e suas próprias questões e perspectivas pessoais.

Assim, o “individualismo religioso” torna-se um meio de negociação identitária, de integração entre as identidades homossexual e religiosa, percebidas socialmente como excludentes, mas viabilizadas individualmente, como reforçam Wilcox (2003) e Dufour (2000).

A negociação identitária inerente ao individualismo religioso é designada por Dufour (2000) através do construto “sifting”, como um processo identificatório através do qual a religiosidade torna-se seletiva, de modo que o sujeito se aproprie de alguns elementos que promovam congruência entre as identidades homossexual e religiosa.

Assim, o “individualismo religioso” parece estar particularmente relacionado com os recursos psíquicos criativos do sujeito, num movimento de elaboração do conflito vivido entre a ordem social, a cultura e a subjetividade.

As definições de Deus oferecidas pelos SOHom atribuíram um status transcendental a essa figura, enquanto os SOHet definiram Deus como um ser personificado, detentor de poderes como criação e salvação. Desta forma, a concepção de Deus como transcendental para o primeiro grupo associa-se com a idéia de um Deus mais transcendental, menos pessoal, não impor dogmas ou doutrinas, geralmente causadores de conflito psíquico.

Quanto aos relatos das experiências de preconceito e discriminação vividas pelos homens do grupo de SOHom, é notável a presença do processo de internalização da homofobia. Isto sugere compreender que o sentimento de inadequação social não se constitui como resultante da interação do sujeito com seu meio apenas, mas implica mecanismos psíquicos individuais.

A partir das narrativas das mulheres homossexuais, o olhar do outro é valorizado de forma explícita. Esse elemento parece relacionar-se com o sentimento de vergonha da orientação sexual associado com pior saúde mental de tais mulheres.

Partindo-se até da expressão “olhar torto”, apresentada nas narrativas e lembrando que heterossexual em inglês é “*straight*”, ou seja, “reto”, correto, nota-se que o fato do olhar ser percebido como “torto”, diz de como o próprio sujeito apreende e apropria-se de sua orientação sexual.

Nos relatos sobre a época da vida em que os sujeitos perceberam sua orientação sexual, identificou-se grande diferença entre os gêneros. Os homens perceberam-se muito precocemente, enquanto as mulheres relataram essa percepção em épocas bem mais tardias da vida.

A partir da perspectiva culturalista de Theborn (2006) sugere-se que tal diferença articule-se com o modo de socialização de homens e mulheres na cultura ocidental. Considerando-se que às mulheres não é apenas permitido o laço emocional, as amizades muito próximas, o contato físico, mas também são esses comportamentos estimulados na cultura, ao contrário do que se espera das relações entre meninos. Assim, a percepção tardia da orientação homossexual das mulheres pode estar influenciada pela tolerância e proximidade de suas relações.

Quando o grupo de SOHom relataram sobre o quanto a orientação sexual poderia caracterizar uma pessoa, identificou-se uma acentuada tentativa de equiparação entre homossexuais e heterossexuais, num sentido que tende à minimização da diferença.

O desejo de fazer-se desaparecer a diferença, talvez relacione-se à tentativa de tornar a homossexualidade melhor aceita socialmente. Mais além, a igualdade sugere um sentimento pessoal de pertença, o que pode amenizar o sofrimento psíquico proveniente da exclusão social.

Nos relatos referentes à importância dada pelos SOHom para a orientação sexual das pessoas, o que destacou-se foi a idéia de que é sempre do outro que parte a importância dada à orientação sexual. Isto parece ser um modo de lidar com a dificuldade inerente ao fato de ter uma orientação sexual divergente da maioria.

Em narrativas sobre o fato de se considerarem pessoas melhores ou piores levando-se em conta a orientação homossexual, é notável a referência feita a não alteração do caráter das pessoas a partir da orientação sexual.

A questão do bom caráter, em nossa cultura, relaciona-se com valores como boa índole, confiabilidade, honestidade, etc. A partir da concepção de caráter que surge nas narrativas, questiona-se se a ênfase na preservação do caráter do sujeito independente da orientação sexual possa servir como tentativa de construção de um discurso que contradiga a associação entre homossexualidade e perversão. Tal associação foi divulgada pelas “ciências da mente” desde o final do século XIX, e ainda é sustentada, mesmo que de modo subliminar, como destaca Barbero (2005).

Considerando o presente estudo de modo geral, aponta-se para algumas limitações e novas questões que sugerem investigações futuras. Identificou-se de início, que decorrente da metodologia utilizada para o recrutamento dos SOHom, o grupo investigado foi muito homogêneo. Consequentemente, os resultados caracterizam um grupo específico de sujeitos que se identifica com a homossexualidade como orientação sexual experimentada.

Ainda como limitação do estudo, principalmente quanto aos aspectos quantitativos, o número de sujeitos obtido a partir do trabalho de campo foi limitante de análises estatísticas que pudessem alcançar resultados mais significativos, embora muitas tendências tenham sido identificadas. Porém, destaca-se como fator limitante nessa linha de estudo a dificuldade de acesso aos sujeitos.

Enfim, a partir da tentativa de produção de conhecimento empírico sobre as homossexualidades foi possível responder algumas questões, gerando outras para futuros estudos. Tais questões dizem respeito à marcante diferença da experiência da orientação homossexual vivida por homens e mulheres e ao aprofundamento da compreensão do papel do grupo social de acordo com o gênero nas homossexualidades.

5- CONCLUSÃO

Em relação a transtornos mentais, de acordo com o objetivo principal desse estudo, assim como com as hipóteses previamente levantadas, foi possível constatar pior saúde mental dos sujeitos de orientação homossexual com relação aos sujeitos de orientação heterossexual. Trata-se possivelmente de fenômeno multifatorial (relacionado com o preconceito e discriminação e possivelmente com outros aspectos não estudados da vida dos sujeitos). A qualidade de vida neste grupo não revelou diferença com o grupo contraste.

Nesse sentido, aponta-se para a semelhança entre os grupos, o que pode ser tomado como contribuição do estudo para a possível desconstrução de estereótipos da homossexualidade presentes no imaginário social.

Quanto à religiosidade não foi possível estabelecer diferenças significativas entre os dois grupos estudados, sendo apenas possível a identificação do fenômeno do “individualismo religioso” no grupo de orientação homossexual, de forma a confirmar parcialmente a hipótese sobre o aspecto da religiosidade e cumprir assim um dos objetivos específicos da pesquisa.

Seguindo-se ainda os objetivos específicos que visavam a avaliação de dimensões da identidade psicossocial dos sujeitos homossexuais e as relações entre os aspectos estudados quanto à homossexualidade, das associações identificadas destacou-se o sentimento de vergonha da orientação, no caso das mulheres, possivelmente relacionado como processo de internalização da homofobia, fenômeno presente no contexto sócio-cultural brasileiro.

No entanto, foi a partir da constatação da diferença presente entre a experiência da homossexualidade dos homens e mulheres estudados que se tornou possível enfatizar ainda mais a relação que esses sujeitos estabelecem com o meio social. Tal relação destaca-se no modo como experimentam a orientação sexual, em seu aspecto subjetivo. Desse modo, verificou-se, através de dados empíricos, o embricamento dos aspectos sociais e individuais na constituição da identidade psicossocial dos sujeitos, salientando-se a relação constantemente dialética que determina tal constituição.

Tomando-se os homens estudados, os resultados apontaram para a ênfase da função do grupo social nos processos de desenvolvimento da identidade, em seu aspecto voltado à orientação sexual. Notou-se evidente inserção desses sujeitos em movimentos minoritários, implicando internalização do discurso que decorre das “Políticas de Identidade” na atualidade.

Finalmente, considerando as limitações da pesquisa com grupos sociais discriminados, acentua-se a marcante necessidade de continuação de investigações, que possam abordar a saúde mental, o sofrimento subjetivo e a identidade psicossocial em sujeitos de orientação homossexual em nosso contexto sócio-cultural.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBERO, G. H. **Homossexualidade e Perversão na Psicanálise: uma resposta ao Gay and Lesbian Studies**, São Paulo. Casa do Psicólogo, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1979.
- BERREMAN, G. **“Por detrás de muitas máscaras”**. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro. Ed. Livraria Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, P. **Distinction: a social critique of judgement of taste**. Cambridge: MA, Havard University Press, 1984.
- BUTTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the subversion of Identity**. Routledge, Chapman & Hall, 1990.
- COCHRAN, S. D. e MAYS, V. **Lifetime prevalence of suicide symptoms and affective disorders among men reporting same-sex sexual partners**. American J of Public Health, 90, 573-8, 2001.
- DUFOUR, L. R. **Sifting through tradition: The creation of Jewish feminist identities**. J Scientific Study of Religion 39:90-106, 2000.
- ERIKSON, E. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- COSTA F. J. **A inocência e o vício: Estudos sobre o Homoerotismo**. Relume Dumará- Rio de Janeiro, 1992.
- COSTA F. J. **A Face e o Verso Estudos sobre o Homoerotismo II**. Escuta – São Paulo, 1995.
- DRESCHER, J. **I’m your handy man. A history of reparative therapies**. J. Homosexuality, 36, 19-42, 1998.
- ENGALND, M. E. **The Bilbe and Homosexuality**. Gaithersburg, MD, Chi Rho Press, 1998.
- FADERMAN, L. **Surpassing the love of men: Romantic Friendship and Love Between Women from the Renaissance to the Present**. London: The Women’s Press, 1985.

FERGUSON, D. M. **Is sexual orientation related to mental health problems and suicidality in young people?** Arch of General Psychiatry, 56(10): 876-80, 1999.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1 a vontade de saber** – Edições Graal - Rio de Janeiro 1998.

FREUD, S. **Three essays on the theory of sexuality.** The Standard edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, vol. 7, 123-246. London, Hogarth, 1905.

FREUD, S. **Some neurotic mechanisms in jealousy, paranoia and homosexuality.** The Standard edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, vol. 18, 145-72. London, Hogarth, 1923.

FREUD, S. **Anonymous (letter to an American mother).** Letters of Sigmund Freud, New York, Basic Books, 1935.

GOFFMAN, N. M. **The presentation of self in everydaylife.** New York. Doubleday Co., 1959.

GRIFFYHS, B. et al. **Religious orientation and attitudes towards homosexuality: a functional analysis-** Australian J of Psychology 53(1): 12-7, 2001.

HALL, S. **The question of cultural identity,** in: S. Hall, D. Held e T. McGrew. Modernity and its futures. Politic Press/Open University Press, 1992.

HARTMANN, L. **Homosexuality-** American Journal of Psychiatry 147(4): 518-9, 1990.

HERSHBERGER, S. L. e D'AUGELLI, A. R. **The impact of victimization on the mental health and suicidality of lesbian, gay and bisexual youth.** Developmental Psychology, 67, 65-74, 1995.

KAPLAN, J. B. **Gay elders face uncomfortable realities in LTC-** Caring for the ages 3(11): 14-6, 2002 .

KERTZNER, M. R. **Being Homosexual-** American J of Psychiatry 147(4): 520, 1990.

KING, M. e BARLLETT, A. **British Psychiatry and homosexuality-** British of Psychiatry 175: 106-13, 1990.

KING, M. Mental Health and Quality of Life of Gay Men and Lesbians in England and Wales. The British J of Psychiatry, 183 2003.

KINSEY, A. C., POMEROY, W. B., MARTIN, C. E. Sexual Behavior in the Human Male. Saunders, Philadelphia, 1948.

KINSEY, A. C., POMEROY, W. B., MARTIN, C. E., GEBHARD, P. H. Sexual Behavior in the Human Female. Saunders, Philadelphia, 1953.

KRAJEZKI P. J. Cultural considerations in the psychiatric care of gay men and lesbians- Culture, Ethnicity and Mental Illness 180: 554-570, 1990.

LOCK, J. e STEINER, H. Gay, Lesbian and bisexual youth risks for emotional, physical, and social problems: results from a community-based survey. American J of Children Adolescent Psychiatry, 38(3):297-304, 1999.

LOSEKE, R. D. Producing institucional selves: rhetorically constructing the dignity of sexual marginalizes Catholics- Social Psychlogy Quaterly 64(4): 347-62, 2001.

MARTY, M.E. Revising the map of American Religion. A American Academy of political and Social Science 558: 13-27, 1998.

MC ANDREW, S. WARNE, T. Ignoring the evidence dictating the practice: sexual orientation, suicidality and the dichotomy of the mental health nurse. J of Psychiatry Mental Health Nursering, Aug; 11(4): 428-34, 2004.

MC COLL, P. Homosexuality and mental health services. British Medical J 308: 550-1, 1994.

MEYER, IH. Minority Stress and mental health in gay men. J of Health and Social Behavior, Mar; 36 (1): 38-56, 1995.

MEYER, IH. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. Psychology and Bullying. Sep: 129 (5): 674-97, 2003.

MINAYO, M. C. S. O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo:Hucitec, 2000.

- PAUL, J. P et al. **Suicide Attempts Among Gay and Bisexual Men: Lifetime Prevalence and Antecedents**. American J of Public Health. Aug vol.92, nº 8, 2002.
- PORTER, R. **The greatest benefit to Mankind. A Medical History of Humanity and Anquity to the Present**, London, HarperCollins, 1997.
- RUTTER, A. P. e SOUCAR, E. **Youth suicide and sexual orientation-** Adolescence, 37(146): 289-99, 2002.
- SHERKAT, E.D. **Sexuality and Religious Commitment in the United States: An Impirical examination**. Journal for the Scientific Study of Religion, 41, 313 -323 -2002.
- SHIVELY, M. e DE CECCO, J. **Components of sexual identity-** J of Homosexuality 3(1): 41-8, 1977.
- SHULTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro. Zahar Ed., 1979.
- SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- SKEGG, K., NADA-RAJA, S., DICKSON, N., PAUL, C., WILLIAMS, S. **Sexual orientation and self-harm in men and women**. American J of Psychiatry. Mar; 160 (3): 541-6, 2003.
- STOLLER, R. **Observing the Erotic Imagination**. New Haven/London, Yale University Press, 1985.
- STOLLER, R. **Masculinidade e Feminilidade- apresentações do gênero**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- TURATO, E.R.. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ- Vozes, 2003.
- THEBORN, G. **Sexo e Poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.
- VISS, C. D. e BURN, M. S. **Divergent perceptions of lesbians: a comparison of lesbian self-perceptions and heterosexual perceptions-** J Social Psychology 132(2): 169-77, 1992.

WARNER, J. et al. **Rates and Predictors of Mental Illness in Gay Men, Lesbians and Bisexual Men and Women.** British J of Psychiatry 185, 2004.

WILCOX, M. M. **When Sheila's a lesbian: religious individualism among lesbian, gay, bisexual and transgender Christians-** Sociology of Religion 63(4): 497-513, 2002.

WILCOX, M. M. **Coming Out in Christianity Religion, Identity and Community.** Indiana University Press, Bloomington, 2003.

7- ANEXOS

ANEXO 1

Sobre o título da dissertação: termos, denominações e vocabulários

Abordar o tema da homossexualidade inclui de saída o dilema do termo a ser adotado. Isto significa considerar os termos que foram utilizados para falar das relações afetivas e sexuais entre indivíduos do mesmo sexo biológico desde o início do século XIX, quando a medicina passou a abordar a sexualidade humana como objeto de estudo e de produção de conhecimento (Costa, 1992).

Desde a década de 80, alguns estudiosos formularam a proposta da mudança do termo homossexualidade, para homoerotismo ou ainda “relações homoafetivas” (Costa,1992). Tal proposta pauta-se numa tentativa de escolha de outro vocabulário, com intuito descolamento dos estigmas, estereótipos e carga histórica, de caráter pejorativo que o antigo termo carrega.

Nesse sentido, o que se pretendeu foi uma tentativa de mudança da representação da homossexualidade no imaginário social, através da transformação semântica, de modo a tentar promover mudança no próprio discurso sobre a homossexualidade (Costa,1995).

No entanto, embora os motivos dessa proposta sejam em parte legitimados pela produção científica sobre a sexualidade, (mais precisamente a partir do final da primeira metade do século XX, com o impacto do Relatório Kinsey), ao menos no contexto sócio-cultural brasileiro, os próprios sujeitos, que seriam chamados de homoeróticos, não se identificaram dessa forma quanto à sua orientação sexual (a grande maioria das pessoas de orientação homossexual, não usa, ou mesmo conhece o termo homoerotismo).

Portanto, questiono a adequação, nesta pesquisa, do uso de um termo como homoerotismo, uma vez que não há para este último, um correspondente oposto, posto que, os grupos sociais se constituem a partir da diferença com o outro, como a “outra face da moeda”, através de uma oposição binária (Woodward, 2000).

Esse questionamento não pretende invalidar tentativas de se criar novas denominações para as relações sexuais e afetivas entre pessoas de mesmo sexo, mas expõe as considerações que levaram às duas modificações do título desse estudo, as quais foram feitas ao longo da coleta dos dados e das primeiras análises de resultado.

Desse modo, o primeiro título escolhido foi “Homoerotismo: aspectos psicológicos e psicossociais”. De acordo com as discussões vigentes sobre a compreensão do tema, considerou-se adequada a escolha do termo homoerotismo, ao invés do termo homossexualidade, levando-se em conta todo o conteúdo negativo e pejorativo, geralmente associado ao percurso histórico do termo. Sendo tal termo, não apenas marcado pelo discurso médico biologizante do final do século XIX, mas ainda pelo próprio discurso produzido pela tradição Judaico-Cristã, presente na cultura ocidental anteriormente à medicalização da sexualidade humana (Costa,1992).

De acordo com o que destaca Costa, 1992, é de grande relevância considerar-se o que está em jogo quando do uso de um vocabulário dentro de determinada prática linguística. Isto significa conceber que essas práticas, com seus vocabulários específicos acabam por produzir, ou mesmo reproduzir subjetividades, também específicas.

Toma-se assim, a linguagem como instrumento de representação de algo, que ao ser compartilhada promove aos sujeitos a possibilidade de interpretação da realidade. É nesse sentido, que ao se considerar os termos homossexual e heterossexual, pode-se cogitar que sendo estes, termos construídos por oposição binária, tendam a ser interpretados, ou incorporados no imaginário social, como designadores de tipos totalmente opostos de indivíduos.

Ora, se existe um tipo de indivíduo que se faz pertencente a uma maioria no cenário social, parece lógico interpretar o tipo oposto, de saída, como aquele que contraria a regra (Hall, 2005). Até esse ponto, seria possível pensar que não se tem qualquer atribuição de juízo negativo em jogo. Porém, ao levar-se em conta que a construção linguística também inclui sua consequente construção subjetiva, é plausível a dedução de que a subjetividade produzida a partir do vocabulário/termo homossexual, só pode ser interpretada como oposta à subjetividade que se produz a partir do termo heterossexual.

Neste momento, pauta-se o fato de que não apenas os indivíduos que se incluem nos grupos dos heterossexuais interpretarão desse modo, mas sem qualquer restrição, também o grupo de homossexuais o fará. Tal fato parece ser parte do jogo linguístico, da cultura assim desenvolvida, da qual não se pode escapar, por ser o próprio sujeito, produto e produtor dela, através da linguagem.

Considerando a cultura, tem-se ainda a questão desta como possível através da inclusão e exclusão, não de sujeitos apenas, mas de seus modos de estar no mundo e principalmente, da expressão de seus desejos (Costa, 1992). Tem-se então, as regras a serem seguidas para a manutenção do que se chama cultura. Desta forma, não sendo tudo incluído, aquilo que fica de fora, conseqüentemente é o que sobra, é aquele que difere (Hall, 2005).

Pensar a cultura e a identidade não faz-se possível sem considerar a oposição pela diferença (Silva, Hall & Woodward, 2000)). Esta se inicia pela prática linguística, a ser interpretada e gradativamente introjetada e subjetivada.

Desta forma, não se tem apenas a fraternidade entre os iguais, mas o possível embate com a diferença, sendo esta a representação de um modo de recusa ao ideal, ocupando o lugar do desvio, da anti-norma, para a qual, segundo Freud, está reservado o lugar também de objeto de repúdio da maioria (Costa, 1995).

Portanto, segundo Costa, 1992, se há intuito de desconstrução dos estigmas que alimentam a discriminação de sujeitos, os quais expressam sua sexualidade de modo diverso da norma, há de se criticar e possivelmente, desconstruir as práticas linguísticas nas quais se baseiam os processos discriminatórios.

O mesmo autor ressalta o fato dos termos homossexualidade e homossexualismo serem obscurecedores da diversidade de sujeitos e subjetividades, as quais se encontram entre os sujeitos de orientação homossexual. Sendo de grande destaque a idéia de essência homossexual, a qual está prevista através desta prática linguística (Stoller, 1989).

Ainda nesse sentido, Costa defende o emprego do termo homoerotismo também por este afastar-se das noções de doença, perversão ou anormalidade e por não fazer indicativo de identidade, o que avalia como problemático do ponto de vista das possíveis

construções no imaginário social, as quais estando baseadas na idéia de identidade, podem suscitar a crença numa substância homossexual, como que um denominador comum a todos os sujeitos, os quais se incluem ou são incluídos neste grupo.

O que é enfatizado pelo autor é o emprego do termo homoerotismo não com efeito universal, mas como possibilidade de inauguração de uma prática linguística, que distancia do sentido já cristalizado e moralmente carregado, do termo homossexualidade. Ainda ressalta que o termo homoerotismo traz a idéia de “atração pelo mesmo sexo”, salientando a realidade de ser o homoerotismo, em nossa cultura, não uma estrutura psíquica caracteristicamente circunscrita, mas um modo de experiência da subjetividade, o qual se coloca fora da lei, ou do ideal da maioria.

Parece ser assim, defensável a idéia de tentativa de modificação de uma prática linguística, funcionando também como possibilidade de lidar com a diferença, primeiramente sem essencializá-la, podendo concebê-la para além da desejada homogeneidade, ainda talvez desinvestida do sentido histórico que os termos homossexualidade e homossexualismo possam carregar.

E foi em consideração a toda a argumentação anteriormente exposta, que este estudo foi inicialmente chamado de: Homoerotismo: aspectos psicológicos e psicossociais.

Durante o período de pesquisa de campo propriamente dita que surgiu a dúvida sobre o nome do estudo. Mais precisamente, quando da aplicação do inventário designado para investigação de aspectos da identidade psicossocial, voltado apenas para os sujeitos de orientação homossexual. Nesse momento, a partir do contato mais aproximado com os sujeitos da pesquisa, no limite entre o distanciamento e a intimidade, legítimos de uma pesquisa de campo como essa, identificou-se uma questão crucial.

Tal questão se colocou de modo bem claro e se tratava da resposta dada pelos sujeitos da pesquisa, quando feita a seguinte pergunta: Em relação à orientação sexual, como você se sente?. As respostas oferecidas mostravam que esses sujeitos se identificavam como “gay”, “lésbica”, “homossexual”, “bicha”, “eu gosto de homens”, “eu gosto de mulheres”, não sendo possível um contato, a não ser através da mente do estudioso, entre o nome do estudo, até então e o que diziam os sujeitos estudados sobre si próprios.

Como partir de uma proposta de prática linguística, a qual inaugura algo novo, se os sujeitos da pesquisa se mostram de saída identificados com outra prática linguística, a partir da qual subjetivam as experiências relacionadas à orientação sexual que experimentam?

Foi considerando o uso do termo homossexual pelos próprios sujeitos do estudo, que se salientou que só seria possível a produção de conhecimento empírico sobre tais sujeitos, se a pesquisa pudesse partir do interior do discurso desses sujeitos, se ao escuta-los fosse possível dar sustentação à uma prática linguística carregada de significados historicamente marcados.

Não se descarta aqui a possibilidade de conseqüências relativas a se usar o termo homossexualidade e o quanto se tem de operações simbólicas e ainda mobilizações de mecanismos psíquicos, os quais podem em maior, ou menor medida balizar o percurso dos sujeitos que vivem o impacto de uma prática linguística carregada negativamente, que rotula a experiência de suas sexualidades.

Porém, quando é incluída a dimensão do campo numa pesquisa que se pretende empírica, faz-se nítido o imperativo do trabalho ancorado nos dados obtidos, sendo relevantes as questões que possam ser levantadas a partir do trabalho com esses dados.

Enfim, durante o trabalho de análise dos dados obtidos e articulação dos resultados, chegou-se ao título final: “Saúde mental, Qualidade de vida, Religiosidade e Identidade Psicossocial nas Homossexualidades”. Destacou-se o último termo no plural, no sentido de aludir à heterogeneidade dos sujeitos que possam se identificar como homossexuais

Também se modificou a primeira parte do nome, quando se entendeu que o trabalho produzido não se caracterizava por um referencial estritamente psicológico, tendo sido sua característica mais marcante, a interface entre diversas áreas do conhecimento, priorizando o diálogo entre tais áreas.

ANEXO 2

Organização do material qualitativo na íntegra/ Narrativas separadas de acordo com as seguintes temáticas:

1- Orgulho e Vergonha

Sd13’: Em relação à raça

Sd14’: Em relação à profissão

Id5’: Orgulho em relação à orientação sexual

Id6’: Vergonha em relação à orientação sexual

Subgrupo: homens homossexuais

Sd13’: Orgulho em relação à raça

-“Indiferente. Mesmo vivendo num país preconceituoso, tento não ser preconceituoso.”

-“Orgulhoso por sentir-se uma pessoa com raízes, história, laço bem definido (Libanês).”

Sd14’: Orgulho em relação à profissão

-“Orgulhoso, porque faço o que gosto. É uma pena que no início da carreira seja mal remunerado.”

-“Orgulhoso, pois faço o que gosto.”

-“Orgulhoso, porque é uma profissão que se define por si só, ou se é bom ou medíocre.”

-“Indiferente, é uma profissão como todas.”

-“Orgulhoso, porque a dança liberta as pessoas.”

Id5': Orgulho em relação à orientação sexual

-“Não, não preciso sair em passeatas pra dizer do orgulho gay, os héteros não fazem isso, acho que só acentua as diferenças.”

-“Não, porque foi difícil aceitar e viver a condição.”

-“Não, mas acho importante lutar por direitos iguais nessa sociedade preconceituosa.”

-“Não. Não faço parte de movimentos de orgulho gay, isso talvez seja importante pra reivindicar, mas não ter orgulho da orientação, não vejo sentido nisso.”

-“Sim, um pouco porque os gays que saíram do armário, deram sua cara pra bater são motivo de orgulho, tiveram coragem de reivindicar direitos iguais.”

-“Não, embora se eu pudesse escolher seria hétero pela liberdade.”

-“Sim, um pouco, quando vi pela televisão a última parada em São Paulo, achei bonito as pessoas se unindo para serem livres do preconceito.”

-“Sim, muito porque mesmo com todo mundo contra eu me assumo.”

-“Sim, um pouco, hoje em dia porque admiro a luta homossexual por direitos civis.”

-“Não, é tanto preconceito que fica difícil.”

-“Sim, um pouco quando fui pela primeira vez na parada gay do Rio, fiquei impressionado, era muito garoto, aquilo tinha cara de revolução sexual, mas acho que foi uma coisa fantasiosa.”

-“Não, isso não é tão relevante.”

-“Acho que não é orgulho achando que todo mundo tem que ser gay, mas orgulho por ter coragem de assumir que é gay.”

-“Orgulho é uma coisa que você sente porque você acha que fez algo de bom, mas tem muito preconceito, coisa que me fez sofrer muito, aí ter orgulho, sei lá, acho difícil.”

-“Sinto orgulho porque os gays não abaixaram a cabeça nem quando veio a AIDS.”

-“Já senti orgulho porque o gay conquista espaço cada vez mais, mesmo com todo preconceito no Brasil.”

-“É quase impossível ter orgulho quando você se fode por ser gay, às vezes pode ser orgulho até pra se defender do preconceito.”

-“Já senti orgulho quando fui agredido verbalmente numa loja e respondi de pronto, sem me sentir rebaixado, foi uma boa lição.”

-“Pra mim sentir orgulho da orientação tem a ver com se aceitar, demorou uns anos, mas eu sinto hoje.”

-“Não vejo sentido nessa coisa de orgulho gay, isso acaba segregando mais ainda, não sei, tenho implicância com esse tipo de coisa militante.”

-“Acho que o orgulho pode ser importante pra melhorar a auto estima gay, mas não pode virar uma forma de dizer que o gay é melhor que o hétero.”

-“Orgulho eu não senti, ou sinto, acho bom a conquista dos gays, é bom pra mim também.”

-“Eu vejo até importante o orgulho gay, porque o gay é tão pisoteado, só se aparece em novela que é legal, se for na vida real, com a cabeça que a maioria tem, só leva chumbo.”

-“Acho que o orgulho que eu tenho é pela luta dos gays, isso é importante mesmo.”

-“Não sentia orgulho antes, mas hoje aprendi a gostar de mim gay.”

Id6’: Vergonha em relação à orientação sexual

-“Sim. Um pouco quando sentia culpa perante os meus pais, depois que percebi que me amavam como sou, isso não aconteceu mais.”

-“Sim, um pouco. não gosto da possibilidade de ser rotulado.”

-“Não, sou ou tento ser livre internamente, não me envergonho, o julgamento externo existe, mas quando você não se julga fica mais fácil.”

-“Não, sempre acreditei que o essencial era estar bem comigo e se pra isso devo estar acompanhado de um parceiro, mesmo fugindo do standard, tudo bem.”

-“Sim, muito. Sentia que era errado e tinha culpa por ser assim. Eu achava que eu era o único assim, mas ainda sofro às vezes, dizem que com os anos isso vai melhorando.”

-“Sim, quando fizeram brincadeiras me observaram, principalmente na igreja.”

-“Sim, muito, na adolescência quando eu achava que tinha que provar alguma coisa, hoje é outra história.”

-“Sim, um pouco, acho que a maioria já sentiu, principalmente quando se descobriu, ainda mais se é de uma família tradicional, religiosa, mas isso foi só uma fase pra mim.”

-“Sim, um pouco, quando minha mãe me pegou com um namorado em casa, eu achava que ela não sabia, mas ela só estava esperando eu contar.”

-“Sim, um pouco, quando percebi que estava atraído por um homem me passou um pouco de medo disso em mim pela cabeça.”

-“Sim, um pouco. Principalmente quando contei pra minha mãe e pra minha irmã.”

-“Sim, muito, quando meu pai chegou de surpresa pra me visitar logo que vim pra Campinas e eu tava com meu namorado em casa, aquilo foi uma coisa que eu não esqueço, nunca tive tanta vergonha, passei uns dias mal por isso.”

-“Sim, um pouco na adolescência.”

-“Sim, um pouco, pois sabia que não era isso que esperavam de mim, mas isso faz muito tempo, eu ainda dependia do olhar da família.”

-“Só tive vergonha quando meu avô, que ajudou minha mãe a me criar, começou a desconfiar, sei que ele queria outra coisa de mim, uma coisa mais macho mesmo.”

-“Senti vergonha quando eu e meu primeiro namorado fomos vistos juntos num quarto do hotel onde estávamos comemorando a formatura do colegial, a fofoca foi geral e muita gente nem desconfiava de mim.”

-“Tinha vergonha da minha família, achava que eu era um ET.”

-“Já senti vergonha, achava que eu era estranho, que tinha algum problema, mas isso passou quando entrei no mundo gay e fiz amigos, vi que eu não era um louco.”

-“Senti vergonha quando meu pai ficou sabendo.”

-“Acho que vergonha todo mundo que assume pra família, um pouquinho acaba sentindo.”

-“Vergonha mesmo não senti, senti muito por decepcionar as expectativas dos outros, mas sabia que era isso que eu queria.”

-“Vergonha eu não tive, tive medo da reação da família, mas como já tinha uma irmã bem mais velha que é gay, os obstáculos já tinham sido vencidos.”

-“Acho que minha família, algumas pessoas foram meio cruéis comigo, acabei tendo depressão e tinha vergonha de mim mesmo.”

-“Talvez essa coisa da vergonha seja uma coisa em comum nos gays, porque nenhuma família aceita de cara um gay, você acaba passando por um sentimento de que você é o errado.

-“Eu nunca senti vergonha, acho que sempre tentei evitar ficar perto de gente que pudesse me fazer sentir mal por ser gay, até por isso que vim pra Campinas, minha família tá toda em Minas, assim eu posso ter minha liberdade.”

-“Vergonha eu tive quando minha família ficou sabendo, eu não queria decepcionar eles, hoje isso passou, mas foi terrível.”

-“Sentia vergonha muito quando era pequeno, na escola sempre tiraram sarro de mim, eu era tudo de ruim que podiam inventar e depois na adolescência tive que mudar de colégio várias vezes, eu comecei a enfrentar e arrumava briga, apanhava mesmo.”

Subgrupo: mulheres homossexuais

Sd13’: Orgulho em relação à raça

-“Orgulhosa, porque foi uma raça rebaixada, mas que tem lutado por seus direitos e por seu valor.”

Sd14’: Orgulho em relação à profissão

-“Orgulhosa, porque faço aquilo que gosto, eu pude escolher.”

-“Orgulhosa, porque minha família lutou muito pra eu chegar até aqui na profissão.”

-“Orgulhosa, porque lutei muito pra ter minha profissão.”

-“Orgulhosa, porque faço o que gosto mesmo.”

-“Orgulhosa, porque escolhi a profissão certa.”

Id5': Orgulho em relação à orientação sexual

- “Sim, um pouco, porque gosto de fazer parte de um grupo que não se envergonha, luta por seus direitos, apesar de nem todos fazerem isso.”
- “Não, acho que o orgulho para grupos minoritários é um modo de se valorizar por se sentirem desvalorizados pelo mundo.”
- “Não, mas às vezes dá vontade de chocar pra ver como fica.”
- “Não, isso nunca foi uma bandeira na minha vida.”
- “Sim, um pouco, porque o gay tem que desbravar o mundo, tem que ter coragem pra se assumir, acho isso um mérito.”
- “Não, acho que é só uma característica, como outras.”
- “Sim, muito, porque acho que as mulheres juntas podem acabar com a discriminação com elas, acho isso legal.”
- “Não, isso uma coisa sobre mim, não preciso idolatrar isso.”
- “Não, não acho que seja assim tão importante.”
- “Não, Sempre sofri muito por ser assim, como poderia ter orgulho?”
- “Sim, um pouco, porque os gays têm ido à luta.”
- “Sim, um pouco, porque é uma conquista a visibilidade que os gays estão conquistando às custas de muitos conflitos, mas estão indo.”
- “Acho que nunca me engajei em coisas como movimento gay pra me sentir orgulhosa por namorar mulher.”
- “É difícil sentir orgulho de ser gay com tanto preconceito, é mais fácil achar vergonha e desprezo por si mesmo por ser gay numa sociedade como a nossa.”
- “Sei que tem gente que até tem orgulho, mas acho que é por causa do movimento gay pelos direitos civis.”
- “Senti orgulho quando fui pra parada gay mês passado, foi emocionante aquele monte de gente assumida mostrando a cara e lutando pelos seus direitos, foi de arrepiar.”

-“Como pra mim a coisa da orientação não está no centro da minha vida, orgulho eu não senti, mas já senti uma sensação de harmonia comigo mesma.”

-“Acho que nunca senti orgulho porque não acho ser gay um atributo, uma qualidade é só uma coisa diferente da maioria.”

-“Acho que orgulho só com a coisa do movimento gay, sou uma pessoa comum, não tem porque ter orgulho.”

-“Primeiro que é impossível ter orgulho com tanto preconceito, mas mesmo sem o preconceito, não acho que extraordinário pra ter até orgulho.”

-“Já senti orgulho porque acompanhei muita gente se descobrindo e lutando contra tudo pra ser feliz.”

-“Ah, é impossível não sentir numa loucura como é a parada gay, é uma conquista que dá orgulho mesmo.”

-“Já levei tanta pancada, não dá pra ter orgulho de uma coisa que me fodeu tanto, desculpa a palavra.”

-“Não acho que é pra ter orgulho de ser gay, nem de ser ator, nem de ser médico, de ser marginal, pra mim não faz sentido, mesmo considerando a luta pelos direitos.”

-“Nunca fui engajada em movimentos, talvez seja por isso.”

-“Orgulho eu nunca tive, já me senti bem por assumir meu relacionamento pra algumas pessoas, mas a sensação foi mais de liberdade que de orgulho, não acho que ser gay é um motivo de orgulho, senão também seria o fato de eu ser mulher, empresária.”

-“Relaciono o orgulho como uma forma de trabalhar a questão do movimento gay, como nunca militei, não sento orgulho.”

-“Acho que orgulho seria uma coisa de luta de grupo, pra reivindicar mesmo.”

-“Não entendo bem essa de orgulho, mas não é uma coisa que eu já tenha sentido.”

Id6’: Vergonha em relação à orientação sexual

-“Sim um pouco quando a família soube, sabia que estava indo na contra-mão do que esperavam de mim.”

-“Não, sou ou tento ser livre internamente, não me envergonho, o julgamento externo existe, mas quando você não se julga fica mais fácil.”

-“Sim, muito.”

-“Sim, muito, por causa da religião principalmente, achava que eu era má, que era a única, e que acabaria com a minha família se assumisse.”

-“Sim, um pouco, quando me senti atraída por mulher pela primeira vez, não tinha coragem de contar pra ninguém porque achava que eu era a única.”

-“Não, acho que encarei bem quando vi essa possibilidade na minha vida.”

-“Sim, muito. Quando me descobri achava que era doente e quando minha mãe descobriu, dizia isso pra mim todos os dias.”

-“Não, tive uma criação muito aberta, com algumas pessoas gays ao redor, não pareceu ser um pecado ser homossexual.”

-“Sim, um pouco porque achava que eu era a única nessa situação, depois tive o apoio da minha família que demorou um pouco, mas aceitou.”

-“Foi a situação mais horrível, quando na escola desconfiaram que eu e uma outra menina estávamos namorando, um dia chegamos e fomos recebidas com um sonoro coro dizendo: sapatão, sapatão.”

-“Demorou muito pra eu poder ficar como eu estou agora, tive que vencer muita coisa e não acabar comigo por causa do sofrimento, hoje me amo porque sei que toda forma de amor é saudável, acreditei que eu não sou doente.”

-“Acho que eu senti vergonha quando minha avó ficou sabendo de mim, talvez quando meu padrasto também ficou sabendo.”

-“A vergonha eu tive quando minha mãe descobriu, porque ela queria que eu me tratasse, demorou uns 2 anos pra ela voltar ao normal comigo, o resto da família não sei se sabe ou finge que não sabe.”

-“Acredito que não tenha sentido vergonha porque me descobri com 22 anos, isso significa que já tinha boa parte de minha personalidade formada e não tive que me explicar pra ninguém.”

-“Senti vergonha do meu pai na época que começaram a desconfiar, mas depois passou, há uns 2 anos atrás até conversamos sobre o assunto.”

-“Se eu tive vergonha não lembro, sei que me assumi pra minha família sem culpa. Tive vergonha de Deus, principalmente no início, achava que tava fazendo uma coisa muito errada, depois fui conversando com outras pessoas gays, que eram de Deus e isso me ajudou.”

-“Vergonha eu não tive porque me descobri já tendo um monte de amigas gay, meu pai nunca ligou, ou sabe e fica numa boa e meu irmão já teve um caso com um cara, depois voltou pra namorada e casou faz um ano.”

-“Acho que tive mais vergonha de mim mesma, porque eu sentia que eu era diferente, não sabia que outras pessoas eram como eu e aí eu achava que era pecado, que eu nunca poderia falar disso com ninguém, foi duro.”

-“Senti vergonha da minha família quando me sacaram, acho que decepcionei muito eles, foi foda, mas hoje eu sou aceita.”

-“Ninguém nunca me pressionou, espionou, ou questionou se eu gostava de homens ou mulheres, eu também já era independente quando comecei a ter namoradas, me senti perdida, mas não tive vergonha.”

-“Acho que vergonha é comum quando a pessoa não se aceita até por medo da reação dos outros. No meu caso, foi tudo tão tardio, eu lidei sem tanta dificuldade.”

-“Talvez tivesse sentido vergonha se tivesse gostado de uma mulher aos 15 anos, como já era adulta, foi mais uma descoberta que compartilhei com quem podia na época.”

-“Como tive meu primeiro relacionamento com uma mulher aos 30, isso significa que já não estava envolvida com minha família, de forma que não tive que me preocupar com aceitação, esse já não era meu foco, até casada eu já tinha sido por 3 anos.”

-“Eu senti vergonha quando houve o choque com a família, achavam que era doença, eu mesma acho que achava.”

-“Não passei por constrangimentos, isso me livrou da vergonha, e também me aceitei bem.”

Subgrupo: homens heterossexuais

Sd13’: Orgulho em relação à raça

-“Orgulhoso, porque não me limitei ao preconceito, venho de uma família muito lutadora.”

Sd14’: Orgulho em relação à profissão

-“Orgulhoso, porque faço aquilo que escolhi.”

-“Orgulhoso, porque a educação é a base de tudo.”

-“Orgulhoso, porque curto minha profissão.”

-“Orgulhoso, porque faço com prazer.”

-“Orgulhoso, porque gosto do meu trabalho.”

Subgrupo: mulheres heterossexuais

Sd13’: Orgulho em relação à raça

-“Orgulhosa, porque a raça negra luta muito pelo seu espaço.”

Sd14’: Orgulho em relação à profissão

-“Orgulhosa, porque a área da educação é a base da formação do ser humano.”

-“Orgulhosa, porque é o que eu gosto mesmo.”

-“Orgulhosa, porque adoro o que eu faço.”

-“Orgulhosa, porque tive a chance de escolher a profissão que eu acho importante pra sociedade.”

-“Orgulhosa, porque faço o que escolhi fazer desde bem cedo.”

-“Orgulhosa, porque escolhi essa profissão.”

-“Orgulhosa, porque sei da importância da minha profissão.”

-“Orgulhosa, porque gosto muito do meu trabalho, foi esse trabalho que me reergueu.”

- “Orgulhosa, porque gosto do meu trabalho.”
- “Orgulhosa, porque tenho uma profissão que pode ajudar as pessoas.”
- “Orgulhosa, porque gosto de meu trabalho.”

2- Religiosidade

IRho4: Definição de Deus

IRho7: Por que rezar?

IRho10b: Como se sente sendo membro de tal denominação religiosa?

IRho10c’: Se lê livros religiosos, o que lê?

Subgrupo: homens homossexuais

IRho4: Definição de Deus

- “É uma força que impulsiona a evolução espiritual.”
- “Tudo.”
- “Sou um pouco São Tomé.”
- “É algo que não se explica, é fê.”
- “O criador de tudo que nos dá a oportunidade de viver.”
- “Eu não conseguiria definir.”
- “Sinto, mas não vejo, isso é o que faz dele Deus, implica em busca, verdade, está presente querendo me mostrar algo.”
- “É um guia pra vida.”
- “Uma força de contato com alguma coisa superior a esse mundo.”
- “É uma energia que coordena o mundo.”
- “Talvez seja algo que não se pode explicar.”
- “Acho que é um exemplo do que é ser humano.”

- “É a minha luz que dá a paz e harmonia que eu preciso em qualquer momento.”
- “Uma energia que o homem não consegue explicar.”
- “Deus é uma força, de um nível espiritual muito elevado.”
- “Acho que Deus é uma forma de energia que move o universo, alguma coisa assim Deus é uma força, não sei definir direito, mas pode ser uma força elevada.”
- “Não sei direito, mas posso dizer que Deus poderia ser um tipo de energia superior, alguma coisa assim.”
- “Acho que Deus é um ser superior mais evoluído.”
- “Deus pode ser uma força, um espírito, não sei.”
- “Acho que Deus é uma coisa pra cada pessoa, mesmo que as pessoas sejam da mesma religião.”
- “Deus é uma força superior.”
- “Deus é um espírito de muita luz.”
- “Posso pensar que Deus é como dizem na minha religião, ou posso ter minha própria idéia, que me faz sentir melhor com esse Deus, é o que eu faço.”
- “Eu não sou uma pessoa religiosa, mas admito que tem algo além do que a gente sabe, pra mim isso é Deus.”
- “Deus é uma energia, alguma coisa que dá vida.”
- “Deus é uma luz, um espírito de luz mais avançado que o ser humano.”

IRho7: Por que rezar?

- “Porque me sinto conectado com essa força.”
- “Para adquirir sentimento de companhia e força.”
- “Principalmente para agradecer pela vida.”
- “Porque preciso agradecer pela vida que tenho.”

- “Porque parece que é tudo apenas uma crença da minha mente.”
- “Preciso disso para me guardar de energias.”
- “Para me sentir amparado, protegido por essa força.”
- “Porque me sinto em contato com algo maior que as coisas desse mundo, busco harmonia interior quando eu rezo.”
- “Porque sinto que Deus está presente todo o tempo, não acho que precise rezar.”
- ”Acho que rezo pra agradecer pela vida que tenho.”
- “Rezar serve pra me ligar a Deus, me elevar e me aproximar dessa força.”
- “Gosto de rezar pra sentir a presença dessa força que é Deus.”
- “Rezo do meu jeito como se eu fizesse contato com essa energia.”
- “Rezo pra me aproximar da energia evoluída de Deus.”
- “Funciona como uma busca de calma e paz.”
- “Rezo pra agradecer.”
- “Acho que no fim eu rezo como um jeito de tentar me aproximar de uma coisa que move tudo, mas que não sabemos o que é, é uma forma de passar desse mundo concreto, sei lá.”
- “Eu não diria que rezo assim com todo mundo entende, acho que tento ficar em equilíbrio com uma coisa que tá em qualquer ser vivo, um tipo de energia de vida. rezo mais pra agradecer a vida, mesmo as dificuldades.”

IRho10b: Como se sente como membro de tal denominação religiosa?

- “Isso é uma questão de fé o espiritismo responde muitas das minhas questões envergonhado pelo que a igreja tem se tornado, arcaica, preconceituosa.”
- “Bem, mas é difícil dizer porque nasci e fui criado no catolicismo.”
- “Normal.”
- “Respeitado como alguém que segue a Deus.”

-“Normal, eu tenho minha forma de encarar Deus, é bem pessoal mesmo.”

-“Sinto que Deus está comigo, mesmo não freqüentando uma igreja.”

-“Normal, tenho Deus comigo e pronto.”

-“Normal.”

-“Sem problemas.”

-“Muito feliz.”

-“Bem.”

-“Tudo bem.”

-“Tranquilo.”

-“Em paz.”

-“Bem.”

-“Bem.”

-“Tudo bem.”

-“Sem problema.”

-“Bem.”

-“Satisfeito.”

-“Bem.”

-“OK.”

-“Feliz.”

IRho10c’: Se lê livros religiosos, o que lê?

-“Sim, a bíblia, semanalmente.”

-“Sim, os livros da Zíbia Gasparetto, o evangelho mesmo, leio quase que semanalmente.”

-“Leio livros espíritas como Zíbia Gasparetto.”

- “Gosto de ler sobre religiões orientais como taoísmo, budismo, acho interessante.”
- “Leio sobre budismo porque acho que não é religião, é bem mais livre.”
- “Eu às vezes leio sobre as religiões em geral, não livros religiosos, mas gosto de saber das últimas.”
- “Às vezes leio sobre religiões em geral, teve uma época que li sobre espiritismo, gostei muito.”
- “Hoje em dia não leio muito, mas gostava de ler romances da Zíbia Gasparetto, se bem que tá batido já.”

Subgrupo: mulheres homossexuais

IRho4: Definição de Deus

- “Uma força de união.”
- “Respeito.”
- “Algo que me acompanha e me dá conforto.”
- “Se existe, acho que é uma força que oferece energia.”
- “Não sei direito, mas quem sabe uma forma de energia.”
- “É a luz pra nossa vida aqui.”
- “Sinto como uma energia, uma entidade pessoal.”
- “Deus é uma força interior e exterior ao homem, em tudo há essa energia, essa força.”
- “É um guia de proteção.”
- “É a energia que coordena o universo.”
- “É uma coisa superior ao humano, mas que ao mesmo tempo nos guia.”
- “É uma energia transcendental.”
- “É uma força geradora de elevação espiritual pra nós na Terra.”
- “É uma referência para a evolução espiritual.”

- “É um ser superior.”
- “Pra mim é uma energia de criação e proteção.”
- “Se lá é uma força de proteção, maior do que a gente pode imaginar.”
- “Acho que é uma forma de energia que rege tudo e que é superior, não tem muito jeito de explicar.”
- “Acredito que Deus seja um espírito muito evoluído que tentou ajudar a humanidade.”
- “Pra mim é uma energia criadora, superior.”
- “Deus é tudo na minha vida.”
- “Deus é o meu guia.”
- “Sinto que Deus é uma criatura transcendente, que está acima do nosso entendimento.”
- “Pra mim, Deus é uma forma de energia da vida.”
- “Deus é um ser que está num nível superior ao do ser humano.”
- “Eu acredito que Deus seja um ser protetor, uma força.”
- “Pra mim Deus é um ponto de equilíbrio.”
- “Talvez Deus seja uma força que move o mundo.”
- “Não tenho uma definição de Deus, mas pode ter a ver com uma energia.”
- “Pra mim acho que Deus deve ser a energia que move tudo isso que vivemos.”

IRho7: Por que rezar?

- “Não sinto necessidade, porque essa força está em toda parte por hábito.”
- “Porque me sinto bem, como se tivesse feito contato com uma força que rege tudo.
- “Porque não tenho uma crença definida.”
- “Porque isso não faz sentido para mim.”
- “Porque é o meu momento de encontro, me faz aliviada dos sofrimentos que às vezes temos.”

-“É minha maneira de encontro interno, de livrar a mente de tudo, na verdade não é uma reza, é uma meditação.”

-“Faço isso para me afastar do mundo material e me conectar com uma dimensão espiritual.”

-“Para ficar mais calma, me sentir em paz.”

-“Rezo pra agradecer pelas coisas que conquisto e pelas lições que tiro da vida.”

-“Rezar faz parte de fazer uma reverência à essa energia que também está em mim.”

-“Rezo para me conectar com uma energia superior, embora ela esteja o tempo todo entre nós.”

-“Rezo pra me sentir em contato com essa energia.”

-“Geralmente rezo pra tentar me ligar a uma força superior.”

-“Às vezes rezo por gratidão pela vida que tenho, outras vezes pra me sentir em paz, em harmonia.”

-“Rezo pra saudar a Deus.”

-“Rezo pra agradecer pela vida.”

-“Não sei bem se é rezar, mas faço uma conexão com algo maior.”

-“Rezo pra me sentir livre das dificuldades desta vida.”

-“Rezo porque acho importante agradecer pela vida, só isso.”

-“Eu rezo pra agradecer, pra me sentir mais amparada, mais forte.”

-“Gosto de rezar pra conversar com Deus, é como se fosse uma parte em mim com quem converso.”

IRho10b: Como se sente como membro de tal denominação religiosa?

-“Sinto-me bem.”

-“Bem, sou católica desde pequena, nunca pensei em como seria se fosse diferente.”

-“Estranho porque todos parecem acreditar em algo e eu não.”

-“Sinto-me bem , embora algumas pessoas se choquem com o fato de não ter uma definição religiosa.”

-“Gosto de ter um caminho espiritual, acho isso importante.”

-“Bem, porque consegui me achar de fato, me livrar de problemas muito sérios da minha vida.”

-“Indiferente, porque não me defino como pertencendo a nenhuma religião formal.”

-“Não tenho uma religião certa.”

-“Bem.”

-“Bem, porque é no que acredito e isso me ajudar a ver as dificuldades de outro jeito.”

-“Bem.”

-“Normal.”

-“Bem.”

-“Não tenho problemas.”

-“Bem.”

-“OK.”

-“Em paz.”

-“Sinto uma leveza.”

-“Felicidade.”

-“Felicidade.”

-“Bem.”

-“Numa boa.”

-“Bem.”

-“OK.”

-“Sem problemas.”

-“Numa boa.”

-“Bem.”

IRho10c’: Se lê livros religiosos, o que lê?

-“Sim, todos da minha religião. Pelo menos a cada 15 dias.”

-“Sim, a bíblia, pelo menos 1 vez por semana.”

-“Sim, livros sobre a filosofia Zen, acho que um livro a cada 2 meses. principalmente a bíblia.”

-“A bíblia.”

-“Leio livro sobre as religiões orientais, como taoísmo.”

Subgrupo: homens heterossexuais

IRho4: Definição de Deus

-“É o salvador, que ajuda a fazer as decisões que temos na vida.”

-“Uma força mais forte que o homem que olha por nós.”

-“Alguma coisa que o humano tem acesso, mas que dá ordem às coisas.”

-“Uma força superior.”

-“Uma luz superior.”

-“Talvez uma forma de energia ordenadora da natureza.”

-“Uma força que rege o universo.”

-“Acho que Deus é uma força que está dentro de cada um.”

-“Deus é aquilo de mais elevado que há.”

-“Acho que Deus é luz.”

-“Deus pra mim é a guia da minha vida, me apoio nele em várias horas.”

-“Uma força acima do ser humano.”

-“É uma energia que se materializou na época de Jesus pra ensinar algo.”

-“Uma forma de força, energia que pode nos levar à paz espiritual.”

-“É uma forma de vida superior, não sei.”

- “Acho que Deus deve ser um exemplo, um guia, uma coisa assim.”
- “Pra mim Deus é uma energia que move o mundo, mas não saberia explicar melhor.”
- “Não costumo definir porque pra mim não tem só uma forma de explicar.”
- “Gosto da idéia de que Deus é uma força dentro do ser humano só isso.”
- “Pra mim Deus é a paz total, que não dá pra alcançar totalmente.”
- “Juro que não sei explicar.”
- “Acho que Deus é uma coisa pra cada pessoa, é muito particular mesmo.”
- “Deus é a fonte de inspiração pra tudo que vivemos.”
- “Deus é o que tem de mais puro, não consigo explicar bem.”

IRho7: Por que rezar?

- “Em momentos difíceis a gente acaba recorrendo a Deus.”
- “Rezo pra ativar em mim essa força interior, mas não preciso rezar pra sentir a presença de Deus.”
- “Acho que não preciso rezar pra estar perto de Deus.”
- “Pra mim, rezar me traz paz, me ajuda a tomar as melhores decisões.”
- “Porque não tenho necessidade de rezar pra me sentir com Deus, acho que ele está em todo lugar o tempo todo.”
- “Pra me aliviar do estresse do dia-a-dia.”
- “Não sinto essa necessidade.”
- “Acho importante rezar para agradecer e se renovar desta força.”
- “Rezo pra ficar mais tranquilo.”
- “Rezar me ajuda a ter mais calma pra decidir coisas.”
- “Porque me sinto em paz.”
- “Porque me alivia de situações muito conturbadas.”

-“Porque é meu momento de aproximação com Deus.”

-“Rezo pra me manter no caminho certo.”

IRho10b: Como se sente como membro de tal denominação religiosa?

-“Bem, sempre fui dessa religião.”

-“Bem, porque tenho minha fé.”

-“Sem problemas, tenho minhas crenças do meu jeito.”

-“Numa boa.”

-“Bom, é no que eu acredito.”

-“Bem.”

-“Bem.”

-“Normal.”

-“Normal.”

-“Muito satisfeito.”

-“Bem.”

-“Numa boa.”

-“Feliz.”

-“OK.”

-“Bem.”

-“Bem.”

-“Em paz.”

-“Satisfeito.”

-“Tudo bem.”

-“Sem problema.”

-“Bem.”

-“Bem.”

Subgrupo: mulheres heterossexuais

IRho4: Definição de Deus

- “Deus é aquilo que me dá paz.”
- “Deus é uma força dentro do ser humano.”
- “Deus é um espírito elevado.”
- “Acho que pode ser a energia que comanda tudo.”
- “Não sei ao certo, mas alguma coisa que o homem não pode explicar.”
- “Deus é uma força, não sei.”
- “Deus pra mim é alguém assim superior, de muita força.”
- “Deus é o direcionamento que deve trazer o ser humano.”
- “Deus pode ser como um caminho, aquilo que te guia sempre.”
- “Acho que deus pode ser uma força, não sei.”
- “É com certeza um ser de muita luz.”
- “Não consigo ter uma definição assim exata, pode ser uma energia, não sei.”
- “Deus é um nome pra força que rege o universo.”
- “Deus pode ser um espírito superior, não sei.”
- “Deus é a energia que move a vida no planeta.”
- “É uma força além do ser humano.”
- “Para mim é algo supremo, superior que nos leva para a evolução como seres humanos.”
- “Deus pra mim é um ser superior que pode guiar nossas vidas se nós deixarmos.”
- “É uma força que tem que existir dentro de cada um.”
- “É algo responsável pela criação de tudo, mas não sei definir.”
- “É uma proteção e um alívio na minha vida.”
- “Pra mim, Deus é um modelo de vida.”

- “Uma entidade superior, elevada.”
- “É um exemplo de força e conduta.”
- “Não sei definir isso.”
- “É aquele que liberta, te traz pra felicidade.”
- “É aquilo que não conseguimos explicar, mas que está em tudo em nossa vida.”
- “Olha, não consigo explicar.”
- “É a fonte de força na minha vida, me guia pra ser uma pessoa melhor.”
- “Pra mim é a força e a luz da minha vida, me ajuda em todos os momentos.”

IRho7: Por que rezar?

- “Rezo pra ficar em contato com Deus.”
- “Porque me sinto bem.”
- “Porque me tranquiliza e dá paz.”
- “Rezo pra agradecer pelas oportunidades.”
- “Gosto de rezar pra me sentir em contato.”
- “Rezo pra louvar a Deus.”
- “Agradecer.”
- “Rezo pra me sentir em paz.”
- “Pra demonstrar gratidão.”
- “Rezo porque sinto melhor.”
- “Gosto de manter contato, é um jeito de me sentir calma.”
- “Rezo pra falar com Deus do meu jeito.”
- “Rezar pra mim é como um canal de energia com Deus.”
- “Rezo pra sentir harmonia.”

- “Gosto de rezar porque me sinto em paz.”
- “Rezo só pra agradecer.”
- “Rezo pra agradecer pela vida que tenho.”
- “Rezo pra me sentir mais perto do amparo de Deus.”
- “Sinto que estou protegida.”
- “Rezo para abrir um canal com essa entidade suprema.”
- “Para manter minha espiritualidade.”
- “Pra manter minha fé .”
- “Quando me sinto em uma situação difícil, pra buscar respostas.”
- “Para me colocar direto com Deus, receber sua proteção.”
- “Porque me sinto bem, feliz, com força pra ir dia-a -dia.”

IRho10b: Como se sente como membro de tal denominação religiosa?

- “Bem.”
- “Satisfeita.”
- “Bem.”
- “Normal.”
- “Muito bem.”
- “Bem.”
- “Feliz, porque me encontrei nessa religião.”
- “Normal.”
- “Na boa.”
- “Muito bem.”
- “Normal, tô numa boa com relação à maneira que acredito em Deus.”
- “ Muito feliz porque me sinto acolhida.”
- “ Orgulhosa porque me mantenho junto a Deus.”

3- Preconceito e Discriminação

IRho11’: Se já foi discriminado por pertencer à determinada religião

IRho12’: Se o grupo religioso sabe da orientação homossexual do sujeito

IRho13’: Se já foi discriminado no grupo religioso por conta da orientação sexual

Id8’: Se já foi discriminado por conta da orientação sexual

Id12: Como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua?

Subgrupo: homens homossexuais

IRho11’: Se já foi discriminado por pertencer à determinada religião

-“As pessoas mais velhas não se conformam com o fato de eu não ter crença.”

-“Sim, no mundo gay sempre tem quem comente: olha a bichinha evangélica!”

IRho12’: Se o grupo religioso sabe da orientação homossexual do sujeito

-“Não sei se as pessoas todas do centro sabem, acho que não, só aquelas mais próximas pra quem eu me abro.”

-“Acho que só me abriria se fossem meus amigos.”

-“Acho difícil um gay se assumir numa religião.”

IRho13’: Se já foi discriminado no grupo religioso por conta da orientação sexual

-“Não faço parte de grupos religiosos, estão ultrapassados.”

-“Não, faço tudo pra não desconfiarem, é que o pessoal a igreja me viu crescer, acho que se decepcionariam.”

-“Sim, já disseram que os gays eram endemoniados.”

-“Acho que eu nem seria de um grupo de religião justamente pelo preconceito.”

-“Não tenho um grupo assim, mas se tivesse acho que seria discriminado.”

-“Não sou de alguns grupos como os religiosos bem porque sei da homofobia de muitas religiões.”

-“Faço força pra ficar numa boa, mas tem sempre uma piada, uma mensagem subliminar na própria comunidade.”

-“Acho complicado juntar gay com religiões cristãs, homofóbicas.”

-“Acho que se eu tivesse num centro, só os mais chegados saberiam, ou não, não sei, dependeria do jeito das pessoas.”

-“Nunca abriria sobre mim num grupo que poderia usar isso contra mim depois.”

-“É quase certeza que se um gay fosse liberado num grupo de religião, seria alvo até de exorcismo como a gente vê por aí.”

Id8’: Se já foi discriminado por conta da orientação sexual

-“Talvez, quando vem contar piadas de gay pra mim ou quando metem a boca em homossexual na minha frente, o pior é que querem que eu concorde. Como eu posso pensar em abrir sobre mim?”

-“Não(longo silêncio antes de responder, por informações, sei que foi muito discriminado pela família mesmo sem se assumir).”

-“Sim, na academia peguei uns caras falando de mim no banheiro, eu tava tomando banho, só saí quando já tinham ido.”

-“Já percebi estranhamento das pessoas, mas não me senti rebaixado.”

-“Talvez, às vezes achava que algo dava errado pra mim porque eu era gay, mas no fim pode ter sido minha cabeça, mas nunca ninguém me destratou ou fez algo contra mim diretamente.”

-“Não foi questão de ter me sentido, eu fui mesmo discriminado algumas vezes, as pessoas comentam sobre as minhas roupas, meu jeito.”

-“Já, pra começar pelas piadinhas.”

-“Várias vezes, mas eu acho que eu provocava, acho que o preconceito existe, mas depende do quanto você se respeita pra te respeitarem.”

-“Já, tive primos que cortaram relações comigo quando ficaram sabendo, meu pai também ficou um tempo sem conversar comigo, mas eu superei essas coisas me aceitando.”

-“Sim, em todo lugar tem gente que te olha torto, uns acabam se aproximando e virando amigo, mas tem gente que tem pavor de gay, devem ser os enrustidos.”

-“Já apanhei, fui colocado pra fora de ônibus, bar, boate, hoje eu tô tão quieto, na minha que isso quase não acontece, só uns olharzinhos.”

-“Claro que sim. por exemplo tive sérios problemas com colegas de trabalho na empresa em que estagiei no tempo da faculdade.”

-“Sim, na área médica acho que há muito preconceito então, parece que não combina pra alguns haver um médico competente e gay.”

-“Sim, em vários âmbitos da vida, mas nunca fui agredido diretamente.”

-“Sim, às vezes as pessoas tiram um monte de conclusões sobre você por saber que você é gay, isso é péssimo.”

-“Algumas vezes, mas eu me dou tanto o respeito que as pessoas ficam logo na delas.”

-“Na escola sempre me chamaram de marica, gayzinho, eu preferia ficar com as meninas e detestava futebol.”

-“As fofocas que rolaram por causa da história do hotel foi um grande preconceito, acho que tem gente que é tão tapada que acha que conhecer um gay é um acontecimento, ainda mais agora que é meio moda.”

-“Sofro preconceito todo dia, é só o jeito de me olharem, não precisa dizer nada, mas consigo ficar acima disso.”

-“O preconceito é tão comum que quando não tem a gente acaba inventando da própria cabeça, já tô tão acostumado que quando não tem fico desconfiando, acho que a pessoa pode estar disfarçando.”

-“Vivi coisas difíceis que prefiro não contar.”

-“Essa pergunta nem precisava ter. Eu tive uma história de violência física horrorosa só pra você ter uma pequena idéia, faz tempo, mas aconteceu.”

-“O preconceito taí só de ter existido uma classificação da homossexualidade como doença, essa idéia taí até hoje, tem muito médico que acredita nela em pleno século XXI.”

-“Mesmo que você seja discreto como é o meu caso, sempre rola comentários, isso já acontece por causa do preconceito.”

-“Hoje superei, mas já vivi muita humilhação.”

-“Não é fácil segurar quando você fala de um jeito diferente e as pessoas ficam viajando sobre você, às vezes tenho esse problema, já superei muito e sei que tem muito que vem da minha cabeça mesmo, mas é consequência do preconceito, e de mim também.”

-“Só de você não poder expressar carinho em público, pô, não precisava ter mais nada isso já seria quase que o pior do preconceito.”

-“Já tive situações bem pesadas, mas hoje sou mais tranquilo, não me importo tanto. Acho que contei já sobre isso.”

Id12: Como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua?

-“Numa boa só que não tenho intimidade, é uma relação que eu interpreto, às vezes é uma forçação de barra, uma hipocrisia.”

-“Bem porque sou flexível, sem discriminações.”

-“Sem problemas, só não dá pra ter os mesmos papos.”

-“Normalmente, da mesma forma que me relaciono agora com você sem saber das suas preferências, eu não tenho nada com isso.”

-“Sem problemas, contanto que não fiquem só naqueles papos de macho.”

-“Tenho muitos amigos hétero e eles são ótimos. Eles me respeitam antes de tudo.”

-“Com um certo cuidado, mas com naturalidade.”

-“Numa boa, tenho amigos hoje de todas as tribos.”

-“Às vezes é chato porque os homens falam de mulheres e querem que eu reaja como eles, rola um incômodo, mas de forma geral não tem problema.”

- “Normalmente, tenho muitas amigas hétero.”
- “Se eles não me desprezam ou coisa assim, tudo bem, mas acho mais difícil ter um amigo que não seja gay, só tenho o meu irmão.”
- “Normalmente, tenho grandes amigos que não são homossexuais.”
- “Numa boa . “
- “Sem dificuldade.”
- “Naturalmente, assim como tenho amigos de profissões diferentes da minha.”
- “Sem problemas.”
- “Tenho muitos amigos gays, a minoria é hétero porque não tem muito hétero de cabeça aberta.”
- “A maioria dos meus amigos são gays, mas tem até uns que são hétero e não têm preconceito.”
- “Os meus amigos são variados, tem gay, hétero, só gente que não olha torto quando você é diferente da maioria.”
- “Hoje os meus amigos de verdade são gays, mas posso até ter amigos hétero.”
- “Não tenho problema com hétero.”
- “Acho bom ter amigos de todos os lados.”
- “Não tenho muitos amigos gays que freqüentam boate, gosto mais de um esquema light e aí você acaba encontrando gente legal hétero e gay, acho negativo se relacionar só com gays, você fica com uma visão errada das coisas.”
- “Me relaciono com gente de todo jeito, cheguei a ter um colega de trabalho e só um ano depois de trabalharmos juntos é que fui saber que ele era gay.”
- “Tem gente boa e ruim de todas as orientações.”
- “Me relaciono com todo tipo, mas tenho mais amigos gays, tem mais afinidade, não sei.”
- “Meu grupo de amigos mesmo é gay, mas tenho uns amigos hétero claro.”
- “Meu melhor amigo é gay, mas tenho amigos hétero também.”
- “Hoje tenho amigos de todo estilo.”

Subgrupo: mulheres homossexuais

IRho11’: Se já foi discriminado por pertencer à determinada religião

-“Sim, por minha mãe ser evangélica.”

-“Sim, as pessoas que não acreditam em Deus, acham que eu sou careta porque acredito.”

IRho12’: Se o grupo religioso sabe da orientação homossexual do sujeito

-“Alguns que são próximos, por conviverem comigo sabem, outros não, isso não é uma coisa importante.”

-“Acho raro que um gay se assuma dentro de uma religião aqui no nosso país.”

-“Nem que tivesse um grupo, não me exporia a julgamentos.”

IRho13’: Se já foi discriminado no grupo religioso por conta da orientação sexual

-“Não porque ninguém sabe.”

-“Não, mas acho que se tivesse um grupo e soubessem, eu seria discriminada.”

-“Sim, porque dizem o tempo todo que isso não é o que Deus acha certo e pensam que os gays são degenerados.”

-“Não, acho que é porque o Budismo não se fixa em padrões, em moral.”

-“Se eu tivesse numa religião acho que só me abriria pras pessoas amigas mesmo.”

-“Não me revelaria num grupo religioso por nada.”

-“Se eu tivesse num grupo religioso, provavelmente não me abriria porque religião e preconceito combinam muito.”

Id8’: Se já foi discriminado por conta da orientação sexual

-“Não porque me aceito e me respeito, assim é difícil alguém ter coragem de me discriminar na minha frente.”

- “Não, porque quando você primeiro se apresenta às pessoas e depois de te conhecerem você assume e impõe respeito ninguém é preconceituoso.”
- “Não humilhada, mas chateada por ter perdido amigas por causa de minha escolha, ou falta de escolha, não sei, ninguém brigou comigo, foram se afastando.”
- “Não, acho que as pessoas não imaginam porque sou feminina e não dou bandeira.”
- “Como não? As pessoas do prédio olham meio de lado, como pode 2 coroas morando juntas, só podem ser sapatão. Isso não me incomoda mais.”
- “Não, porque ninguém quase sabe.”
- “Muito, eu já sou negra, mulher e lésbica, não tem como não incomodar as pessoas.”
- “Tento hoje ser discreta pra me proteger, mas se me sentir ofendida eu não deixo passar.”
- “Não, acho que ninguém me nota muito.”
- “Já briguei muito por isso, ninguém aceita, te humilham, mas eu fiquei por cima no final.”
- “Muito, nem tanto pela minha família, mas já fui tratada com desprezo pela família de uma namorada.”
- “Já, isso é quase impossível de não acontecer, às vezes escapa um carinho em público e logo todos te olham como um ET.”
- “Muito, já sofri todo tipo de discriminação, mas não me faz bem ficar contando.”
- “Sim, já me olharam torto em vários lugares, mas nunca dei tanta trela.”
- “Sim, mas consegui superar e não criar preconceito pra comigo mesma como acontece com muita gente.”
- “A situação que contei há pouco foi um exemplo.”
- “Passei por momentos em que eu quase não agüentei as situações que eu vivi, era mais forte porque envolvia a família, continuo sentindo o preconceito, mas hoje não me amedronto.”
- “Em todo lugar tem aquele olharzinho torto pra você, já fui agredida verbalmente num bar em Ubatuba porque dei um selinho numa garota.”
- “Na faculdade ficavam sempre de olho em mim e nas minhas amigas, uma vez passaram na frente do meu prédio em São Paulo, buzinando e gritando sapatão!”

-“Às vezes você tá numa loja, num restaurante e acontece um carinho, mãos dadas, as pessoas ficam chocadas e isso me incomoda, me sinto julgada.”

-“Sabe, não precisa ser um xingo, uma agressão física, só o fato de você saber que as pessoas repudiam, que acham que é doença, sacanagem, isso já faz uma pessoa sofrer preconceito, já é violento.”

-“Eu sei que tem gente que tem horror à homossexualidade e isso já é complicado pra quem é, as pessoas dão uma disfarçada, mas se incomodam.”

-“Nunca fui agredida, mas já fui deixada de lado, vai saber se não foi porque me perceberam.”

-“Acho que só o fato da gente não poder agir normalmente como um casal hétero é uma violência, cê tem meio que fazer tudo escondido.”

-“Uma vez uns caras passaram por mim de carro na rua, deram a volta na rua e gritaram: lésbica filha da puta. tive vontade de morrer, mas mais vontade de matar.”

-“Só pra você ver o grau, uma vez, aos 15 anos, uns meninos da rua de cima tentaram me violentar, eles diziam que iam me ensinar a gostar de homem, que iam me dar uma lição pra eu não chegar mais perto de mulher.”

-“Olha, já foi tanta situação, apesar de eu ser bem discreta, sempre tem um ou outro que lança um olhar, fica observando, sei lá.”

-“No meu trabalho tive uns problemas uns anos atrás, mas já lido bem com isso.”

-“Já fui xingada, isso na hora deixa a gente revoltada, mas não chega a fazer estrago.”

-“Penso que o fato de vivermos num país onde a diferença é defeito, já delata que o preconceito pode até ser mascarado, mas está no ar.”

-“Já fui muito apontada, quando se é pobre, parece que é pior, e antigamente era pior mesmo, hoje eu me estabeleci, as coisas também mudaram, mas acho que muito foi bem na aparência, tem gente matando homossexual até hoje, isso é uma coisa não muito divulgada.”

-“O preconceito, posso dizer que já sofri não só ‘por ser lésbica, por ser mulher também, por ser gordinha e outros.”

Id12: Como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua?

- “Bem, não considero as pessoas pela orientação.”
- “Muito bem por não ter problemas em me relacionar com pessoas.”
- “Muito bem, o que menos me questiono é com quem as pessoas vão pra cama “
- “Sem dificuldades, são pessoas que podem ou não ser legais como todas as outras.”
- “Muito bem, porque me relaciono com gente de todo jeito, tenho amigos de trabalho, vizinhos legais, ex- colegas de faculdade, tem de tudo.”
- “Sem problemas, acho que a maioria das pessoas nem desconfia.”
- “Super bem, tem gente boa que é hétero e gay e tem gente menos legal hétero e gay também.”
- “Tranquilamente.”
- “Não tenho problema com isso, é só não ser preconceituoso que tudo bem.”
- “Não tenho problemas com a diferença, acho normal.”
- “Naturalmente, porque não sou mais ou menos próxima de alguém pela preferência sexual dessa pessoa.”
- “Sempre disfarçando, no trabalho e em outros lugares, tenho amigos hetero, mas são poucos.”
- “Normalmente, tenho amigos misturados.”
- “Numa boa, isso não é tão sério pra mim.”
- “Como não estou tão interessada na orientação das pessoas, me relaciono com quem eu me dou bem.”
- “Quando sinto que a pessoa mesmo sendo hétero não tem preconceito, me relaciono numa boa, mas se eu sago que tem, aí eu não aprofundo.”
- “Gosto de gente de cabeça aberta, pode ser hétero ou homo.”
- “Não tenho problema com hétero, mas que a maioria tem preconceito, isso tem.”
- “Sem dificuldades.”

- “Gosto da variedade, gueto, tô fora.”
- “Vivo bem com a maioria das pessoas, mas pra algumas não me abro.”
- “Gosto de gente, não importa a sexualidade, importa se tem preconceito ou não.”
- “Tenho amigas hétero, mas é mais difícil ter amigos hétero porque ficam achando que você só é gay porque não achou o cara certo, o pior é que tem uns que tentam ser esse cara, aí não dá nem pra amizade.”
- “A maioria dos meus amigos de verdade são gays, tenho só uns quatro amigos que são hétero e sabem de mim, rola muito preconceito.”
- “Só tenho problema se a pessoa for preconceituosa, senão tá limpo.”
- “Tenho amigos e conhecidos de todos os jeitos.”
- “Isso é normal pra mim, lido com gente o tempo todo, não me apego nisso.”
- “Tenho amigos de tudo quanto é jeito, preto, branco, gay, hétero, bi, tem gente que a gente nem sabe o que é.”
- “Gosto de me relacionar com todo tipo de gente.”
- “Já tive só amigas homo e amigos homo, hoje tá mais variado, acho que é a idade, você encontra pessoas mais livres.”
- “Acho bobagem restringir, mas é claro que as amizades mais profundas, ou você tem com uma pessoa homo também, ou com alguém bem aberto, especial, que fica além das diferenças.”

4- Identificação Religiosa/ Negociação Identitária

IRho14: Como vê a orientação com relação aos conceitos religiosos?

IRho15: Como se sente em relação a Deus e ao mundo espiritual?

Subgrupo: homens homossexuais

IRho14: Como vê a orientação com relação aos conceitos religiosos?

- “O ser humano é que é preconceituoso, não Deus. Já senti culpa, mas entendi que Deus não julga por isso, ele quer que as pessoas sejam felizes.”

- “Antagônico, por isso sou contra o que a igreja prega, o que acha que é verdade.”
- “Não creio nos conceitos religiosos.”
- “Os conceitos religiosos são fruto da mente humana, não de deus então não há como julgar minha preferência como certa ou errada.”
- “Eu tinha conflitos até que descobri igrejas católicas que aceitam gays. Isso me faz pensar que não existe uma verdade única pra tudo isso.”
- “Não creio neles porque são construções do ser humano.”
- “Penso no peso da condenação, às vezes acredito nisso, às vezes não, penso que –“Deus não condena por sermos felizes.”
- “Acho que nunca dei muita bola pra essas coisas porque mesmo tendo vindo de família católica, vim pra cá muito cedo e me afastei da igreja.”
- “Não acho que Deus seja essa figura punitiva e julgadora da igreja católica, não acredito que amar alguém do mesmo sexo seja um pecado, é amor do mesmo jeito.”
- “Acho que a bíblia e outros livros devem ser interpretados, não levados ao pé da letra, tem também a época em que tudo foi escrito.”
- “A igreja criou os livros pra dominar o povo, não acredito em nada disso.”
- “Acho que os religiosos é que usam os conceitos pra impor sua moral.”
- “Acho que o preconceito é do ser humano, não de Deus.”
- “Vejo como parte de minha vida, não que eu ache que nasci assim, ou que isso é um estágio que tenho que evoluir, mas é como tudo aconteceu pra mim, não posso reprimir o que eu sou.”
- “Os conceitos religiosos nunca foram referência em minha vida, por isso não tive problemas com isso.”
- “Nunca dei muita importância pra conceitos religiosos.”
- “Tem religiões muito preconceituosas, querem exorcizar gays, isso é o cúmulo.”
- “É bem por causa dos conceitos que eu não me ligo em nenhuma religião, é tudo uma forma de fazer quem acredita se sentir culpado, controlado, isso já foi a época.”

- “Pra mim esses conceitos não têm sentido.”
- “Acho os conceitos bem ultrapassados, cheios de preconceitos ridículos, eles acham que estão na pré-história, não tem nada a ver com a realidade de hoje.”
- “Não acredito que Deus possa ter criado conceitos pra oprimir as pessoas, isso é coisa da dominação da religião.”
- “Acho que as religiões aprisionam as pessoas, principalmente por causa dos conceitos que são preconceitos.”
- “Os conceitos são na maioria frutos da história do homem, não sei, mas o problema é que coisas muito velhas, que serviram pra outra época continuam.”
- “Não me apego muito aos conceitos.”
- “Os conceitos são importantes pra qualquer religião, mas você não pode aceitar tudo sem se questionar.”
- “Nunca me preendi em conceitos, fui criado no catolicismo, mas sem o peso de pecado e essas coisas.”
- “São, por exemplo coisas como os conceitos, a idéia de certo e errado muito fixa que não me atraem quando pensei em ter uma religião, acho que todo mundo pensa, talvez um dia eu até encontre, mas não vou gostar de nada que aprisione, como eu vejo acontecer.”
- “Acho as leis da religião muito passadas, tão ainda na época de Jesus.”
- “Acredito no s conceitos da minha religião, mas não pego tudo ao pé da letra senão não dá pra ter nenhuma religião, vira bitolação.”

IRho15: Como se sente em relação a Deus e ao mundo espiritual?

- “Sinto que estou em evolução, que as situações na minha vida são sempre chances de crescer.”
- “Numa boa, me sinto como parte de uma criação.”
- “Desconectado.”
- “Em busca de paz e crescimento com o que acontece em minha vida.”

- “Em busca de respostas. Pretendo um dia ter coragem de procurar uma igreja que aceite gays, só que fico pensando nos meus pais.”
- “Eu até gostaria de acreditar em algo, dizem que é mais fácil viver assim.”
- “Sinto que Deus me ama, mas não ama minha prática.”
- “Tenho meu jeito de ver Deus, me sinto em paz com isso.”
- “Em harmonia, porque eu construa meu jeito de lidar com essa força superior.”
- “Sinto que sou levado por essa energia, isso me conforta.”
- “Não acredito em Deus, pra mim é tudo uma hipocrisia, acho até que tem uma energia, mas nada que o homem conheça.”
- “Ainda não encontrei uma religião que me convencesse, mas acho que estou numa boa quanto a isso.”
- “Em paz.”
- “Hoje feliz porque voltei a freqüentar o centro que freqüentei desde criança, mas tinha dado uma parada há uns 2 anos atrás.”
- “Sem problemas.”
- “Bem.”
- “Estou feliz e em paz com Deus.”
- “Me sinto leve.”
- “Estou bem, tenho minha fê do meu jeito.”
- “Sem problemas.”
- “Sinto que estou no caminho certo.”
- “Tenho meu jeito de viver a espiritualidade.”
- “Talvez eu encontre alguma coisa que faça mais sentido pra mim e eu me ligue a isso, não sei.”
- “Bem.”
- “Em paz.”

- “Sinto bem, vivo a vida espiritual do meu jeito.”
- “Sem problemas, se eu tiver que achar uma religião, vai acontecer.”
- “Bem.”
- “Bem.”

Subgrupo: mulheres homossexuais

IRho14: Como vê a orientação com relação aos conceitos religiosos?

- “Acho que as interpretações da bíblia quem faz é o homem.”
- “Normal.”
- “Os conceitos religiosos foram criados pelo homem então, há a interpretação da sociedade, quem diz que isso ou aquilo é condenável é o ser humano, além disso não acho que deus divide em certo ou errado o que nos faz feliz.”
- “Pra mim, Deus colocou a gente aqui pra ser feliz, o que eu posso fazer se não sou feliz ficando com homem?”
- “Como não tenho uma crença nesses conceitos, tudo bem em condenarem minha opção, só são opiniões diferentes. O problema é que eles põe tudo em nome de deus e saem por aí julgando e condenando os diferentes.”
- “Os conceitos estão completamente ligados com o código moral, posso considerar tudo um resultado disso. Portanto, se a moral de uma sociedade não tolera a diferença, fica difícil.”
- “Isso é uma coisa difícil, porque sei que o que é mais certo é o homem e a mulher, acho até que não tenho ninguém por me sentir muito culpada, mas eu não escolhi ser assim.”
- “Normal, é só uma forma de amor, ninguém te condena.”
- “Existe um desacordo, mas eu acho tudo relacionado com a coisa do que é considerado moral.”
- “Em conflito, querem pregar verdades únicas que são as verdades deles.”
- “Sem problemas, porque acho que cada um tem sua história singular e deve viver de acordo com ela.”

- “Acho tudo muito preconceituoso e hipócrita, não dou atenção a isso.”
- “A moral católica é uma criação do ser humano, serviu pra sua época, mas hoje é preciso avançar.”
- “Não acho que alguns conceitos religiosos possam ser dogmas em relação às possibilidades da subjetividade das pessoas.”
- “Nunca aderi a nenhuma religião justamente por achar que os conceitos são muito punitivos e antigos.”
- “Pra mim, não preciso desses conceitos, acho que são sempre punitivos, fazem as pessoas ficarem culpadas.”
- “Acho os conceitos religiosos muito preconceituosos, se você se enquadra, tá dentro, se não, não.”
- “Os conceitos são cheios de regras, bem e mal, pecado, preconceito, acho isso muito triste nas religiões, por isso não frequento nenhuma.”
- “Acho que os conceitos de certas religiões foram escritos pra uma certa época, hoje é importante rever com relação à época atual.”
- “Não gosto de leituras fundamentalistas como algumas religiões fazem.”
- “Eu sei que Deus pode ter criado homem para a mulher e vice versa, mas também sei que ele me aceita como sou e que abençoa minha felicidade.”
- “Os conceitos religiosos são fruto da mão do homem e não de Deus, acho que deus não deixa de me amar porque tenho amor por uma mulher, acredito em sua proteção e aceitação.”
- “Como não tenho uma religião, nem sei muito sobre os conceitos, mas acho a maioria muito longe da realidade.”
- “Não gosto de muitos dos conceitos, alguns são preconceituosos e fazem as pessoas viverem com culpa a vida toda.”
- “Acabei de falar disso, pra mim os conceitos são muito preconceituosos, sempre condenam por alguma coisa, não só com gay não.”

-“Acho que a gente deve aproveitar aquilo que serve pra nossa vida, o que eu acho que não presta, eu não dou importância.”

- “Acho a maioria dos conceitos ultrapassados, a igreja católica parou no tempo.”

-“Qualquer religião tem seus conceitos, tudo depende de como as pessoas interpretam, se tomam tudo como verdade absoluta.”

-“Os conceitos são sempre necessário, organizam e dão identidade à religião, o caso é que quando são apenas dispositivos de controle, as coisas podem se tornar bem cruéis pra aqueles que ficam de fora da regra.”

-“Acho a religião em si uma forma de estar preso, os conceitos então nem se fala.”

-“As pessoas podem tirar o que querem da religião, tem aquelas que se prendem ao invés de se libertarem, como dizem ser o objetivo da religião.”

IRho15: Como se sente em relação a Deus e ao mundo espiritual?

-“Em harmonia, pois estou aqui para ser feliz e tento fazer isso.”

-“Indiferente. Acredito em Deus, mas não é a razão do meu viver pela própria filosofia Seisho-no-ie.”

-“Em paz, busco estar em harmonia com essa força que rege o mundo.”

-“Acho que essa é a minha fase mais cética, acho que estou assumindo que não acredito em nada mesmo.”

-“Não sei bem ao certo, acho que não consigo me aproximar muito dessa questão espiritual.”

-“Acho que Deus me ama porque me criou então, pode ser que me aceite como sou, mas mesmo assim é muito difícil pra mim saber que não é essa vida que ele quer pra mim.”

-“Hoje me sinto leve, encontrei uma maneira de me relacionar com a espiritualidade sem estar presa aos julgamentos, é muito diferente da igreja católica, onde fui criada e fiquei até os 21 anos.”

-“Eu me entendo com a espiritualidade do meu jeito próprio como me sinto bem, sem culpas.”

-“Sinto que ele me ajudou muito e me ajuda todos os dias na minha vida.”

-“Bem.”

-“Sinto que posso sempre evoluir e isso me faz sentir esperança e paz.”

-“Normal.”

-“Bem.”

-“Normal.”

-“Sinto que estou em paz, pois não preciso ter uma religião formal pra estar perto de Deus.”

-“Estou bem, tenho minha conexão particular com Deus.”

-“Sei que estou em paz, levo minha religião do meu jeito.”

-“Estou em harmonia porque tenho fé mesmo sem estar numa igreja.”

-“Sinto paz, tenho minha fé que não toma conta da minha racionalidade.”

-“Me sinto em busca da evolução em vários sentidos.”

-“Sinto que luto pela vida e Deus sabe disso.”

-“Sinto que sou abençoada e amada por Deus.”

-“Sei lá, meu trabalho com arte me deixa próxima de Deus.”

-“Tenho minha fé e isso é suficiente.”

-“Me sinto bem, tô em paz porque pra mim Deus não é como as religiões trazem, meu Deus é outro papo.”

-“Me sinto em constante aprendizado, isso é que é importante.”

-“Bem.”

-“Não tenho obrigações como pessoas que têm religião, acho que a vida espiritual depende do ponto de vista de cada um, no meu caso, não penso em vida espiritual.”

-“Como não tenho uma tese de como se estrutura a vida espiritual, arrisco dizer que tá tudo bem até o momento.”

-“OK.”

-“Vivendo.”

5- Identidade Psicossocial

Id1: Como se define em relação ao desejo afetivo/ erótico?

Id2: Desde quando se percebe desta forma?

Id3: Em que medida a orientação caracteriza as pessoas?

Id4: Em relação a ser homem/ mulher, como se sente?

Id7: Se sente melhor ou pior por ter sua orientação?

Id9: O quanto sua orientação está de acordo com expectativas dos outros?

Id10: Essas expectativas alheias são capazes de influenciar sua orientação?

Id11: O que faz com que uma pessoa tenha orientação sexual homossexual?

Id13: Existe uma orientação sexual correta?

Subgrupo: homens homossexuais

Id1: Como se define em relação ao desejo afetivo/ erótico?

-“Sou homossexual.”

-“Homoerótico com tendência bissexual.”

-“Homossexual.”

-“Homoerótico.”

-“Agora está ficando mais fácil dizer que sou gay.”

-“Gay.”

-“Homossexual.”

-“Sempre fui gay assumido.”

-“Me considero gay, mesmo já tendo tido namoradas.”

-“Sou gay, nasci assim.”

-“Gay.”

-“Sou homossexual.”

-“Embora já tenha saído com meninas, digo que sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Prefiro me relacionar afetivamente com homens.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Prefiro os homens.”

-“Gosto de homens pra ter relacionamentos.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

-“Sou homossexual.”

-“Sou gay.”

-“Sou gay.”

Id2: Desde quando se percebe desta forma?

-“Desde criança, não sei a idade.”

-“24 anos, foi um começo difícil, mas com as amigas tive força para tentar.”

-“18 anos.”

-“Desde os 20 anos.”

-“Desde criança.”

-“Desde a adolescência.”

- “Desde a infância.”
- “Desde a infância.”
- “Desde uns 20 anos.”
- “Sempre, gostava de brincar com as meninas, não conseguia fazer as coisas que os meninos faziam, eu achava que eles eram muito violentos.”
- “Desde criança, sempre admirava os meninos mais velhos, os heróis de gibis.”
- “Desde uns 21 anos, quando comecei a gostar de um amigo meu, no fim, acabamos nos descobrindo juntos.”
- “Desde a adolescência, uns 12 anos.”
- “Sabe que não sei, acho que já era assim quando criança.”
- “Acho que desde a infância, não sei a idade.”
- “Desde a adolescência.”
- “Eu sempre prestei atenção mais nos meninos que nas meninas, então acho que sempre fui gay.”
- “Acho que eu me achei com uns 13 anos, quando gostei de um menino pela primeira vez, antes até chegava a namorar meninas.”
- “Pode ser que eu tenha nascido assim, não sei bem quando começou.”
- “Acho que eu me liguei mesmo quando tinha uns 10 anos e comecei a reparar nos meninos mais velhos que treinavam no clube.”
- “Pode ser que eu tenha nascido assim.”
- “Eu me vi assim aos 20 anos , me apaixonei por um professor, tivemos uns encontros, mas ele me achava muito novo.”
- “Tive meu primeiro amor homem aos 17 anos, namorava mulheres, mas nunca queria transar com elas, até que comecei a me apaixonar por um amigo do cursinho que me apresentou o mundo gay.”
- “Acho que sempre fui assim.”

- “Lembro de ter começado a olhar mais pros meninos com uns 15 anos.”
- “Acho que me vi gay na adolescência, as brincadeiras com os meninos foram ficando mais sérias.”
- “Eu tive o primeiro namoro com uns 15, mas já sentia atração por meninos desde os 12.”
- “Acho que comecei a gostar de um cara com uns 22, por aí.”
- “Pra mim não teve começo, eu sou assim e sempre fui.”

Id3: Em que medida a orientação caracteriza as pessoas

- “Ser homossexual pode deixar marcas por ter que se esconder, há conflito entre o mundo e sua felicidade, mas a escolha não tem nada a ver com bom ou mau caráter.”
- “Quando a pessoa tem a mesma orientação, fica mais aberto para uma amizade sincera.”
- “Os gays são mais sensíveis, mas não sei se são as melhores pessoas do mundo. Pra mim são os meus melhores amigos pelo menos.”
- “A escolha sexual é irrelevante quando falo de qualidade de gente.
- “Acho que em nada isso é só um detalhe.”
- “Por causa do preconceito, ser gay ou não pode significar um preconceito sofrido, mas no mais não há grandes atributos por esse possível sofrimento.”
- “Não caracteriza de fato uma pessoa.”
- “Isso pra mim não é critério que defina alguém.”
- “Acho que as pessoas são legais ou não independente de ser gay ou não, só acho que o gay talvez seja mais aberto porque sabe o que é ser discriminado então, pode entender melhor as pessoas.”
- “A preferência é importante, mas só em partes, é claro que gays se dão melhor com gays, mas não é regra.”
- “Se você é gay pode te fazer sofrer e isso faz você diferente dos outros, não tem como ser igual se o gay é vítima de violência toda hora.”

- “Acho que é importante porque vejo as coisas com os olhos de quem não tem tanto preconceito, mas não sou melhor por ser homossexual, não acredito nisso.”
- “Ser gay é uma marca, não dá pra passar despercebido.”
- “Acho que passar pelo preconceito e não se render te faz mais forte, mas tenho altos e baixos como um ser humano normal.”
- “Não acho que a minha orientação me faça melhor que outros, mas me fez passar por experiências diferentes ao longo da vida.”
- “A orientação num mundo como o nosso faz muita diferença pra maioria das pessoas, mas pra mim isso não é tão importante assim.”
- “Isso não faz você ser melhor ou não, mas faz diferença pra quem é homofóbico.”
- “Acho que a preferência sexual não é uma coisa central, mas faz diferença pras pessoas se você é gay.”
- “A orientação faz as pessoas terem um jeito de encarar as coisas diferente, não dá pra comparar.”
- “Acho que a preferência não faz alguém ser mais ou menos bom, isso nem tem nada a ver, sei lá às vezes é importante, às vezes não.”
- “Depende de como você lida com os preconceitos, tem gente que fica com seqüelas disso pro resto da vida, às vezes são traumas muito fortes que fazem a pessoa ser diferente justamente porque é gay.”
- “A orientação é uma coisa importante hoje em dia, isso pode atrapalhar quando o assunto é trabalho, por exemplo.”
- “Pra mim a orientação não define o resto das coisas da sua vida, é mais uma parte, embora importante.”
- “Seria bom se a orientação não fosse tão valorizada.”
- “Talvez haja muito alarde sobre a sexualidade, por isso a orientação até pode ser crucial em algumas situações.”
- “A sexualidade não define a pessoa, mas vai contar muito em várias situações, no trabalho por exemplo, as situações são mais delicadas.”

- “Acho que a orientação faz diferença, senão não teria preconceito.”
- “Pode ser que a orientação seja mesmo importante, mas não devia ser tanto pra definir uma pessoa.”
- “A orientação é ponto chave, as pessoas se juntam e se afastam por causa disso, mesmo que isso seja meio duro às vezes, mas é a realidade.”

Id4: Em relação a ser homem/ mulher, como se sente?

- “Bom, não é porque gosto de homem que queria ser mulher(tom de incômodo).”
- “Sinto-me bem, ótimo, não ficaria bem de saia(risos).”
- “Ok, não me vestiria de mulher.”
- “Gosto de ser homem e de homens que também gostam .”
- “De acordo, me sinto masculino, isso já foi motivo de crise, mas acho que estou aprendendo que não vou deixar de ser homem por ser gay.”
- “Gosto de ser homem, mas abuso da criatividade feminina pra me vestir.”
- “Um homem que seduz homens, não bichinhas, se eu gostasse de bichinhas, casaria com uma mulher.”
- “Normal, hoje sou mais masculino, mas teve época em que usei saia, acho que era mais pra chocar, uma coisa de adolescente.”
- “Não me acho afetado, sou homem e gosto de homens masculinos.”
- “Me sinto bem comigo como sou.”
- “Sou o que eu sou, gostem ou não. Gosto de me vestir do meu jeito, se pensam que por isso queria ser mulher é problema deles.”
- “Tranquilo, gosto de ser homem e gosto de homens, isso não parece incompatível como alguns podem pensar.”
- “Bem, não tenho problemas.”
- “Não tenho problemas com isso.”

- “Não tenho questões com o fato de ser homem.”
- “Normal.”
- “Tenho meu estilo, acho os homens em geral muito caretas pra se vestir.”
- “Gosto de ter uma imagem masculina, tem gays que são mais afetados, isso só me enche quando eles passam do limite.”
- “Não tenho vontade de ser mulher, se é isso que você pergunta, tenho meu jeito, as pessoas gostem ou não.”
- “Tranquilo.”
- “Lido bem com ser gay e ser homem.”
- “Achei que ia ser tachado pelas pessoas pelo meu jeito de falar, vestir, mas acho que eu sou é discreto.”
- “Sinto que sou uma pessoa livre, não me prendo aos padrões e quando posso inovar na roupa, não penso duas vezes, só fora do trabalho, tá?”
- “Sem conflitos.”
- “Gosto de inovar, às vezes me olham torto por isso, mas eu sei quando posso ser mais autêntico e quando tenho que segurar a onda.”
- “Gosto de ser homem, só acho que o homem é muito rígido pra ninguém poder pensar que ele possa ser um pouco feminino.”
- “Não tem problema, me visto com a minha criatividade, às vezes pode parecer efeminado, mas hoje eu sei o lugar pra aparecer assim.”
- “Gosto de ser eu mesmo.”
- “Acho que o mundo poderia ser mais cabeça aberta, olhos abertos pra lidar melhor com quem quer ser diferente, só isso.”

Id7: Se sente melhor ou pior por ter sua orientação?

- “Acho que a sexualidade é importante, mas não pode ser o centro de tudo, mesmo quando se sente diferente da maioria, só que não se importar tanto assim às vezes é barra.”

- “Igual, isso não muda nada, independe da orientação.”
- “Sinto que sou mais sensível que os homens hétero e menos preconceituoso também.”
- “Acho que isso tudo é bobagem, agora vão dividir o mundo em hétero e homo pra ver quem é melhor?”
- “Do mesmo jeito, só acho que tenho menos preconceitos.”
- “Sinto melhor não em relação aos héteros, mas aos que são enrustidos. Esses fazem mal pra si mesmos e pra quem fica com eles.”
- “Isso não define uma pessoa pra mim.”
- “Acho que hoje isso não é mais importante, mas foi por um tempo.”
- “Sinto que sou mais humano porque tive que encarar preconceito pra me assumir, acho que fiquei mais forte como pessoa.”
- “Isso de melhor ou pior não existe pra mim, se o gay quer ser respeitado, tem que se sentir em igualdade com o hétero.”
- “Não sei acho que me fez eu me ferrar muito por ser gay, às vezes acho que eu fiquei um pouco revoltado, mas eu me seguro.”
- “Acho que me sinto bem por não ter tantos preconceitos, por ter tido que enfrentar isso na vida, mas isso não faz de mim um cidadão ideal.”
- “Normal, tenho meus defeitos e coisas boas como todo mundo.”
- “Sou um ser humano como todos os outros vivendo nesse mundo.”
- “Nem melhor nem pior, só tive experiências diferentes da maioria.”
- “Pra mim, com quem você dorme é um detalhe não pode fazer alguém melhor ou pior.”
- “Pode ser que eu seja melhor pra algumas pessoas, mas pra mim eu sou eu, pra outras pessoas pode ser que eu seja pior por ser gay, isso é difícil de prever.”
- “Não, de jeito nenhum, quero que gostem de mim por mim mesmo e não porque sou gay.”
- “Acho que a experiência de vida que eu tenho é diferente por eu ser gay, então acho que o fato de ser gay me fez aprender muitas coisas.”

-“Pode ser que seja melhor porque me encontrei, mas tem gente que fica muito culpado, não consegue ser feliz.”

-“Não sou melhor ou pior, sou eu mesmo.”

-“Pra mim pode ser que eu seja melhor porque me achei e tive coragem de me assumir, tenho certeza que eu não seria feliz se não tivesse encarado de frente.”

-“Eu não acredito que você pode ser melhor porque é gay, pra mim isso é um preconceito invertido, do mesmo jeito que alguns héteros acham o gay inferior.”

-“Não gosto de pensar que sou de uma raça superior porque sou gay.”

-“Acho que as coisas que você passa podem te fazer melhor, mas pode ser que você não aprenda nada, então ser gay não é garantia de ser uma pessoa melhor, e melhor que quem?”

-“Não me sinto melhor por ser gay, eu aprendi muito com isso na minha vida, mas não é um plus.”

-“Não sei , mas pode até ser que eu seja uma pessoa melhor porque eu tive coragem de viver a vida que eu queria.”

-“Não acho que alguém é melhor pela sexualidade, mas tem quem ache sobre a pessoa mesmo e sobre os outros.”

-“Olha, isso é um absurdo, porque se eu pudesse ter escolhido, teria sido hétero, não teria passado o que eu passei a vida toda e ainda não teria que levar de brinde as seqüelas.”

Id9: O quanto sua orientação está de acordo com expectativas dos outros?

-“Em geral não está nada de acordo, mas algumas pessoas que gostam de mim mesmo não sendo o padrão acabam aceitando.”

-“Nem um pouco de acordo, porque são todos muito conservadores.”

-“Com a família acho que nem tem acordo, com os amigos, estamos no mesmo barco.”

-“A sociedade tem sempre seus padrões, vai sempre haver quem vai quebrar com tudo, aí não dá pra atender as expectativas.”

- “Com as expectativas dos amigos tá tudo bem, já com as dos outros é difícil.Ninguém cria filho pra ser gay, querem que case, tenha filhos, e isso acho que não vou poder dar.”
- “Com as expectativas dos mais quadrados não tem acordo, mas o povo mais aberto não se importa tanto.”
- “Claro que eles não aceitam porque eles vêem como uma dor, pois meu pai dizia desde pequeno que eu seria homo.”
- “Muita gente da minha família ainda me olha torto, mas eu não faço questão dessas pessoas.”
- “Acho que nenhum pai ou mãe pensa em ter um filho gay, não é uma expectativa deles, mas eles devem me aceitar como ser humano acima de tudo.”
- “Não tá de acordo com todos, mas pra mim o que interessa são as pessoas que eu amo.”
- “Minha família me aceita, mas não aceitava antes, eu choquei muita gente.”
- “Muito pouco de acordo, minha família sabe , mas faz de conta que não, justamente porque não sou como esperavam que eu fosse.”
- “Não está de acordo, mas acho que quem gosta de mim não vira as costas por eu ser gay.”
- “De acordo com o molde geral não está, mas quem gosta de mim, consegue passar por cima das tradições.”
- “A maioria é oposta à minha orientação, aí não supro as expectativas das pessoas.”
- “Não está de acordo, mas há quem não se importe muito com isso, essas são as melhores pessoas.”
- “Como eu contei, sabia que meu avô tinha outros planos pra mim, mas conseguiu superar e me aceitar, minha mãe sempre me amou do jeito que eu fosse, com ela não tive conflito.”
- “Minha sexualidade não fazia parte das idéias dos meus pais sobre mim, mas não dá pra me censurar por causa deles, eu tive uma fase de fazer isso e acabou mal.”
- “Hoje tá tudo bem, mas minha família, é claro que esperava que eu tivesse namorada e não namorado, isso é óbvio.”

-“Minha preferência nunca foi um ideal, mas tiveram que me aceitar pra provar que me amam mesmo, é assim que funciona.”

-“Não tem acordo, nenhum pai quer ter um gay como filho.”

-“A família sempre espera outra coisa quando você se mostra gay.”

-“Pro gay é assim mesmo, da família aos amigos, a maioria não se conforma, uns poucos lidam numa boa.”

-“Acho que nem precisa dizer que ninguém prefere que um filho, um amigo seja gay, isso tá na cara, é sempre uma luta.” Pra mim hoje eu tenho carinho dos que me aceitam, mas é óbvio que teve gente que não deu conta e além de me tratar mal se afastou.

-“Essa é uma coisa difícil, quem precisou assumir na família porque na verdade descobriram sabe que a barra é pesada.”

-“Tento deixar isso pras pessoas se virarem, não vou ser o que querem que eu seja, mesmo que seja uma luta isso.”

-“Hoje eu não ligo muito, mas foi difícil pras pessoas aceitarem, a família é sempre o pior.”

-“Isso eu nem sei porque não me senti rejeitado pela minha família tanto, foi mais pelas pessoas de fora.”

Id10: Essas expectativas alheias são capazes de influenciar sua orientação?

-“Antes era um inferno na minha cabeça, aí eu acho que chegou a influenciar, mas agora tudo está diferente, mesmo quando me pego com certa culpa(mobilização emocional).”

-“Não porque sou dono do meu próprio nariz(mobilização emocional-raiva).”

-“Não porque se fosse pelas expectativas eu nunca teria dado o primeiro beijo.”

-“Não. Se fosse assim eu seria frustrado.”

-“Já foram, mas hoje quero ser feliz.”

-“Foram capazes por longo tempo porque eu ouvia que eu seria uma vergonha.”

-“Não, ainda mais aos 40.”

- “Não, eu sofri pela reação das pessoas, mas não mudei por isso.”
- “Nunca foram, não teria jeito porque eu me conheço assim como eu sou.”
- “Nunca isso aconteceu, quando eu vi que a barra tava pesando, fui pra São Paulo fazer tudo que eu quisesse.”
- “Não são capazes de influenciar minha orientação, mas tento ser discreto pra não criar conflitos.”
- “Isso é uma coisa difícil, mas você tem que ter você mesmo em primeiro lugar.”
- “Não, não conseguiria viver fazendo tudo que esperam que eu faça, seria de enlouquecer, como já vi acontecer por aí, gente que viveu uma vida de farsa pra ele mesmo e pro resto das pessoas que ele amava.”
- “Não, isso nunca aconteceu, tive conflitos, mas minha vontade sempre prevaleceu.”
- “Absolutamente não.”
- “Eu tive sorte de ter uma mãe como a minha e meu avô foi influenciado por ela pra aceitar também, aí não tentei ser diferente do eu era.”
- “Já fui influenciado pelo que eles queriam, vi que é essencial viver o que quero.”
- “Por um momento da minha vida passou pela cabeça que eu não poderia gostar de homem por causa da família, mas isso foi só um lapso.”
- “Vivi uma fase difícil mais ou menos dos 15 aos 18 anos, até forcei ficar com mulher, sofri mais ainda, hoje eu sou o que sou.”
- “Isso pressiona e faz a gente sofrer, mas cê tem que ser você mesmo.”
- “Ainda bem que eu tava longe de casa quando me descobri, aí quando me assumi, eu já sabia o que queria.”
- “Eu tive um período curto de conflito, acho que o apoio dos amigos e de um tio com quem eu sempre fui chegado foi essencial pra eu ter coragem de me abrir.”
- “Não, minha família, ou outras pessoas nunca foram influências pra eu não me assumir.”
- “Eu tive sérios problemas com isso achava que se insistisse em ser gay, perderia todo mundo.”

- “Teve momentos que eu pensei em tentar me corrigir, depois fui enfrentando e superei.”
- “Influência mesmo nunca teve.”
- “Nunca me influenciaram tanto a ponto de incomodar ou fazer pensar que eu tinha que mudar mesmo.”
- “A influência sempre foi a de se sentir rejeitado, mas eu superei isso.”

Id11: O que faz com que uma pessoa tenha orientação sexual homossexual?

- “A natureza da pessoas, muitos têm natureza homossexual, mas reprimem, acho que tem gente que é até infeliz por ser gay e não saber.”
- “É um estado natural, podendo ser despertado pelo meio, se eu estivesse num país mais conservados, estaria ainda reprimido.”
- “Não sei, isso até me atormenta às vezes.”
- “Escolher por sua felicidade. Cada um escolhe aquilo que prefere, a psicologia, a genética, todos tentam explicar. Embora eu simpatize mais com as idéias da psicologia, acho demais dizer que existe uma só verdade.”
- “Não sei se não é uma coisa que nasce junto com a gente. Dizem que pode até ser genético, mas tenho amigos que eram hétero e viraram gay então não consigo definir.”
- “Não sei ao certo, mas me parece que cada história é única.”
- “O ambiente, a sociedade cria o homossexual estereotipado. Pelo âmbito religioso, os demônios interagem na vida humana, o natural é homem e mulher. Acho que a homossexualidade grada pela sociedade é um desvio.”
- “Pode ser tanta coisa, mas o que mais me convence é a coisa da maneira como cê foi criado, a família, o pai, a mãe, como as coisas aconteceram desde cedo.”
- “Acho que o forte é a família, quem você admira, acho que é por aí.”
- “Não sei direito, falam da genética e pode até ser porque na minha família tem pelo menos 2 parentes que são.”
- “Sei lá, mas pode ser um trauma, um abuso quando era criança, sei de muita gente assim.”

- “Não sei bem, mas talvez todos tenhamos a possibilidade de ter relações homossexuais, uns vivem isso, outros não.”
- “As situações da vida, as oportunidades pras coisas rolarem, se bem que acho que algumas pessoas têm mais inclinação que as outras.”
- “Parece que pode ser muitas coisas, as oportunidade e estar a fim de experimentar, não consigo achar uma razão final.”
- “Cada história de vida é única, só não acredito em determinação genética, acho que é uma bela tentativa de dizer que os homossexuais não têm culpa por suas preferências, mas também é um jeito de continuar falando de anomalia.”
- “Cada um é um, não acho que tenhamos uma equação pra explicar a homossexualidade.”
- “No meu caso acho que sempre fui assim, mas acho que tem gente que descobre mais tarde, aí pode ser uma coisa de oportunidade.”
- “Talvez a orientação venha da criação na família, pode ser isso.”
- “Acredito que todo mundo pode ser gay, é uma questão de se permitir.”
- “Acho que pode ser natural, mas as oportunidades acabam levando pra descoberta.”
- “Não sei.”
- “Sei lá, tem várias teoria, só não gosto da que considera um desvio, uma anomalia, as outras são possíveis.”
- “Tenho simpatia pela idéia de que pra cada pessoa é de um jeito, pode ser isso.”
- “Prefiro não arriscar uma explicação pra não falar bobagem.”
- “Acho que cada um tem sua história pessoal, não gosto de generalizar, como fazem por aí os desinformados.”
- “Aposto mais nas relações na família, mas não acho que isso explica totalmente.”
- “Olha essa pergunta não faz parte da minha curiosidade.”
- “Não tenho uma opinião formada.”
- “Cada um tem um caso.”

Id13: Existe uma orientação sexual correta?

-“O mundo pensa que existe e isso já me deixou até maluco(mobilização emocional-raiva).”

-“Sim, cada um sabe a orientação correta que tem para si próprio.”

-“Ainda não sei.”

-“Nunca, correto é aquilo que lhe agrada.”

-“Acho que não(mobilização emocional e silêncio).”

-“Aquela que te faça feliz e ponto final.”

-“No âmbito religioso, homem e mulher seria o certo, mas não adianta eu estar com uma mulher e não ter prazer, que adianta um hétero ter uma mulher e ser promíscuo? O que é correto, obedeço a religião e vou ser infeliz na sexualidade?”

-“Acho que o certo é não se machucar pra satisfazer o mundo.”

-“Não, a correta é a sua, com tanto que respeite a dos outros.”

-“Não, acho que cada um é o que é.”

-“Não, essa coisa hétero quadrada não tem que ser pra todo mundo.”

-“Não, cada um assume o que é preciso pra ser feliz na vida.”

-“Não, mas sempre vai existir uma norma geral.”

-“Definitivamente não.”

-“Óbvio que não.”

-“Não, cada qual com sua forma de viver.”

-“O importante é ser feliz.”

-“A pessoa tem que viver o que sente.”

-“A orientação certa é a que não te faz sofrer.”

Cada um que cuide da sua vida, é isso.

-“A orientação é muito pessoal pra ser julgada.”

- “Essa é boa, cada um que faço o que quiser, contanto que não agrida ninguém.”
- “A orientação certa é a que fizer sua cabeça, pode ser até uma época da vida uma coisa e depois outra.”
- “Claro que não.”
- “Que pergunta hein? nem vou responder e olha que eu gostei de vc.”
- “Talvez tenha pra cada um.”
- “Cada um na sua.”
- “Não.”
- “Não.”

Subgrupo: mulheres homossexuais

Id1: Como se define em relação ao desejo afetivo/ erótico?

- “Homossexual.”
- “Confusa, gosto de mulheres, mas saio com alguns homens.”
- “Gosto das pessoas independente do sexo biológico
uma mulher que gosta de mulheres.”
- “Gosto de mulheres, sinto atração e isso sempre foi assim.”
- “Acho que sou homossexual.”
- “Lésbica, demorei pra falar isso pra mim mesma sem sentir um puta peso nas costas.”
- “Hoje homossexual, embora já tenha sido casada com um homem por quase 20 anos.”
- “Sou lésbica.”
- “Gosto de ter relacionamentos com mulheres.”
- “Prefiro as mulheres.”
- “Sou homossexual.”
- “Gosto de me relacionar amorosamente com mulheres.”

- “Sou gay.”
- “Atraída por mulheres.”
- “Sou homossexual.”
- “Sou gay.”
- “Sou gay.”
- “Sou lésbica.”
- “Sou lésbica.”
- “Sou gay.”
- “Sou gay.”
- “Sou homossexual.”
- “Sou homossexual.”
- “Sou gay.”
- “Sou homossexual.”
- “Sou gay.”

Id2: Desde quando se percebe desta forma?

- “15 anos(silêncio mobilização emocional).”
- “15 anos, me senti normal ao me descobrir assim.”
- “Desde minha adolescência.”
- “23 anos mais ou menos.”
- “Desde sempre.”
- “Desde 14 anos.”
- “Desde 12 anos, eu queria sempre estar perto de uma amiga e me dava nojo pensar em beijar um menino.”
- “Desde os 37 anos.”

- “Desde a adolescência, uns 16 anos.”
- “Desde uns 14 anos, quando as amigas eram inseparáveis.”
- “Desde os 24 anos, já tinha tido até um noivo, mas através de uma amiga comecei a frequentar o mundo gay e me senti bem nele, aí surgiu o primeiro relacionamento.”
- “Desde sempre.”
- “Desde os 20 anos.”
- “Desde a adolescência.”
- “Tenho a impressão de que isso começou desde muito cedo, talvez na própria infância.”
- “Acho que me descobri lá pelos 13, 14 anos.”
- “Me descobri com uns 18 anos, depois de ter namorado muitos caras.
desde uns 17 anos, quando me apaixonei por uma das minhas professoras da faculdade, mas não rolou nada.”
- “Tinha uns 22 anos quando me senti atraída por uma mulher.”
- “Eu tava com uns 20 anos quando tive o primeiro relacionamento com uma mulher.”
- “Tinha uns 23 anos quando me vi apaixonada por uma amiga.”
- “Eu tava com 20 anos quando me apaixonei pela minha chefe e fui correspondida.”
- “Me descobri aos 21, fui num bar gay e gostei, aí deixei rolar.”
- “Não sei nem dizer, talvez eu tenha nascido gay.”
- “Acho que nasci assim, não consigo lembrar de ter gostado de meninos algum dia.”
- “Acho que me achei com uns 19 anos.”
- “Me envolvi com mulheres com uns 26 anos.”
- “Gosto de dizer que a coisa sempre esteve lá, tive namorados, até um noivo por 5 anos, mas fui me envolver com mulheres aos 25 anos.”
- “Posso dizer que me descobri apaixonada por uma mulher aos 30 anos.”

-“Acho que gostei das mulheres sempre, não teve um momento em que começou isso em mim, eu sou assim, sei lá, é como eu sinto.”

-“Eu conheci o amor da minha vida aos 15 anos, mas só fui entender isso com uns 23.”

Id3: Em que medida a orientação caracteriza as pessoas?

-“Isso não tem nada a ver, as pessoas são o que são, independente da orientação.”

-“A orientação não caracteriza as pessoas, o importante é o respeito e o que se sente nas relações.”

-“É só mais uma característica, não é um rótulo, não preciso dizer às pessoas do que gosto sexualmente, há coisas em mim mais relevantes ou interessantes quando me relaciono com os outros.”

-“Faz com que s possa ter uma mente mais aberta, mas não interfere no resto, tem gente boa e ruim de todas as orientações.”

-“Em nenhuma medida, com quem se vai pra cama não pode ser mais importante do que caráter.”

-“Não acho que eu posso julgar uma pessoa, só Deus pode.”

-“Acho que é só mais uma parte da vida de cada um, mas as pessoas dão um super peso pra isso.”

-“Em nenhuma medida, cada um é antes de tudo ser humano, com quem você vive não é razão pra te definir.

Sei lá, tem uma coisa entre as lésbicas de apoio, acho que não tem isso no mundo hétero.”

-“Não caracteriza totalmente, mas há pontos em comum em pessoas com as mesmas preferências.”

-“Em nenhuma medida, sou a mesma pessoa no caráter, nas qualidades e nos defeitos.”

-“Acho que sendo homossexual não tem como não ficar marcado pras outras pessoas.”

-“Não acho que orientação sexual é requisito de caracterização, será que essa informação diz muito sobre uma pessoa?”

- “Acho que caracteriza porque o mundo dá muita importância pra sexualidade, no sentido do que pode ser certo e errado, não tem como não notar isso.”
- “Acho que isso nem é tão importante, mas por as pessoas darem tanto peso, acaba sendo fundamental a orientação sexual.”
- “A preferência só é importante quando as pessoas são preconceituosas, mas pra mim tem sempre que ter respeito entre as pessoas independente da sexualidade de cada um.”
- “Acho que a preferência sexual não deve ser um jeito de julgar as pessoas.”
- “A orientação sexual não devia, mas é uma das coisas que mais caracteriza as pessoas, assim, falando socialmente.”
- “Isso é difícil dizer acho que a orientação tem papel diferente pra cada pessoa e isso fará a diferença.”
- “Pra mim o fato de eu me relacionar afetivamente com homem ou mulher não deveria ser tão importante, pra mim não é, mas pra maioria é, fazer o que?”
- “Prefiro olhar pro ser humano e não pra sexualidade.”
- “Acho que isso é uma parte da pessoa, tem tanto mais importante.”
- “A sexualidade é uma coisa muito da pessoa, não acho que é uma marca. E também é um lado que pode mudar na vida.”
- “Depende do jeito que você encara, se for pelo que a pessoa sofreu por causa da orientação, isso vai ajudar a definir a pessoa, mas se for em geral, é tudo a mesma coisa.”
- “Isso é uma coisa que determina sua vida, meio que define as coisas que podem acontecer, que vão te fazer sofrer.”
- “Essa é uma diferença que muda tudo de acordo com o jeito da sociedade encarar o assunto. Num país como o Brasil, a orientação é cartão de visita, pode te barrar.”
- “Pra mim não é tão importante, mas é pra quem tem problema com isso.
- “Não acho que a orientação faria tanta diferença assim.”
- “Pessoalmente não valorizo a orientação sexual das pessoas como isso é valorizado socialmente no Brasil.”

-“A orientação não pode ser ponto chave pra definir alguém, o pior é que em muita situação é.”

-“Eu não posso te dizer que a sexualidade não conta, porque seria hipócrita, mas isso não deveria ser forma de segregação.”

Id4: Em relação a ser homem/ mulher, como se sente?

-“Bem. Gosto de ser mulher e ter os hábitos que tenho.”

-“Sinto-me de acordo com meu sexo biológico, mas tenho traços de personalidade masculinos, como: racionalidade, impulsividade e agressividade.”

-“De acordo comigo mesma, gosto de todo o fetiche d ser mulher, das possibilidades de se expressar através da aparência.”

-“Bem, sendo uma mulher sou super vaidosa.”

-“Gosto de ser como sou, acho que sou uma mulher despojada, mas feminina.”

-“Não gostaria de ser homem.”

-“Acho que é bom ser mulher, mas já tive conflitos com isso na adolescência, não me aceitava bem por ser mulher, ter que ser feminina, hoje tô numa boa com isso.”

-“Sou daquelas bem mulherzinhas.”

-“Normal, tenho meu jeito e daí?”

-“Isso nunca foi um problema, me sinto bem como sou.”

-“Numa boa, adoro ser mulher, feminina.”

-“Isso é uma coisa difícil de tocar.”

-“Gosto muito de ser mulher, dos hábitos inclusive.”

-“Bem.”

-“Em harmonia, gosto de ser quem eu sou.”

-“Acho que hoje sou muito feliz do meu jeito, passei por crises, mas todo mundo passa, não é?”

- “Numa boa, não sei porque eu poderia ter problemas, gosto de mim mesma.”
- “Adoro ser mulher, curto o mundo feminino e os hábitos, todas essas coisas”
- “Me sinto satisfeita.”
- “Gosto do universo feminino, principalmente quando as mulheres sabem seu valor.”
- “Em paz, não sou daquelas que se fazem de macho.”
- Gosto de ser mulher com responsabilidade, sem banalizar a posição da mulher.”
- “Pra mim, ser mulher é uma coisa especial muito difícil de definir.”
- “Fico numa boa, mas não admito discriminação com mulher e por aí tá cheio.”
- “Na boa.”
- “Gosto de seguir meu estilo e pronto, tem certos tipos de roupa feminina que eu nunca gostei de usar, é o meu jeito.”
- “Numa boa.”
- “Bem, não ligo muito pra vestir o que manda o protocolo.”
- “Gosto do mundo habitual e de imagem feminino.”
- “Não tenho problemas.”
- “Vivo bem com meu gênero, não é assim que tão dizendo agora, é eu tô informada!”

Id7: Se sente melhor ou pior por ter sua orientação?

- “Indiferente.”
- “Isso não é o que interfere.”
- “Hoje a orientação não é relevante pra me sentir melhor ou pior.”
- “Isso não faz diferença.”
- “Talvez eu tenha tido a chance de ser uma pessoa mais aberta pras diferenças, acho que é isso.”

- “Perante Deus acho que pior, perante minha família também, mas tento ser uma boa pessoa com os outros.”
- “Isso, de verdade não faz a diferença em ser melhor ou não, a sexualidade é uma coisa muito material na minha opinião.”
- “Normal, tenho os mesmos valores, o mesmo caráter de quando vivia com um homem.”
- “Acho que sou uma pessoa mais liberada.”
- “Sinto que isso não faz de mim melhor, mas por outro lado faz sim porque consigo aceitar como sou apesar de tanto preconceito.”
- “De novo eu digo que ter começado a ficar e ter relacionamentos com mulheres não mudou minha personalidade.”
- “Se pudesse escolher não seria homossexual, isso te faz sofrer muito, é mais fácil ser hétero.”
- “Como já disse isso não é requisito pra se ser boa ou má pessoa.”
- “Sinto que sou mais calejada por ter tido que me defender em algumas situações.”
- “Isso, de verdade não faz tanta diferença.”
- “Acho que só presta atenção nisso quem tem problema com o negócio.”
- “Não acho que isso devesse ser tão importante como é.”
- “Me sinto melhor porque preconceito com pessoas gay, acho que não tenho, pelo menos isso.”
- “Acho que vivo melhor hoje por estar com uma mulher, mas não que isso me faça melhor que os outros.”
- Não sinto que sou melhor, nem pior.”
- “Talvez a única coisa que me faça melhor é o fato de ter aprendido a não julgar tanto os outros.”
- “Definitivamente não sou melhor nem pior por isso.”
- “Sou a mesma no caráter.”

- “Não acho que sou superior aos héteros, mas tenho uma bagagem de vida diferente.”
- “Talvez eu seja mais forte que pessoas que tiveram tudo normalzinho, fácil, é só viver o que todo mundo vive.”
- “Ser lésbica, hétero, bissexual não muda o caráter, é só uma parte da vida das pessoas.”
- “Sinto que posso ser uma pessoa mais aberta pra diferença, mas não exatamente melhor por causa da orientação.”
- “Olha a preferência sexual não é tão relevante pra fazer alguém pior, melhor, não mesmo, tem tanto gay quanto hétero bom e mau caráter.”
- “Embora haja uma fantasia, até como modo de encontrar espaço, do gay de que este seja uma boa pessoa sempre, confiável, ou o contrário, defendido pelos preconceituosos o fato é que tudo isso são crenças que têm funções.”
- “Pode até ser que haja muito homo gente boa, mas não é garantia de que seja porque são gays, acho que a coisa é meio por aí.”
- “De jeito algum pra mim, alguém é mais ou menos por causa da orientação, isso é um ranço.”

Id9: O quanto sua orientação está de acordo com expectativas dos outros?

- “Não está, é claro, mas há quem não me julgue por isso.”
- “Quanto aos amigos é normal, já a família finge que não sabe.”
- “Se todos soubessem não aprovariam, apenas poucos, mas o que posso fazer, satisfazer as minhas expectativas ou as deles, no fim prefiro não me reprimir.”
- “Muito pouco, porque te educam pra ser o padrão considerado certo, se algo é diferente, já é anormal.”
- “Olha, não sei mesmo porque já percebi que tem até gente que dá uma de politicamente correto e faz que aceita.”
- “Está em desacordo, sei que eu seria uma vergonha pra todos, mas encontrei alguns amigos que gostam de mim mesmo assim e isso me dá força.”

-“Isso é certeza que tá em conflito com o que esperavam de mim, mas minha mãe sabe, não gosta, mas aceita e tem gente aberta por aí que salvam.”

-“Quando você encontra uma pessoa do mesmo sexo aos quase 40 anos, não tem mais essa de precisar de aprovação, já não tem conflito.”

-“Não tô interessada em saber se eles gostam ou não.”

-“Sei que não é isso que pai e mãe imaginam pros filhos, mas eles conseguiram lidar bem no final.”

-“Sei que minha família desconfia, mas por não querer saber a verdade, faz que nada está acontecendo.”

-“Nunca estará de acordo, sou a ovelha negra mesmo.”

-“Não tem como estar em total acordo porque a heterossexualidade é a maioria.”

-“De acordo com alguns e em desacordo com outros, acho que isso vai ser sempre assim.”

-“Hoje acho que minha orientação não faz tanta diferença pras pessoas que eu gosto e que convivem comigo.”

-“Entendi que quem está além das regras de como ser é que vale a pena pra mim, então não ligo pro resto.”

-“Vai sempre ter um ou outro que vai ter preconceito, mas aí ou a pessoa aceita ou se afasta, é uma pena.”

-“Respeito as pessoas, mas não deixo o problema delas com a coisa interferir na minha vida, uns vão aceitar, outros não.”

-“De fato, a maioria das pessoas se quiser continuar perto de você, tem que lidar com seu preconceito, não quero atender às expectativas de ninguém, só as minhas.”

-“Minha orientação não é o que meus pais sonharam pra mim, mas é como eu quero viver e se eles me respeitam, não ligo tanto pra o que o resto possa dizer, pena daqueles que são rejeitados por suas famílias.”

-“Ah, eu sei que não sou o padrão, mas só me importo em ser feliz.”

-“Sei que não sou o sonho da minha família, mas me respeito em primeiro lugar.”

-“Não sei, mas as pessoas que um dia cobraram que eu fosse do jeito que eles queriam, já estão riscadas da minha vida.”

-“Se eu pudesse ter escolhido, eu era hétero, bem mais fácil, sinto muito, ou melhor, sinto nada, sou o que eu sou.”

-“Sei que as pessoas querem que você seja como o que todo mundo é, mas não dá pra ser uma farsa.”

-“Acho que isso nem entrou em questão na minha vida porque minha relação com a família sempre foi distante, não houve conflito.”

-“Minha família me trata bem, ninguém nunca tocou no assunto, acho que a maioria aceitou ou sei lá.”

-“Hoje não acho que minha família não saiba, ninguém discute o assunto, pode ser que tenha revolta deles, mas ninguém se mete nisso.”

-“Não acho que minha família e amigos tenham grandes problemas com minhas escolhas, talvez tenha sido mais difícil pro meu irmão aceitar, deu uns problemas, mas hoje tudo se acomodou.”

-“Acho que foi bem chocante pra minha família, só alguns conseguiram ficar do meu lado, de imediato, praticamente ninguém, mas sei que aceitaram a realidade, sem ficar projetando os sonhos deles em mim.”

-“Sei que minha família não fala no assunto, mas de certa forma sabe, hoje já não cobram uma vida que eu não quero ter, acho que de um jeito ou de outro respeitam.”

Id10: Essas expectativas alheias são capazes de influenciar sua orientação?

-“Não, isso só aconteceria se eu fosse muito insegura e precisasse demais da aprovação dos outros.”

-“Não porque não levo em consideração o que os outros falam, se estou bem é o que conta.”

-“Hoje em dia não.”

- “Não, embora tenha que dar umas mentidas pra evitar conflitos.”
- “Não, isso já causou conflitos na adolescência, mas como fui morar fora muito nova, não sofri pressão.”
- “Sim, tenho dificuldade de me relacionar pela culpa que sinto por causa da minha família.”
- “Hoje não mais.”
- “Não, eu sou dona da minha vida há muito tempo, isso não faz mais diferença.”
- “Nunca, se tiver que enfrentar eu enfrento pra me defender.
- “Não, já fiquei com sérios problemas, mas acabei optando por mim.”
- “Nunca foram, eu acho que porque eu me descobri com essa preferência já mais madura, eu tinha minha vida e era independente.”
- “O desacordo me faz sofrer, mas não posso me forçar a gostar de homem.”
- “Não, desse mal eu não sofri.”
- “Embora tenhamos problemas em admitir a orientação pra família, pra mim não mudou nada.”
- “Não mesmo, tive que me abrir em casa e isso não foi fácil, mas não me senti ameaçada de perder as pessoas que amo por isso, então nem cheguei a pensar em mudar minha orientação.”
- “Já vivi muita confusão e épocas em que eu achava que não ia agüentar mais, mas mesmo assim não mudei, acho que se tivesse insistido em mudar, não estaria mais aqui.”
- “Acho que porque me descobri mais velha e morando longe da minha família, as coisas foram mais light, apesar de as pessoas não tocarem no assunto lá em casa.”
- “Me preservo de pessoas que possam me magoar por causa do preconceito que elas têm.”
- “Como eu contei, não tive que dar explicações, já morava sem a família, em outra cidade, mas acredito que se tivesse sido diferente, eu teria insistido na minha felicidade mesmo indo contra os outros.”
- “Não, mas eu teria sofrido muito se não tivesse tido o respeito e a consideração deles.”

- “Não tem como você tem que escolher se vai ser feliz ou não, não dá pra fazer o que esperam de você.”
- “Acho que por um tempo até rola uma pressão, você entra no jogo, tenta ser o que não é, mas depois essa fase passa.”
- “Pra mim nunca foi mais importante o julgamento dos outros.”
- “Sofri muito até ver que eu tinha que me aceitar e não ficar na expectativa dos outros.”
- “Acho que eu até tentei numa época da minha vida, ser como queriam, só que seria muita violência.”
- “Nunca deixei de fazer o que queria pra ser como meus pais queriam, nem sei mesmo o que eles esperavam de mim.”
- “Como já nem tinha muito contato familiar quando conheci a M. isso não fez diferença.”
- “De fato não houve influência de pessoas quando me descobri.”
- “Esse tipo de influência, que pressiona pra pessoa ser o padrão, eu não sofri.”
- “Por mais que eu tenha sofrido, segui o que eu desejava.”
- “Nunca houve muita influência das pessoas.”

Id11: O que faz com que uma pessoa tenha orientação sexual homossexual?

- “Ainda não tenho uma resposta, tenho discutido isso em terapia.”
- “Acho que vem da natureza do ser humano.”
- “Gosto do que Freud diz, que todos temos uma base bissexual, acho que é daí que tudo vem, se é bi podemos ir para um lado ou para o outro. O fato é que para a época que vivemos ficou acertado que o certo é hétero.”
- “Ter ouvido seu desejo, todos podem ter desejo homossexual, uns têm, outros não, uns realizam, outros não.”
- “Não dou conta de pensar que possa ser biológico, senão como se explicaria a Grécia antiga? Mas também não sei responder, talvez eu vá mais pela coisa de que cada caso é um caso.”

-“Não sei, já ouvi muita coisa, pode até ser genético, ou o mundo que a gente vive hoje, ou um trauma muito forte.”

-“Sua vida, o que aconteceu desde o primeiro momento de vida, as referências.”

-“Acho que a vida, a maneira que se foi criado, o momento que a sociedade tá vivendo, acho que nunca é uma coisa só.”

-“Acho que a gente pode até nascer com isso, aí rola oportunidade pra uns e não pra outros.”

-“Talvez alguma coisa na criação, no desenvolvimento, não sei bem, acho que cada um tem sua história.”

-“Acho que cada um tem um caminho, mas acredito no desenvolvimento, no processo de se relacionar de cada pessoa.”

-“Não sei e já cansei de tentar entender.”

-“Acho que uma junção de muitos fatores, vai depender da vida que cada um leva e levou.”

-“Acredito que muito está em jogo, mas cada pessoa constrói seu modo de se relacionar.”

-“Acho que é a forma como a criança cresce e talvez também existam fatores biológicos, mais em interação com as vivências.”

-“Talvez seja genético, seja a época que a gente vive, sei lá, a relação com os pais, mas pra mim é mais um jeito de viver os relacionamentos, não acredito que tenha uma pessoa exclusivamente hétero ou homo, é só uma questão de repressão.”

-“Não sei, pode ser o jeito de vida de hoje, nossa sociedade, as situações que você vive e que não reprime.”

-“Pode ser tanta coisa, não sei dizer.”

-“Bem, acredito que tudo isso é resultado das relações entre as pessoas ao longo da vida, talvez até haja uma predisposição genética que é acionada por contextos específicos.”

-“Eu sou partidária do existencialismo, pra mim as pessoas devem ser congruentes com seus desejos, amor entre pessoas do mesmo sexo é mais uma possibilidade, se todos têm essa dimensão, devemos viver aquilo que nos realizará mais, isso é que vale.”

- “Não sei, pode ser tanta coisa, sei lá.”
- “Freud explica, é verdade, explica mesmo.”
- “Acredito nas chances e nas oportunidades, que a gente pode ver ou não querer ver.”
- “Pode ser que alguns nasçam assim, outros sejam mais flexíveis e possam ser as duas coisas.”
- “Tenho certeza que tem gente que nasce assim, gay, isso é muito forte pra muita gente que eu conheço.”
- “Talvez as pessoas todas possam ser gay ou hétero, não sei.”
- “Acho que as tendências e oportunidades contam.”
- “Acho que cada pessoa tem suas razões.”
- “Sem dúvida eu diria que a orientação sexual é uma construção pessoal e por isso é uma história única de cada pessoa.”
- “Pode ser que todo mundo tenha potencial pra ser homo e hétero, só vai das quantidades de tendência e da oportunidade.”
- “Não acho que tenha um jeito só de ver isso, deve ser algo particular mesmo.”

Id13: Existe uma orientação sexual correta?

- “Não, cada um deve ser autêntico com si mesmo.”
- “Não, porque cada ser é único. É igual dizer que ser branco é bom e ser negro é ruim, ou vice-versa.”
- “Sim, a que deixa o cidadão feliz.”
- “Não, o que vale é ter bem estar.”
- “De jeito nenhum. Como eu posso dizer pros outros o que é certo ou errado pra eles com tanto que as escolhas deles não me prejudiquem?”
- “Pra Deus talvez até tenha, mas o que me faz conseguir superar é pensar que temos que ser felizes, pra isso não podemos escolher racionalmente por quem vamos nos apaixonar.”

- “Definitivamente não, não acredito em divisões fechadas de certo e errado, isso o Budismo me ensinou.”
- “Não, a gente tem que se permitir viver aquilo que já acontece dentro da gente, aí é possível ser mais feliz, mais verdadeiro.”
- “Não, cada um na sua.”
- “Não, cada um deve ter a sua.”
- “Claro que não.”
- “Não sei.”
- “Com certeza não.”
- “De fato não.”
- “Não, apesar do preconceito, acho que isso não existe, é pura invenção da sociedade.”
- “A orientação certa é a que te faz ter paz com você mesmo não com as pessoas que te julgam.”
- “Cada um tem que saber o que é melhor pra sua vida.”
- “Isso é uma coisa muito pessoal.”
- “Essa coisa de certo e errado só vale se ao decidir por alguma coisa você prejudique o outro, do resto temos que conduzir nossa vida pela direção que desejarmos.”
- “Como eu falei, o fundamental é ser congruente consigo mesmo.”
- “Claro que não. Amor é amor e fim de papo.”
- “Não sei, fico em dúvida, pode ser por causa da religião, mas eu tô superando sempre, a vida é assim mesmo.”
- “Acho que o bom é ter paz consigo mesmo.”
- “Acho que somos o que somos sem essa de certo ou errado.”
- “Cada um tem que ter o direito de viver como quiser.”
- “De jeito nenhum.”

-“Não, as pessoas tem que ter a chance de serem flexíveis.”

-“Não bem redondo.”

-“Absolutamente não.”

-“Não.”

-“De jeito nenhum.”

ANEXO 3

Sequência de instrumentos utilizados

Inventário de dados Sócio-demográficos

Nome: _____

Gênero:

☐ M ☐ F

Idade: _____

Naturalidade: _____

Estado civil

☐ casado ☐ separado ☐ divorciado ☐ viúvo

☐ solteiro: ☐ Vive só e não tem parceiro fixo.

☐ Vive só e tem parceiro fixo.

☐ Vive com parceiro há _____ () anos () meses.

Possui filhos? Se sim, quantos e com quem vivem?

Educação Escolar: _____

Formação Profissional: _____

Ocupação Profissional: _____

Renda mensal: _____

Raça:

☐ branca ☐ parda ☐ negra ☐ outra, qual? _____

Você já se sentiu discriminado(tratado diferentemente, com desprezo, algum tipo de humilhação ou rebaixamento) por ser identificado como _____(raça)?

Em relação à sua raça (cor de pele, grupo étnico) você, de modo geral, sente-se:

☐ orgulhoso

☐ envergonhado

☐ indiferente

Comente: _____

Em relação à sua profissão (ser: _____) você sente-se:

☐ orgulhoso

☐ envergonhado

☐ indiferente

Comente: _____

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Qualidade de Vida (WHOQOL – ABREVIADO)

W1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	muito ruim 1	ruim 2	nem ruim nem boa 3	boa 4	muito boa 5	W1 _
----	--	-----------------	-----------	--------------------------	----------	----------------	------

W2	Quão satisfeito(a) você está com sua saúde?	muito insatisfeito 1	Insatisfeito 2	nem satisfeito nem insatisfeito 3	Satisfeito 4	muito satisfeito 5	W2 _
----	---	-------------------------	-------------------	---	-----------------	-----------------------	------

As questões seguintes são sobre **o quanto** você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

W3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	nada 1	muito pouco 2	mais ou menos 3	bastante 4	extremamente 5	W3 _
W4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5	W4 _
	O quanto você aproveita a vida?						
W5	Em que medida você acha que sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5	W5 _
W6	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5	W6 _
W7	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5	W7 _
W8	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5	W8 _
W9		1	2	3	4	5	W9 _

As questões seguintes perguntam sobre **quão completamente** você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	médio	muito	completamente	
W10	Você tem energia suficiente para o seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5	W10 _
W11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5	W11 _
W12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5	W12 _
W13	Quão disponível para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5	W13 _
W14	Em que medida você tem oportunidade de atividade de lazer?	1	2	3	4	5	W14 _

As questões seguintes perguntam sobre **quão bem ou satisfeito** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom	
W15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5	W15 _

		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	muito satisfeito	
W16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5	W16 _
W17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5	W17 _
W18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5	W18 _
W19	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5	W19 _
W20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5	W20 _
		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito	

W21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5	W21 _
W22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5	W22 _
W23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5	W23 _
W24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5	W24 _
W25	Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5	W25 _

As questões seguintes referem-se **com que frequência** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		nunca	algumas vezes	freqüentemente	muito freqüentemente	sempre	
W26	Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5	W26 _

Inventário de Religiosidade para SOHom.

Você tem religião?

☐ Sim Qual? _____

☐ Não

Que igreja frequenta?

Você acredita em Deus?

☐ Sim, acredito muito e vivo sua presença.

☐ Sim, acredito.

☐ Sim, mas às vezes tenho dúvidas.

☐ Não.

Se acredita, o que é Deus para você?

Com que frequência vai à igreja, missas, cultos?

☐ Nunca vou.

☐ Vou de 1 até 3 vezes por ano.

☐ Vou de 4 até 10 vezes por ano.

☐ Vou pelo menos 1 vez por mês.

☐ Vou várias vezes no mês.Quantas? _____

Você ora ou reza?

- ☐ Nunca.
- ☐ Sim, às vezes.
- ☐ Pelo menos uma vez por semana.
- ☐ Todos os dias, ou quase todos os dias.
- ☐ Mais de uma vez por dia.

Por quê?

Você conta com a ajuda de pessoas de sua religião quando tem problemas ou dificuldades?

- ☐ Nunca.
- ☐ Sim, às vezes.
- ☐ Frequentemente.
- ☐ Sempre, com muita ajuda.

Você consulta a Deus ou autoridades religiosas, quando tem algo difícil para decidir em sua vida?

- ☐ Nunca.
- ☐ Sim, às vezes.
- ☐ Frequentemente.
- ☐ Sempre e obtenho muita ajuda.

Você ocupa algum cargo ou função na sua igreja ou denominação religiosa? Se sim, qual?

Como você se sente ao definir-se como membro de sua denominação religiosa?(por ex. evangélico; católico; espírita; budista; etc...)

Você lê livros religiosos, revistas, folhetos, etc? Se sim, quais e com que frequência?

Você já se sentiu discriminado(tratado diferentemente, com desprezo, algum tipo de humilhação ou rebaixamento) por ser identificado como _____(denominação religiosa)? Descreva:

As pessoas de seu grupo religioso sabem de sua orientação? Comente:

Você, por conta de sua orientação sexual, já se sentiu discriminado(tratado diferentemente, algum tipo de humilhação, rebaixamento) no seu grupo religioso? Descreva:

Como você vê sua orientação em relação aos conceitos religiosos (textos sagrados, bíblia, livros religiosos, tradições)?

Como se sente em relação a Deus e ao mundo espiritual?

Inventário de Religiosidade para SOHet.

Você tem religião?

() Sim Qual? _____

() Não

Que igreja frequenta?

Você acredita em Deus?

() Sim, acredito muito e vivo sua presença.

() Sim, acredito.

() Sim, mas às vezes tenho dúvidas.

Se acredita, o que é Deus para você?

Com que frequência vai à igreja, missas, cultos?

- ☐ Nunca vou.
- ☐ Vou de 1 até 3 vezes por ano.
- ☐ Vou de 4 até 10 vezes por ano.
- ☐ Vou pelo menos 1 vez por mês.
- ☐ Vou várias vezes no mês.

Você ora ou reza?

- ☐ Nunca.
- ☐ Sim, às vezes.
- ☐ Frequentemente.
- ☐ Muito frequentemente.

Por quê?

Você conta com ajuda de pessoas de sua religião quando tem problemas ou dificuldades?

- ☐ Nunca.
- ☐ Sim, às vezes.
- ☐ Frequentemente.
- ☐ Sempre, com muita ajuda.

Você consulta a Deus ou autoridades religiosas, quando tem algo difícil para decidir em sua vida?

- ☐ Nunca.
- ☐ Sim, às vezes.
- ☐ Frequentemente.
- ☐ Sempre e obtenho muita ajuda.

Como você se sente ao definir-se como membro de sua denominação religiosa?(por ex. evangélico; católico; espírita; budista; etc...)

Você já se sentiu discriminado(tratado diferentemente, com desprezo, algum tipo de humilhação ou rebaixamento) por ser identificado como _____(denominação religiosa)?

Inventário de Identidade Psicossocial

Em relação à sua orientação sexual, como você se sente?

Desde que idade você se percebe tendo esta orientação? Comente:

Em que medida você sente que a orientação sexual caracteriza uma pessoa? Comente:

Em relação a ser homem/mulher (ter um corpo feminino/masculino, usar roupas, ter determinados hábitos, profissão, etc) como você se sente?

Perguntas sobre orgulho e vergonha:

Você sente ou já sentiu orgulho por ter a sua orientação? Descreva:

- ☐ Não.
- ☐ Sim, um pouco.
- ☐ Sim, muito.

Descreva:

Você sente ou já sentiu vergonha por ter sua orientação? Descreva:

- ☐ Não.
- ☐ Sim, um pouco.
- ☐ Sim, muito.

Descreva:

Você se sente um indivíduo melhor ou pior de acordo com sua orientação? Comente:

Você já se sentiu discriminado(tratado diferentemente, algum tipo de humilhação, desprezo ou rebaixamento) por conta de sua orientação? Comente:

O quanto que você acha que sua orientação está de acordo com as expectativas dos outros(familiares, amigos, colegas de trabalho)? Comente:

As expectativas dos outros (familiares, amigos, colegas de trabalho) são capazes de influenciar sua orientação? Comente:

Na sua opinião, o que faz com que uma pessoa tenha uma orientação homossexual?

Como você se relaciona com indivíduos de orientação diferente da sua? Por quê?

Você pensa existir uma orientação correta? Comente:

M.I.N.I. PLUS

MINI INTERNATIONAL NEUROPSYCHIATRIC INTERVIEW

Brazilian Version 5.0.0

USA: D. Sheehan, J. Janavs, R. Baker, K. Harnett-Sheehan, E. Knapp, M. Sheehan
University of South Florida - Tampa

FRANCE: Y. Lecrubier, E. Weiller, T. Hergueta, P. Amorim, L.I. Bonora, J.P. Lépine
Hôpital de la Salpêtrière - Paris

Tradução para o português (Brasil) : P. Amorim

© 1994, 1998, 2000, Sheehan DV & Lecrubier Y.

Todos os direitos são reservados. Este documento não pode ser reproduzido, todo ou em parte, ou cedido de qualquer forma, incluindo fotocópias, nem armazenado em sistema informático, sem a autorização escrita prévia dos autores. Os pesquisadores e os clínicos que trabalham em instituições públicas (como universidades, hospitais, organismos governamentais) podem fotocopiar o M.I.N.I. para utilização no contexto estrito de suas atividades clínicas e de investigação.

M.I.N.I. Plus 5.0.0 (Junho, 2001)

Nome do(a) entrevistado(a):	_____	Número do protocolo:	_____
Data de nascimento:	_____	Hora de início da entrevista:	_____
Nome do(a) entrevistador(a):	_____	Hora do fim da entrevista:	_____
Data da entrevista:	_____	Duração total da entrevista:	_____

MÓDULOS		PERÍODO EXPLORADO	CRITÉRIOS PREENCHIDOS	DSM-IV	ICD-10
A	EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR (EDM)	Atual (2 semanas)	O	296.20-296.26 Único	F32.x
		Passado F33.x	O	296.30-296.36	
	TRANSTORNO DO HUMOR DEVIDO A CONDIÇÃO MÉDICA GERAL	Atual	O	293.83	F06.xx
		Passado	O	293.83	F06.xx
	TRANSTORNO DO HUMOR INDUZIDO POR SUSTÂNCIA	Atual	O	29x.xx	nenhum
		Passado	π	29x.xx	nenhum
	EDM COM CARACTERÍSTICAS MELANCÓLICAS	Atual (2 semanas)	O	296.20-296.26 Single	F32.x
		Passado		296.30-296.36	
	Recurrent	F33.x			
B	TRANSTORNO DISTÍMICO	Atual (Últimos 2 anos)	O	300.4	F34.1
		Passado	O	300.4	F34.1
C	RISCO DE SUICÍDIO	Atual (Último mês)	O	nenhum	nenhum
D	EPISÓDIO MANÍACO	Atual	O	296.00-296.06	F30.x-F31.9
		Passado	O	296.00-296.06	F30.x-F31.9
	EPISÓDIO HIPOMANÍACO	Atual	O	296.80-296.89	F31.8-F31.9/F34.0
		Passado	O	296.80-296.89	F31.8-F31.9/F34.0
	EPISÓDIO MANÍACO DEVIDO A CONDIÇÃO MÉDICA GERAL	Atual	O	293.83	F06.30
		Passado	O	293.83	F06.30
	EPISÓDIO HIPOMANÍACO DEVIDO A CONDIÇÃO MÉDICA GERAL	Atual	O	293.83	nenhum
		Passado	O	293.83	nenhum
	EPISÓDIO MANÍACO INDUZIDO POR SUSTÂNCIA	Atual	O	291.8-292.84	nenhum
		Passado	O	291.8-292.84	nenhum
	EPISÓDIO HIPOMANÍACO INDUZIDO POR SUSTÂNCIA	Atual	O	291.8-292.84	nenhum
		Passado	O	291.8-292.84	nenhum
E	TRANSTORNO DE PÂNICO	Atual (Último mês)	O	300.01/300.21F40.01-	
		Vida inteira	O	300.01/300.21F40.01-	
	F41.0				
	TRANSTORNO ANSIOSO COM ATAQUES DE PÂNICO DEVIDO A CONDIÇÃO MÉDICA GERAL	Atual	O	293.89	F06.4
F	AGORAFOBIA	Atual	O	300.22	F40.00
	FOBIA SOCIAL	Atual (Último mês)	O	300.23	F40.1
	FOBIA ESPECÍFICA	Atual	O	300.29	F40.2
	TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO (TOC)	Atual (Último mês)	O	300.3	F42.8
	TOC DEVIDO A CONDIÇÃO MÉDICA GERAL	Atual	O	293.89	F06.4
	TOC INDUZIDO POR SUSTÂNCIA	Atual	O	291.8-292.89	nenhum
	TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO	Atual (Último mês)	O	309.81	F43.1
K	DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL	(Últimos 12 meses)	O	303.9	F10.2x
		Vida inteira	O	303.9	F10.2x

	ABUSO DE ÁLCOOL	(Últimos 12 meses)	O	305.00	F10.1
	ABUSO DE ÁLCOOL	Vida inteira	O	305.00	F10.1
L	DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA (Não álcool)	(Últimos 12 meses)	O	304.00-.90/305.20-.90	F11.0-F19.1
	DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA (Não álcool)	Vida inteira	O	304.00-.90/305.20-.90	F11.0-F19.1
	ABUSO DE SUBSTÂNCIA (Não álcool)	(Últimos 12 meses)	O	304.00-.90/305.20-.90	F11.0-F19.1
M	TRANSTORNOS PSICÓTICOS	Vida inteira	O	295.10-295.90/297.1/	F20.xx-F29
		Atual	O	297.3/293.81/293.82/ 293.89/298.8/298.9	
	TRANSTORNO DO HUMOR COM CARACTERÍSTICAS PSICÓTICAS	Vida inteira	O	296.24	F32.3/F33.3
	ESQUIZOFRENIA	Atual	O	295.10-295.60	F20.xx
		Vida inteira	O	295.10-295.60	F20.xx
	TRANSTORNO ESQUIZOAFETIVO	Atual	O	295.70	F25.x
		Vida inteira	O	295.70	F25.x
	TRANSTORNO ESQUIZOFRENIFORME	Atual	O	295.40	F20.8
		Vida inteira	O	295.40	F20.8
	TRANSTORNO PSICÓTICO BREVE	Atual	O	298.8	F23.80-F23.81
		Vida inteira	O	298.8	F23.80-F23.81
	TRANSTORNO DELIRANTE	Atual	O	297.1	F22.0
		Vida inteira	O	297.1	F22.0
	TRANSTORNO PSICÓTICO DEVIDO A CONDIÇÃO MÉDICA GERAL	Atual	O	293.xx	F06.0-F06.2
		Vida inteira	O	293.xx	F06.0-F06.2
	TRANSTORNO PSICÓTICO INDUZIDO POR SUBSTÂNCIA	Atual	O	291.5-292.12	nenhum
		Vida inteira	O	291.5-292.12	nenhum
	TRANSTORNO PSICÓTICO SOE	Atual	O	298.9	F29
		Vida inteira	O	298.9	F29
	TRANSTORNO DO HUMOR COM CARACTERÍSTICAS PSICÓTICAS	Vida inteira	O		F31.X3/F31.X2/F31.X5
	TRANSTORNO DO HUMOR SOE	Vida inteira	O	296.90	F39
	TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR COM CARACTERÍSTICAS PSICÓTICAS	Atual	O	296.24	F33.X3
		Passado	O	296.24	F33.X3
	TRANSTORNO BIPOLAR I COM CARACTERÍSTICAS PSICÓTICAS	Atual	O	296.04-296.64	F31.X2/F31.X5
		Passado	O	296.04-296.64	F31.X2/F31.X5
	TRANSTORNO BIPOLAR II	Atual	O	296.89	F31.8
		Passado	O	296.89	F31.8
N	ANOREXIA NERVOSA	Atual (Últimos 3 meses)	O	307.1	F50.0
O	BULIMIA NERVOSA	Atual (Últimos 3 meses)	O	307.51	F50.2
	BULIMIA NERVOSA TIPO PURGATIVO	Atual	O	307.51	F50.2
	BULIMIA NERVOSA TIPO SEM PURGAÇÃO	Atual	O	307.51	F50.2
	ANOREXIA NERVOSA, TIPO COMPULSÃO				
	PERIÓDICA PURGATIVO	Atual	O	307.1	F50.0
	ANOREXIA NERVOSA, TIPO RESTRITIVO	Atual	O	307.1	F50.0
P	TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA	Atual (Últimos 6 meses)	O	300.02	F41.1
	TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA				
	DEVIDO A CONDIÇÃO MÉDICA GERAL	Atual	O	293.89	F06.4
	TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA				
	INDUZIDO POR SUBSTÂNCIA	Atual	O	291.8-292.89	nenhum
Q	TRANSTORNO DA PERSONALIDADE ANTI-SOCIAL	Vida inteira	O	301.7	F60.2
R	TRANSTORNO DE SOMATIZAÇÃO	Vida inteira	O	330.81	F45.0
		Atual	O		
S	HIPOCONDRIA	Atual	O	300.7	F45.2

T	TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL	Atual	O	300.7	F45.2
U	TRANSTORNO DOLOROSO	Atual	O	300.89/307.8	F45.4
V	TRANSTORNO DA CONDUTA	Últimos 12 meses	O	312.8	F91.8
W	TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/ HIPERATIVIDADE (Crianças/Adolescentes)	Últimos 6 meses	O	314.00/314.01	F90.0/F90.9/ F98.8
	TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/ HIPERATIVIDADE (Adultos)	Vida inteira	O	314.00/314.01	F90.0/F98.8
		Atual	O		
X	TRANSTORNO DE AJUSTAMENTO	Atual	O	309.xx	F43.xx
Y	TRANSTORNO DISFÓRICO PRÉ-MENSTRUAL	Atual	O		
Z	TRANSTORNO MISTO DE ANSIEDADE-DEPRESSÃO		Atual	O	

ALERTA

MESMO SE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM CLARO FATOR ESTRESSANTE AGRAVANDO A SINTOMATOLOGIA, EXPLORE INICIALMENTE OS DIAGNÓSTICOS DE “A –W” ACIMA. NUNCA USE O DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DE AJUSTAMENTO SE OS CRITÉRIOS PARA QUALQUER OUTRO TRANSTORNO EXPLORADO DE “A –W” FOREM PREENCHIDOS.

INSTRUÇÕES GERAIS

O M.I.N.I. (DSM IV) é uma entrevista diagnóstica padronizada breve que explora os principais Transtornos Psiquiátricos do Eixo I do DSM IV (Associação Psiquiátrica Americana, 1994) e da CID-10 (Organização Mundial da Saúde - OMS, 1992). Estudos de confiabilidade e validade foram desenvolvidos, comparando o M.I.N.I. ao SCID-P e ao CIDI (uma entrevista padronizada desenvolvida pela OMS para entrevistadores leigos). Os resultados desses estudos mostraram que o M.I.N.I. apresenta índices de confiabilidade e de validade comparáveis aos dos instrumentos referidos, mas que pode ser administrado em um tempo muito mais curto (média= 18.7 ± 11.6 minutos; mediana = 15 minutos). O M.I.N.I. pode ser utilizado por clínicos, após uma formação breve. Os entrevistadores não clínicos necessitam de uma formação mais intensiva. O M.I.N.I. Plus é uma versão mais detalhada do M.I.N.I. Sintomas imputáveis a uma causa orgânica ou ao uso de medicamentos, droga ou álcool não devem ser cotados positivamente no M.I.N.I. O M.I.N.I. Plus tem perguntas que investigam essas questões.

• **Entrevista:**

Com o objetivo de reduzir o mais possível a duração da entrevista deve-se preparar o(a) entrevistado(a)

para este enquadramento clínico pouco habitual, informando que lhe serão feitas perguntas precisas sobre os seus problemas psicológicos e que se espera dele(a) respostas “sim” ou “não”.

• **Apresentação:**

O MINI está dividido em **módulos** identificados por letras, cada um correspondendo a uma categoria diagnóstica.

- No início de cada um dos módulos diagnósticos (exceto para o módulo Transtornos Psicóticos), uma ou várias questões/filtros que correspondem aos critérios principais do Transtorno são apresentadas num quadro com fundo acinzentado.
- No final de cada módulo, um ou vários **quadros diagnósticos** permite(m) ao clínico indicar se os critérios de diagnóstico foram ou não preenchidos.

• **Convenções:**

As frases escritas em “letras minúsculas” devem ser lidas “palavra por palavra” para o(a) entrevistado(a) de modo a padronizar a exploração de cada um dos critérios diagnósticos.

As frases escritas em “MAIÚSCULAS” não devem ser lidas para o(a) entrevistado(a). São instruções às quais o clínico deve-se referenciar de modo a integrar os algoritmos diagnósticos ao longo de toda a entrevista.

As frases escritas em “negrito” indicam o período de tempo a explorar. O clínico deve lê-las tantas vezes quanto necessário, ao longo da exploração dos sintomas e só levar em conta aqueles presentes ao longo desse período.

As frases escritas entre (parêntesis) são exemplos clínicos que descrevem o sintoma avaliado. Podem ser lidos de modo a clarificar a questão.

Quando os termos são separados por uma barra (/) o clínico deve considerar apenas o termo que corresponde ao sintoma apresentado pelo(a) entrevistado(a) e que foi explorado anteriormente.

As respostas com uma seta sobreposta (Λ) indicam que um dos critérios necessários ao estabelecimento do diagnóstico explorado não é preenchido. O clínico deve ir diretamente para o final do módulo, cotar “NÃO” no(s) quadro(s) diagnóstico(s) correspondente(s) e passar ao módulo seguinte.

• **Instruções de cotação :**

Todas as perguntas feitas devem ser cotadas. A cotação faz-se à direita de cada uma das questões, envolvendo com um círculo a resposta correspondente do(a) entrevistado(a), seja “SIM” ou “NÃO”.

O clínico deve assegurar que cada um dos termos formulados na questão foi, de fato, considerado pelo(a) entrevistado(a) na sua resposta (em particular, os critérios de duração, de frequência e as alternativas “e / ou”).

Se tem questões ou sugestões, se deseja ser treinado(a) na utilização do M.I.N.I. ou informado(a) das atualizações, pode contactar:

David V Sheehan, M.D., M.B.A.
University of South Florida
Institute for Research in Psychiatry
3515 East Fletcher Avenue
TAMPA, FL USA 33613-4788
ph: +1 813 974 4544
fax: +1 813 974 4575
e-mail : dsheehan@hsc.usf.edu

Yves LECRUBIER, M.D. / Thierry HERGUETA, M.S.
Inserm U302
Hôpital de la Salpêtrière
47, boulevard de l'Hôpital
F. 75651 PARIS
FRANCE
tel: +33 (0) 1 42 16 16 59
fax: +33 (0) 1 45 85 28 00
e-mail : hergueta@ext.jussieu.fr

Patrícia AMORIM, M.D., PhD
N.A. P. S. Novo Mundo
Avenida Manchester 2000, Chácara 2
Jardim Novo Mundo
74703-000 – Goiânia - Goiás
BRASIL
Tel: + 55 62 524 18 02
+ 55 62 524 18 04
fax: + 55 62 213 64 87
e-mail: p.amorim@persogo.com.br

ANEXO 4

Homosexualities: religiosity and psychosocial identity in a Brazilian socio-cultural context

Ghorayeb, D. B. Dalgallarrondo, P. UNICAMP-State University of Campinas

Introduction

Considering the available social representations Western society delivers to gay and lesbians, it becomes clear that the development of these individuals' psychosocial identity is compulsorily impacted by negative stereotypes and hostile social environment (Stein, 2000).

According to these stereotypes on how to act and live, relevant conflicts are likely to come up regarding the basis of identity development. Focusing on consequences of prejudice and discrimination we arrive at the fact that there is an enormous disagreement between being homosexual and the most religious values supported by Western society, which means potential conflicts between the supposed gay, lesbian and religious identity (Wilcox, 2003).

Wilcox, (2002) developed a study in The United States, California, which investigated the dilemma experienced by homosexual individuals concerning their religiosity. This dilemma is frequently a familiar one, once the reality these individuals face at their churches and family context is based on the belief that the two identities are mutually exclusive, which brings them to the conclusion that one cannot be gay, lesbian and Christian.

Consequently, individuals from religious or even traditional backgrounds are obliged to make a decision, having to choose between two existential life paths. However, this study's conclusions claimed to emphasize the "religious individualism" as an important strategy to promote an integration process between both identities (Wilcox, 2002).

Such strategy seems to work as a personal appropriation of religious issues one can have, reinterpreting values and beliefs, and negotiating with one's self in order to allow him to integrate homosexual and Christian identities.

Dufour (2000) used the word "*sifting*" to describe a kind of selective religion identification process which supports the following patterns of identity development: inclusionist, transformationist and reinterpretationist.

These studies certainly bring new perspectives to comprehend identity negotiation and constructions. Roof (1999) highlights strategies individuals choose in order to avoid oppression by the social hegemonic discourse that usually has an impact on psychosocial identity development: "People make choices, selectively engage scripts and practices, reflect upon themselves as meaning-making creatures. In this process biography and faith traditions interact to produce discursive strategies towards religion".

Regarding homosexuality in the Brazilian socio-cultural context according to a recent study carried out by Abdo (2004) involving 2,977 Brazilian women and 3,597 Brazilian men, 2,4% of the women defined themselves as homosexuals and 0,9% as bisexuals. Meanwhile 6,1% of the men defined themselves as homosexuals and 1,9% as bisexuals.

These numbers may seem revealing compared to what is expected by Brazilian society, once it is possible to affirm that homosexuals in Brazil have not conquered an expressive visibility, although the correspondent political movement has grown considerably in the last decade (Facchini, 2002).

According to this reality and generalizing about homosexuals' life style in Brazil, it may be assumed that these individuals, at many situations still keep themselves into small social groups, which are exclusively formed by homosexual individuals, instead of developing relationships or including themselves into social groups, which are not organized according to sexual orientation. Such reality seems to be the same when the social groups composed by heterosexual individuals are analyzed. Therefore, Brazilian society seems to be organized according to some stereotypes, which are probably based on an essentialist idea about heterosexuality and homosexuality (Costa, 1992).

Considering religion in Brazil, the growth of Evangelical churches, mainly Pentecostal ones and their members is one of the most remarkable socio-cultural phenomena in contemporary Brazilian society (Jacob et al., 2003). In the 1940's, this percentage was 5,2%; in the 1980's it jumped to 6,6%, and by the 1990's, they represented 9.1% of national population (Jacob et al., 2003). In the last census (IBGE, 2000), Protestants/Evangelicals accounted for 15.4% of the population. Similar social changes in religious profile have occurred in other developing countries in Latin America, Africa and Oceania, specially concerning the considerable increase of new Evangelical churches (Casanova, 2001).

As in most Western nations, the group of individuals who identify themselves as not having a religion has also grown considerably in recent decades. They composed 0.2% of the population in 1940, 1,6% in 1980, and jumped to 7.3% in the 2000 census (Jacob et al., 2003).

In spite of this fact, a considerable sub-group of individuals self-identified as non-religious has their religiousness indeed, which seems to be developed in a very particular way, according to personal values. Many homosexuals in Brazil are part of this sub-group (Facchini, 2002).

Brazilian social scenery concerning homosexuality does not seem to differentiate from others in Western society, since it has produced a discourse, which carries the message based on prejudice, reproducing the connection among homosexuality, inferiority, sickness and sinful, promiscuous behavior. Such messages demonstrate the impact of Brazilian ethos concerning "Latin-Macho" values, which are certainly present in this culture.

According to Wilcox, (2003) the medical and religious views of homosexuality are certainly found beyond the temples and old medical manuals, since these views have their impact on cultural values of groups that interact constantly, such values and sometimes implicit messages diffuse throughout society at large.

As a consequence of Brazilian societal discourse about homosexuality, gays and lesbians have certainly been touched by the implications of having to choose from possible strategies, which may or may not lead these individuals to a creative and self-affirming construction of their psychosocial identity and religiosity.

The necessity of research development regarding the interaction between homosexuality and hostile social context, and its influences on gay and lesbian psychosocial identity development has become a fact, nevertheless there is a clear gap when considering studies about such topics in Brazil and other developing countries.

Therefore, in order to study this population in a local context, focusing specially on religiosity, identity and discrimination, this research has been carried out aiming at the development of empirical knowledge regarding the psychosocial identity construction of these individuals.

Methods

Sample

Between March and October 2005 we conducted a cross-sectional study by means of extensive interviews of 120 individuals (60 were self-identified as homosexuals and 60 were self-identified as heterosexuals).

Snowball sampling was used in order to recruit participants. It began by direct contacts and asking each participant to recruit others. According to this method this study investigated individuals who mostly belong to middle class, with middle and high educational level. This profile is not representative in terms of Brazilian society in general.

The inclusion criteria for both groups were the minimum age of 18 and the self-identification of participants as having defined homosexual or heterosexual orientation. As both gender individuals were recruited, the final sample representation was 31 (51,7%) homosexual women and 29 (48,3%) homosexual men compared to the same percentage of heterosexual individuals. The two groups were paired according to gender, age and educational level.

This study was divided into two sub-studies: the present one, which is a qualitative analysis of homosexuals and heterosexuals' narratives, and a quantitative comparison of these groups regarding quality of life and mental health. The second sub-study will be presented elsewhere.

Instruments and Procedures

Each participant was interviewed individually, and was asked to answer questions, which investigated social outcomes, religiosity, discrimination, and psychosocial identity. The assessment of data was obtained through three questionnaires, which were particularly designed to investigate these issues.

In order to analyze the narratives, according to the most recurrent answers and most significant theoretical perspectives, the whole content was separated into five highlighted aspects: prejudice and discrimination, pride and shame concerning the sexual orientation, religiosity, religious selective identification, and psychosocial identity. The analysis firstly focused on these themes toward the identification of main messages through the general narratives.

Secondly, such themes were separated according to subgroups: homosexual men, homosexual women, heterosexual men and women. This procedure aimed to enable a perception and discrimination of particular issues present in the discourses of each group.

Thirdly, the analysis turned its focus to the specific content of each individual's discourses. Being attentive to content allowed the identification of sub themes, which were shared by two or more subgroups, or belonged to a particular one.

The second and third steps of qualitative analysis of narratives were repeated by two other researchers in order to accomplish a triangulation, aiming at an improvement of qualitative analysis accuracy.

Associations, among all focused aspects, privileged a synthesis of the psychosocial identity construction process and religiosity, concerning this particular group of individuals studied in a Brazilian social context.

Ethic Aspects

Participants remained anonymous and a written informed consent was previously obtained. This study was approved by the Medical School (State University of Campinas Research Ethics Committee) prior to its beginning.

Results

According to the analysis of the narratives it was possible to get to some interpretations. First the narratives were separated by specified topics, which were investigated during the interviews:

- 1- Feelings of pride and shame related to the sexual orientation;
- 2- Religiosity;
- 3- Prejudice and discrimination;
- 4- Psychosocial identity

1- **Pride and shame related to the sexual orientation:** this topic was firstly analyzed based on the speech of homosexual men, which reveals that the pride of sexual orientation may work as a positive strategy in order to develop self acceptance, apart from other important impacts over the way these individuals deal with their orientation.

Question: Have you ever felt proud of your sexual orientation?

(homosexual men)

- *“Yes, a little, because gays who came out of the closet and faced the violence against themselves give us reasons to be proud, because they were brave enough to fight for equal rights.”*

- *“Yes, because although everybody was against me, I got to stand up for my sexuality.”*

It is possible to understand that the identification with the group, where these individuals share their sexual orientation may work as a possibility to build up a place for homosexuality in the social imaginary (Woodward, 2000).

At the same time, this pride may legitimate the self identification of these individuals with a suffering position based on the social segregation, sticking to an unchangeable discourse, which is kept by these individuals and the society where they are represented.

Considering the narratives of homosexual women, curiously there is a criticism towards the homosexual pride, which was identified in the following material:

- *“I think I’ve never been proud because I don’t think that being gay is something to be proud of, it is just another feature as any other.”*

- *“I don’t think that there is a reason to be proud of being gay, nor of being a doctor, or an actor, of being an outsider, it doesn’t make sense to me, even when I think of the social fight for equal rights.”*

- *“This thing about sexual orientation is not what leads my life, I’ve never been proud, but I do feel a kind of harmony when I think of my sexuality.”*

Considering the relation between the gay pride and social movements (Silva, Hall & Woodward, 2000), in this group as well as in other contexts men seem to participate and support the fight for homosexuals' visibility, while the criticism of homosexual women seem to show how they refuse to accept and fit the social place conquered by homosexual men (Butler, 1990).

This fact seems to emphasize the historical impact of the association between feminism and women's homosexuality, which should be considered as a relevant issue regarding the identity development process of homosexual women in Western society.

Consequently, it is mandatory to highlight the fact that added to these women's identity construction, there was a previous challenge, which refers to the political movement towards "women's liberation", in the second half of the twentieth century (Butler, 1990).

Finally it is possible to think over the implications of history and culture, once these women's concept of homosexuality seem to be more related to the private aspect of their lives, instead of centrally related to a social dimension (Theborn, 2006).

As for feeling shame about their sexual orientation, homosexual men presented narratives in which they emphasized it related to family members, the disappointment their orientation may have caused, and joining a social group as a positive strategy to deal with shame.

Question: Have you ever felt shame related to your sexual orientation?

(homosexual men)

- *"Yes, a little, because I knew that it was not what they expected from me, but It happened long ago, when I was determined by my family's way of looking at myself."*

- *"I only felt ashamed of my grandfather, who helped my mom to bring me up, because he got suspicious and I know he wanted something else from me, like being macho."*

- *"I've already felt shame, I used to think I was weird, that I had a kind of problem, but all this simply disappeared when I met friends in the gay world, then I realized I was not crazy at all."*

What seems to be highlighted is a kind of process in which these individuals cannot get rid of the microcosm judgment. Nevertheless, a new possibility is opened up through the discovery of a microcosm represented by the social group, which provides a chance of sharing the same matters and a more positive self identification, legitimated by a group (Silva, Hall & Woodward, 2000).

According to homosexual women, the shame related to sexual orientation hides the ideas of sin and sickness.

- *"Yes, a lot, because I used to think I was sick, and when my mom found out about me, she repeated the same thing over and over."*

- *"I think I was ashamed of myself, I knew people were not like me and I used to believe what I felt was a sin, and then I could never talk to anyone about it."*

These narratives indicate a supposition of the reality of the impacts and consequences of the medicine's domain related to human sexuality, taking this aspect as an object of study, conquering the power of deciding about what is or is not normal concerning human sexuality (Cabaj & Stein, 1996). The relation between homosexuality and sin suggests an implication of the Jewish-Christian cultural tradition towards women's sexuality (Theborn, 2006).

2- **Religiosity:** this topic was investigated focusing the homosexual and the heterosexual groups.

Question: What is God to you? Why do you pray?

The narratives of homosexual men point to the experience of what is called “religious individualism” (Wilcox, 2002). This phenomena may be understood as an experience of religiosity, which allows the individuals to build up a particular relationship between dogmas and doctrines present in the religion they elect and their personal matters.

- *“I think God is a different thing to each one, even when people belong to the same religion.”*

- *“I wouldn’t say I pray as most people do, I do it my way in order to feel in peace with something else and myself.”*

Thinking over the “religious individualism”, mainly focusing the homosexual group, it is possible to notice that what is present, as well, is an identity negotiation, once this type of religiosity allows the integration of both aspects of identity: gay and Christian, what is not usually accepted in Western society (Wilcox, 2003) (Dufour, 2000).

It seemed clear that the homosexual and heterosexual groups had very different concepts of God:

(homosexuals’ narratives)

- *“God is the energy that leads the world.”*

- *“God is something that we can’t explain.”*

- *“It is a transcendental energy.”*

(heterosexuals’ narratives)

- *“God is the savior.”*

- *“God is a superior being.”*

- *“God must be an example, a guide to my life, showing the right decisions.”*

The difference points to a personification of God by the heterosexuals, while the study group experiences and concepts God as a transcendental energy. Focusing on the homosexuals’ narratives, it is possible to suggest that the conception of God as transcendental may be related to the fact that a God of this kind does not impose any kind of doctrine or normative behavior.

Finally, this seems to be another possibility of identity integration.

3- **Prejudice and discrimination:** the following narratives are related to the way the study group’s individuals perceive their relations established with different social groups.

Question: Have you ever been discriminated because of your sexual orientation?

The following narratives emphasize the religious prejudice against homosexuality and the homophobia, which is present in society and can be internalized by the individuals.

(homosexual men)

- *“Maybe some times I thought everything went wrong for me just because I was gay, but in the end, I don’t remember when I really noticed prejudice against me.”*

- **“Prejudice is so common that when it is not there, we end up creating it inside our minds.”**

- *"It is no easy when you talk differently and people wonder about you, sometimes I get this and I know it is from my own imagination, but I don't do it alone, prejudice is really there."*

Thinking about the internalized homophobia suggests that a special attention should be paid to the fact that it is not a direct result of the interaction between the individual and the environment. More than that, it has something to do with the psychological processes, related to the concept of the dialectics of positive and negative identities assumed by an individual, according to the social context (Erikson, 1970).

Homosexual women highlight the perception of people's look at them, which seems to be connected to the feeling of shame related to the ideas of sin and sickness about their sexual orientation.

- *"It is impossible no to notice the prejudice, if you demonstrate anything in public, you can see how people look at you as if you were an ET."*

- *"Everywhere there's that kind of look at you, I have suffered with it."*

- *"At college they used to keep an eye on me and on my friends."*

-

The matter of being seen by others comes up connected to the idea that this look is denouncing something wrong. Considering the word used to designate a heterosexual in English: straight, which means something correct, linear, the opposite of it is directly linked to the idea of wrong, and these conceptions cannot be controlled, because they come from language, from the discourse of a culture (Silva, Hall & Woodward, 2000).

4- Psychosocial Identity: the narratives include topics related to the period of life the individuals identified their sexual orientation, how they concept the impact of it on the development of an individual and how they feel about having their sexual orientation.

Question: How old were you when you became aware of your sexual orientation?

(homosexual men)

- *"I don't know, maybe since I was a child."*

- *"I've always felt this way, there was no discovery at all."*

- *"I can't tell about an age, I think it was in my childhood."*

(homosexual women)

- **"I think I was a teenager."**

- *"I was 23 I guess."*

- *"I don't remember, but it was between 30 and 35 years old."*

- *"I was 16."*

- *"I think I was 18, I had already dated some boys."*

- *"I was 20."*

The fact that women became aware of their sexual orientation later than men can suggest, that one of the hints for it may be the way the Western culture socializes women. This means that the intimacy and physical contact among women is not only permitted, but stimulated, once our culture preserves a speech about how emotional and sensitive women are supposed to be, contrasting with the behavior, which is expected from men. Therefore, the late awareness may be partly explained by cultural features (Theborn, 2006).

Question: How much do you believe the sexual orientation determines an individual?

(homosexual men and women)

- *“Sexuality is absolutely irrelevant in terms of the kind of person you can be.”*
- *“I think sexual preference is not what makes a good person, people are the same.”*
- *“In spite of the sexual orientation, everybody is the same.”*

What is clearly demonstrated is a denial of the difference working as a way to minimize prejudice, at the same time that being equal creates the feeling of belonging to a major group, instead of dealing with a difference that keeps these individuals as outsiders. Furthermore, there is an important impact of the belief of equality between homosexuals and heterosexuals

Discussion/Conclusion

The line separating the purposes of pride related to homosexuality and how each individual experiences this feeling is too thin and difficult to grasp. Considering the pathway each one is able to build up in terms of psychosocial identity, it might be even more difficult. However, this research seems to have revealed aspects which may be hidden through affirmatives of possible strategies found out as solutions to avoid suffering caused by prejudice. Out of the entire research, what posed more impact were the internalized discourses, which were never clear enough for anyone to be totally aware of their contents and consequent influences in ones' identity development or even attitudes in a life course.

On the other hand, the women who took part in this research demonstrated that the experience of homosexuality is not an aspect which is supposed to be shared, which may point to an intimate experience of sexuality according to the way women have been socialized in Western society, as Theborn, (2006) emphasizes.

The same fact about women' sexuality seems to demonstrate the influence of culture discourse through generations, which is also demonstrated when these individuals relate homosexuality to sickness or sin.

Considering Wilcox, (2002) the “religious individualism” brings a possible negotiation among opposite aspects of identity and religiosity, which does not include the individual into a group, but on the contrary, makes a creative exercise of self and belief construction possible, being partially shared with a group, once religion is a social phenomena.

In Brazil the presence of homosexual churches is extremely rare, and what is called “religious individualism” in this country cannot be compared as exactly the same phenomena studied by Wilcox in the United States. One of the main reasons seems to be the cultural difference, and maybe the most essential one is the presence of these churches all over the state of California, where her research took place. Nevertheless, the identity negotiation process, based on the selective religiosity is clearly present in the individuals of the present research concerning religion.

According to Brazilian culture, it is possible to highlight some features, which seem to be relevant in terms of the way Brazilians deal with sexual orientation and sexuality at large. As many other subjects, the sexuality is experienced as an ambivalent issue, which can be noticed by the ambiguous behavior Brazilians demonstrate through the worshiping of body beauty and the unrevealed prejudice against homosexuality, for instance.

By this fact it becomes possible to establish some other characteristics of Brazilian cultural context: the relative weakness of the concept of “individualism” as it is disseminated in The

USA, and its correspondent respect for each one's choices and behaviors, as well as the absence of the sense of political correctness. At last, regarding the religious context in Brazil there are "homosexuals in the churches", while in The USA "there are churches for homosexuals".

Consequently, it is clear that the very diverse cultural contexts may impact the results of the present study when compared to the one carried out by Wilcox, (2003) in California.

Moving a bit further, would it be possible for an individual who is member of a homosexual church to get rid of the shared discourse and be able to carry out a satisfactory identity negotiation? It is essential to emphasize that the "satisfactory negotiation" is supposed to correspond to a partially shared process which still leaves a clue to each one who looks for a constant identity development process.

All the ideas described above were formulated in order to question a possible belief in a complete or even simplified comprehension about the depth of the experience of belonging to a minority group, meaning the experience of being an outsider, subject that must be approached according to each cultural context.

Therefore, the present study may be useful in terms of Brazilian production about this subject, which certainly demands further researches, once the results obtained can only be representative to a certain group of Brazilian homosexuals due to the method used to recruit these individuals .

References:

- Abdo, C. H. N.** Estudo da Vida Sexual do Brasileiro (EVSB). Bregantini- São Paulo, 2004.
- Butler, J.** Gender Trouble: Feminism and the subversion of Identity. Routledge, Chapman & Hall, 1990.
- Cabaj R. P., Stein T. S.** Textbook of Homosexuality and Mental Health. Washington DC American Psychiatric Press, 1996.
- Costa F. J.** A inocência e o vício: Estudos sobre o Homoerotismo. Relume Dumará- Rio de Janeiro, 1992.

A Face e o Verso Estudos sobre o Homoerotismo II – Escuta – São Paulo, 1995.
- Casanova, J.** Religion- the new millennium and globalization. Sociology of Religion 62,4: 415-41, 2001.
- Dufour, L. R.** Sifting through tradition: The creation of Jewish feminist identities. Journal of the Scientific Study of Religion 39:90-106, 2000.
- Erikson, E.** Identity: Youth and Crisis. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- Facchini, R.** Sopa de Letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. (Dissertação- Mestrado- Universidade Estadual de Campinas)
- Hall, S.** The question of cultural identity, in: S. Hall, D. Held e T. McGrew. Modernity and its futures. Politic Press/Open University Press, 1992.
- Jacob et al.** Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil. Edições Loyola, São Paulo, 2003.
- Roof, W. C.** Spiritual Marketplace: Baby boomers and the remaking of American religion. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1999.
- Silva, T. T.; Hall, S.; Woodward, K.** Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- Stein, S. T.** Psychiatry and Homosexuality – in Gay Histories and Cultures: An Encyclopedia vol.II Garland Publishing, 2000.
- Theborn, G.** Between Sex and Power: Family in the World, 1900-2000. Routledge, 2006.
- **Wilcox M. M.** When Sheila's a lesbian: religious individualism among lesbian, gay, bisexual and transgender Christians- Sociology of Religion 63(4): 497-513, 2002.

Coming Out in Christianity Religion, Identity and Community – Indiana University Press – Bloomington 2003.

ANEXO 5

HomosexualitieS: Mental Health and Quality of Life in a Brazilian Socio-cultural Context

HomossexualidadeS: Saúde Mental e Qualidade de Vida em um Contexto Sócio-cultural Brasileiro

1-Daniela Barbetta Ghorayeb 2- Paulo Dalgarrondo

1- Mestranda em Ciências Médicas - Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria- FCM- UNICAMP

R. Dr. Carlos Guimarães, 248 ap. 14 Cambuí cep 13024200 Campinas-SP Brasil (19) 21211989 fax (19) 32957418

2- Professor Titular- Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria-FCM- UNICAMP

Esta pesquisa recebeu o apoio do CNPq.
(processo nº 133590/2005-4)

Abstract

The following study has focused on the production of empirical knowledge regarding homosexualities in the Brazilian social-cultural environment. These dimensions have been considered: mental health, life quality, religiousness and psychosocial identity. Objective: Investigation and comparison of prevalence of mental disorder and quality of life between a group of homosexual individuals and a group of heterosexual individuals. Methods: quantitative methods, and a comparison between the study group and the contrast group, according to gender, age and education have been applied. Instruments: data have been gathered through the appliance of M.I.N.I Plus and WHOQOL Bref. Conclusion: a higher prevalence of mental disturbances and attendance at mental health services by the homosexual group have been verified, when compared to the contrast group. A possibility of impact on the mental health as a result of discrimination is suggested.

Key words: homosexuality, mental health, quality of life and discrimination

Resumo

Esse estudo privilegiou a produção de conhecimento empírico acerca das homossexualidades no meio sócio-cultural brasileiro. Consideraram-se as dimensões: saúde mental; qualidade de vida; religiosidade e identidade psicossocial. Objetivo: investigar e comparar a prevalência de transtornos mentais e qualidade de vida entre um grupo de sujeitos de orientação homossexual e outro de orientação heterossexual. Métodos: Foram aplicados métodos quantitativos, com pareamento do grupo de estudo com um grupo contraste, a partir do gênero, idade e escolaridade. Instrumentos: Os dados obtiveram-se através da aplicação do M.I.N.I. Plus e WHOQOL Bref. Conclusão: verificou-se maior prevalência de transtornos mentais e busca por serviços de saúde mental no grupo de sujeitos de orientação homossexual comparando-o com o grupo contraste. Aponta-se para a possibilidade de impacto das experiências de discriminação vividas pelos sujeitos sobre a saúde mental dos mesmos.

Palavras-chave: homossexualidade, saúde mental, qualidade de vida e discriminação

Introduction

Recent studies based have suggested a vulnerability of homosexual individuals to depression, drug addiction when compared to heterosexual individuals^{1 2 3} □. A review on relevant studies from the 80's stated that the greater occurrence of mental disorder in homosexual groups compared to heterosexual ones seems to be related to life events (discrimination)□.

Another study about mental disorder prevalence investigated a group of 1.285 homosexual individuals reaching the following results: 43% had a mental disorder as defined by the Revised Clinical Interview Schedule (CIS-R). Out of the whole sample, 31% had attempted suicide□.

A recent research addressing mental health and quality of life homosexuals included 656 gay men; 505 heterosexual men; 430 lesbians and 588 heterosexual women. Gay men were more likely than heterosexuals to score above the threshold on the CIS-R, suggesting greater levels of psychiatric disorders. The same was indicated in a comparison between lesbians and heterosexuals. Thus, homosexuals were more likely to have consulted a mental health professional□.

The necessity of research development regarding mental health and quality of life in homosexual groups is clear; nevertheless there is a gap considering studies about such topics in Brazil. Therefore, in order to study this population in a Brazilian social context this research has been carried out aiming the development of empirical knowledge regarding the occurrence of mental disorder in a homosexual group compared to a heterosexual one.

Methods

This study was conducted by means of individual interviews of 120 individuals (60 self-identified as homosexuals and 60 were a matched group self-identified as heterosexuals). Snowball sampling was used.

The inclusion criteria were the minimum age of 18 and the self-identification as homosexual or heterosexual. The final sample representation was 31 (51,7%) homosexual women and 29 (48,3%) homosexual men. The control group was paired according to gender, age, and educational level. Quality of life, mental health, and social outcomes were investigated. Data concerning quality of life was obtained through WHOQOL Brief.

Mental health was assessed by M. I. N. I. Plus Brazilian Version 5.0.0. (diagnostic interview compatible with DSM-IV and ICD-10 criteria). In order to investigate psychological suffering and psychosocial identity, questions were formulated.

Results

Both groups were composed by 31 women (51,7%) and 29 men (48,3%). The age reached a mean of 30 years old (SD 7,6). The study group revealed that 27 of its individuals had completed high school (45%) and 33 had graduated at university (55%), while the control group, had 22 individuals who had completed high school (36,7%), and 38 had graduated at university (63,3%).

The monthly income of the study group had a means of R\$ 2.781,00 (SD 1.516,63) and the control group R\$ 2.674,00 (SD 1.296,00). About the ethnics the study group presented 58 Caucasian individuals (96,7%) and 3 black (3,3%). The control group presented 55 Caucasians (95%) and 3 black individuals (5%).

Table I: Mental disorder prevalence and search for mental health services

Mental disorder prevalence	Study Group		Control Group		Total		p ($< 0,05$)
	n	%	n	%	n	%	
Positive cases	25	41,7	14	23,3	39	32,5	0,034
Major depression	20	33,3	11	18,3	31	25,8	0,060
Suicide risk	10	16,8	1	1,7	11	9,2	—
Search for mental health services	34	56,7	16	26,7	50	41,6	0,001
Use of psychiatric medication	23	38,3	12	20,0	35	29,1	0,022
Psychotherapy	32	53,33	12	20,0	44	36,6	0,000

Discussion

Although some methodological flaws are present in this investigation, this is inherent to both the group studied and the issues addressed, this kind of study (epidemiological surveys on minority groups in developing countries) is scarce.

The sample is modest, although the control group was carefully matched in order to obtain an accurate comparison. In Brazil and countries alike there is not a significant number of studies, which focus on homosexuality and mental health. On the other hand, studies like the present one have been carried out in developed countries^{7 6}.

In order to refer to the frequency of homosexuality in Brazilian society, it is important to consider two methodological hurdles. The first one concerns the definition of homosexuality, since there is not a strict demarcation between homosexual, heterosexual, and bisexual individuals^{8 9 10}. The more complex bias is the reluctance of individuals to talk about their sexual orientation.

Though a recent study involving 2,977 Brazilian women and 3,597 Brazilian men, revealed that 2,4% of women self defined as homosexuals, 0,9 as bisexuals, 6,1% of men self defined as homosexuals, and 1,8% as bisexuals¹¹.

Another research was carried out when 2,881 gay men were interviewed , and it was found that 21% had planned suicide; 12% had attempted suicide. Most of these suicide attempts had happened before the age 25¹².

Investigations concerning self-harm and homosexuality have brought evidence of this association in a study involving 946 individuals¹³. Recent studies that have investigated mental disorders in homosexual individuals have interpreted their results by pointing to an association between mental disorder and prejudice, discrimination, lack of familiar and social support¹⁴.

According to the literature, the present study reached a conclusion, which emphasizes the association between homosexuality and higher prevalence of mental disorder. Furthermore, this must be considered in terms of the impact of discrimination experiences.

Finally, future studies are compulsory in order to develop empirical knowledge about this theme in developing countries.

References

- 1-Hershberger, S. L. & D'Augelli, A. R.** The impact of victimization on the mental health and suicidality of lesbian, gay and bisexual youth. Developmental Psychology, 67, 65-74, 1995.
- 2-Fergusson, D. M.** Is sexual orientation related to mental health problems and suicidality in young people? Archives of General Psychiatry, 56(10): 876-880, 1999.
- 3-Lock, J., Steiner, H.** Gay, Lesbian and bisexual youth risks for emotional, physical, and social problems: results from a community-based survey. American Journal of Children Adolescent Psychiatry, 38(3):297-304, 1999.
- 4-Cochran, S. D. & Mays, V.** Lifetime prevalence of suicide symptoms and affective disorders among men reporting same-sex sexual partners. American Journal of Public Health, 90, 573-578, 2001.
- 5-Mc Coll P.** Homosexuality and mental health services- British Medical Journal 308: 550-551, 1994.
- 6-Warner, J., McKeown, E., Griffin, M., Johnson, K., Ramsay, A., Cort, C. e King, M.** Rates and Predictors of Mental Illness in Gay Men, Lesbians and Bisexual Men and Women – British Journal of Psychiatry 185, 2004.
- 7-King, M., McKeeown, E., Warner, J., Ramsay, A., Johnson, K., Wright, L., Cort, C. e Blizard, R.** Mental Health and Quality of Life of Gay Men and Lesbians in England and Wales – The British Journal of Psychiatry, 183 2003.
- 8-Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E.** Sexual Behavior in the Human Male. Saunders, Philadelphia, 1948.
- 9-Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., Gebhard, P. H.** Sexual Behavior in the Human Female. Saunders, Philadelphia, 1953.
- 10-Stein, S. T.** Psychiatry and Homosexuality – in Gay Histories and Cultures: An Encyclopedia vol.II Garland Publishing, 2001.
- 11-Abdo, C. H. N.** Estudo da Vida Sexual do Brasileiro (EVSB). Bregantini- São Paulo, 2004.
- 12-Paul, J. P., Catania, J., Pollack, L., Moskowitz, J., Canchola, J., Mills, T., Binson, D.** Suicide Attempts Among Gay and Bisexual Men: Lifetime Prevalence and Antecedents American Journal of Public Health. Aug vol.92, nº 8, 2002.

13-Skegg, K., Nada-Raja, S., Dickson, N., Paul, C., Williams, S. Sexual orientation and self-harm in men and women. American Journal of Psychiatry. Mar; 160 (3): 541-546, 2003.

14-Mc Andrew, S. Warne, T. Ignoring the evidence dictating the practice: sexual orientation, suicidality and the dichotomy of the mental health nurse. Journal of Psychiatry Mental Health Nursing. Aug; 11(4): 428-434, 2004.